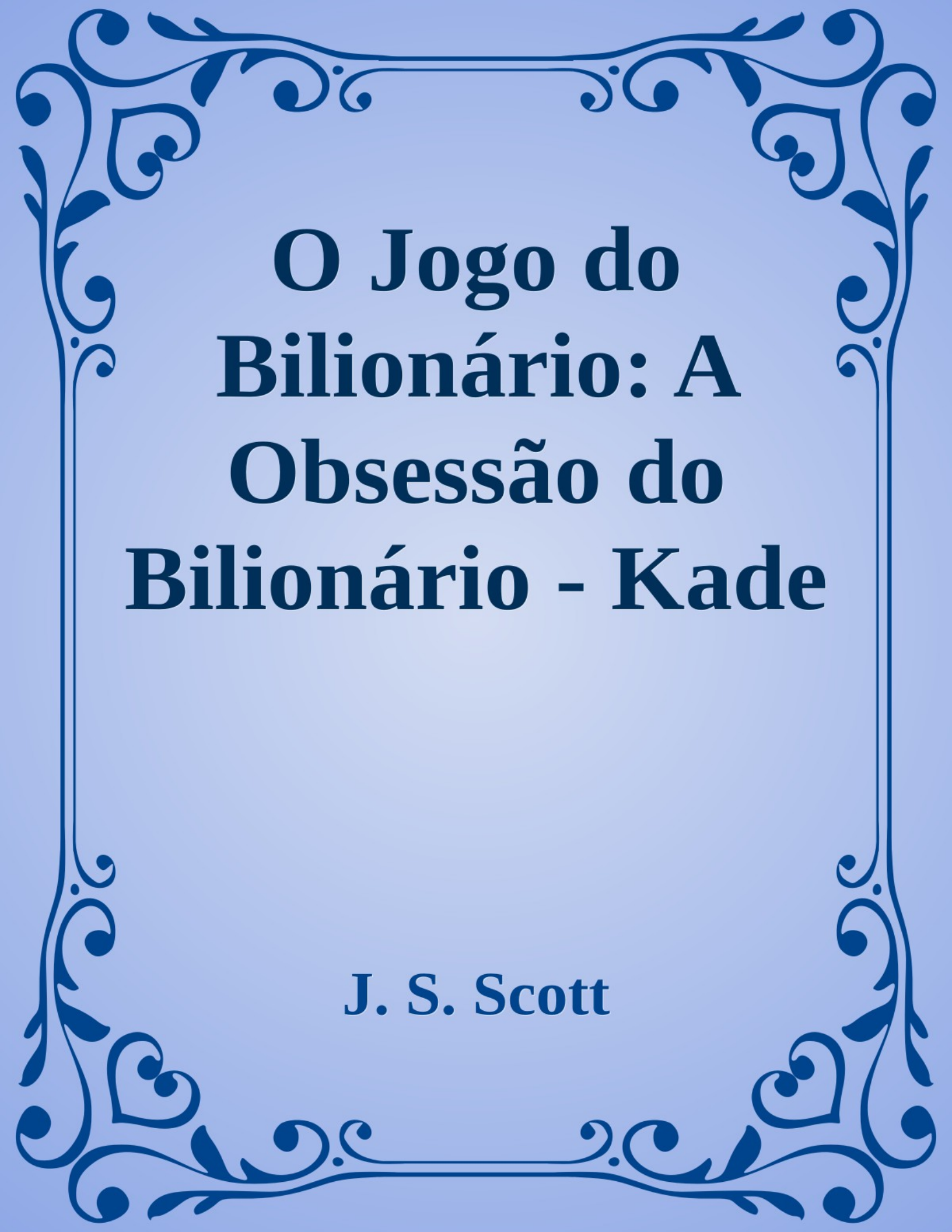


A decorative blue floral border with intricate scrollwork and leaf patterns frames the entire page. The border is composed of four main sections, one in each corner, with smaller scrollwork elements connecting them along the top, bottom, and sides.

O Jogo do Bilionário: A Obsessão do Bilionário - Kade

J. S. Scott



A
OBSESSÃO
DO
BILIONÁRIO

O
JOGO
DO BILIONÁRIO
Kade

AUTORA BEST-SELLER DO NY TIMES E DO USA TODAY

J.S. Scott



O Jogo do Bilionário

A OBSESSÃO DO BILIONÁRIO

Kade

J. S. SCOTT

Autora best-seller do NY Times e do USA Today

O Jogo do Bilionário

A Obsessão do Bilionário - Kade

Copyright© 2017 de J.S. Scott

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste documento pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia por escrito da Autora.

Tradução – Christiane Jost

Editado por Faith Williams – The Atwater Group

Desenho da capa de Cali MacKay – Covers by Cali ISBN: 978-1-946660-07-7 (versão impressa)

ISBN: 978-1-946660-06-0 (versão eletrônica)

Nota da Autora:

Este livro é dedicado às minhas duas pessoas favoritas com sangue telugu: minha querida amiga Rita e meu marido Sri. Obrigada pela ajuda e pela perspectiva sobre a cultura indiana. Vocês são extraordinários e foram o vento que me fez alçar voo quando precisei de apoio. Obrigada por responder às minhas perguntas infundáveis sobre a cultura e a história indianas com tanta paciência.

O ano anterior foi incrível para mim e eu gostaria de agradecer a todos os meus leitores que continuam a se apaixonar por meus bilionários alfa.

Vocês são um apoio maravilhoso. Agradeço a cada um de vocês por ajudar a transformar meus sonhos em realidade!



Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Epílogo](#)

[Biografia](#)



Sul da Califórnia, dois anos antes

A mulher surrada e ferida caída no chão da sala de estar do apartamento gemeu fracamente, mal consciente depois da surra que levava do marido.

Ela tentara se esconder, estar em qualquer aposento que não fosse aquele em que o marido estivera quando ele chegara do trabalho naquele dia. De forma estranha e triste, ela começava a perceber exatamente quando sentiria a dor da fúria dele. Em tempos recentes, isso acontecera com cada vez mais frequência, frequentemente por motivos que ela não conseguia entender com exatidão. Não respondia a ele, não era desobediente e fazia todas as tarefas de casa. Mas não parecia importar. Sempre havia alguma infração, algo que fazia com que merecesse alguma punição.

Sobreviva! Sobreviva! Sobreviva!

Abrindo um olho inchado, ela se levantou, sentindo muita dor. O marido saíra de casa em um acesso de fúria. Chegara a hora. Se não saísse logo, ela sabia que chegaria um dia em que não conseguiria mais se levantar e ir

embora. Sua resistência acabara, mas a vontade de viver era mais forte que a culpa e a vergonha.

Corra! Corra! Corra!

Cambaleando até o armário, ela reuniu alguns itens essenciais e colocou-os dentro de uma mochila velha. Em seguida, pegou a bolsa, que tinha menos de cinquenta dólares no interior, e voltou dolorosamente até a sala de estar, parando ao ouvir passos pesados no corredor.

Ele voltou? Por favor, não deixe que seja ele.

Prendendo a respiração, ela esperou até que os passos seguissem além da porta do apartamento. O corpo inteiro tremeu de alívio quando ela soltou o ar e colocou a mão trêmula na maçaneta da porta. Tirando o chaveiro da bolsa, ela o largou sobre a mesa ao lado da porta, um símbolo para si mesma de que nunca voltaria. O que acontecesse no futuro teria que ser melhor do que o passado.

Ela estava sozinha.

Estava ferida.

Estava quebrada, tinha menos de cinquenta dólares.

E estava com medo.

Mas nada daquilo a deteria naquele momento. Dando uma última olhada rápida no apartamento, ela percebeu que nada ali lhe pertencia e que aquele lugar nunca fora seu lar. Fora seu inferno, sua prisão. Ela não tinha nada a perder. Encontraria uma forma de sobreviver por conta própria.

Sobreviva! Sobreviva! Sobreviva!

A mulher fugiu sem olhar para trás, com a esperança de deixar para trás a história dolorosa.



Capítulo 1



Kade Harrison sempre gostara de jogos. Talvez até pudesse dizer que vivia e respirava só para participar de praticamente todos os tipos de eventos esportivos. Era uma coisa em que era bom, a única coisa em que sempre se saía bem, e não gostava de perder. Infelizmente, perdera durante os dois meses anteriores e isso estava começando a deixá-lo furioso.

Onde diabos ela está?

Rastrear Asha Paritala quase se tornara um esporte competitivo. Kade trabalhava havia dois meses em encurralar Asha, viajando de um lado do país ao outro, mas sempre ficando de mãos vazias. Ele estava perdendo aquela competição em particular e não gostava disso. A mulher era esperta, escapando antes que ele conseguisse alcançá-la. Kade não tinha dúvidas de que ele e Asha brincavam de gato e rato e de que ela o estava evitando. Ele deixara tantas mensagens em tantos lugares que ela certamente recebera pelo menos uma delas. Ela o evitava por algum motivo desconhecido, mas o gato pretendia atacar. Assim que conseguisse encurralar o rato fugidio.

Kade entrou no quarto do hotel em Nashville, tirou o boné de beisebol e caiu sobre a cama imensa com um suspiro. Ele teria que telefonar para o cunhado Max e avisar que falhara... novamente. Asha tinha acabado de sair do abrigo para sem-tetos, alguns minutos antes de ele chegar, e ninguém sabia para onde fora. Ela deixara os poucos pertences para trás e Kade tinha alguma esperança de que voltasse, mas ninguém no abrigo a conhecia.

Também não sabiam onde ela estava nem se voltaria.

Vale tudo nesta perseguição e para ganhar este jogo. Tenho uma notícia para você, ratinho: sei jogar sujo. Você sabe onde as suas coisas estão...

venha buscá-las.

Sorrindo, Kade rolou sobre a cama e pegou a mochila com os pertences de Asha. Ele brigou com a própria consciência apenas por um momento sobre pegar as coisas dela e deixar uma mensagem indicando onde poderia buscá-las. Ele as devolveria se e quando ela aparecesse. Enquanto isso, usaria qualquer pista que conseguisse encontrar para descobrir exatamente quem ela era e se havia alguma chance de que fosse a irmã perdida de Max.

Ele perdera dois meses fazendo aquele favor ao cunhado, procurando uma mulher que não conseguia conhecer e que talvez fosse parente de Max, e pretendia terminar o serviço. Apesar de o irmão gêmeo Travis fazer a maior parte do trabalho da Corporação Harrison em Tampa, Kade tinha algumas responsabilidades que insistira em assumir quando a carreira de jogador de futebol terminara. Em algum momento, teria que voltar a Tampa.

Ele fez uma careta ao se levantar da cama. A perna direita doía depois de dois meses procurando incessantemente uma mulher, que começava a achar que não passava de um fantasma, uma ilusão. Mas ele sabia que Asha Paritala existia, que era real, e estava determinado a encontrá-la. Maddie e Max mereciam saber se aquela mulher era irmã deles. Não importava o fato de não ter conseguido ainda colocar os olhos em Asha. Isso aconteceria. Em breve. De alguma forma, ele quase não queria que a busca terminasse.

Sentira-se mais vivo nos dois meses anteriores do que desde o acidente.

Aquele jogo com a mulher desconhecida era um desafio e não havia nada que Kade adorasse mais do que vencer um jogo difícil. O instinto lhe dizia que ela sabia que ele a procurava. A pergunta era: por que ela estava fugindo? Ele não queria nada além de informações dela, o que poderia lhe dar dois irmãos que ela nem sabia que existiam. Não havia muitas pessoas que não gostariam de ser parentes de Max e Maddie, especialmente por serem duas das pessoas mais ricas do mundo, além de serem duas das mais gentis que Kade já conhecera.

— Não sei por que estou tão impaciente. Não tenho mesmo mais nada a fazer até que Travis precise de mim — disse ele para si mesmo em tom sombrio, admitindo que o irmão gêmeo raramente o chamava para alguma

coisa, além do fato de que Travis nunca precisava de ninguém. Isso fizera com que Kade se sentisse inútil e inquieto. Os dias como jogador

profissional de futebol tinham acabado. O papel de estrela do time Florida Cougars não passava de uma lembrança, a única coisa que ele amara e que lhe fora arrancada quase dois anos antes quando um motorista bêbado não vira sua motocicleta. A perna de Kade fora praticamente destruída quando o imbecil bêbado mudara de faixa, prendendo-a entre a motocicleta e a carroceria da caminhonete. Ele não se lembrava de muita coisa do acidente.

Mas uma das primeiras coisas de que se lembrava com muita clareza era acordar na UTI, com Amy, a namorada de longa data, franzindo a testa como se ele a tivesse desapontado. E, obviamente, ele fizera isso. Ela terminara o relacionamento naquele momento, deixando claro que se recusava a ficar com um aleijado que não seria mais uma celebridade.

Tentando afastar da mente as lembranças desagradáveis e dolorosas do acidente, ele se concentrou nos pertences que despejou sobre a cama: algumas peças de roupa gastas, uma escova de cabelos, uma escova de dentes que certamente vira dias melhores, um bloco grande de papel e alguns blocos de carvão e lápis usados. Empurrando os outros itens de lado, ele abriu o bloco, ficando hipnotizado ao passar as páginas lentamente, estudando cada desenho antes de seguir para o próximo.

As imagens quase saltavam das páginas, tão reais que parecia que saíam do papel e surgiriam vivas à sua frente. Na primeira parte da coleção, os desenhos eram fantasiosos, muitos parecendo criaturas mitológicas ou animais.

Ela é uma artista. Uma artista maravilhosa.

— Nossa — sussurrou ele em tom maravilhado ao pular algumas páginas em branco e chegar a outra seção, revelando os retratos que ela fizera. Ele não reconheceu nenhum dos indivíduos que ela desenhara.

Obviamente, eram pessoas comuns realizando atividades do dia a dia, mas ele sentiu cada emoção em um desenho do rosto de uma mulher mais velha, uma jovem que parecia estar sentada no banco de uma parada de ônibus, e

quase sentiu a alegria de um grupo de crianças que brincavam em uma praça. Folheando o restante dos retratos, ele ficou impressionado com o talento de Asha. Kade não era artista, mas os desenhos conseguiram tocar até mesmo suas emoções. E ele não era o tipo de pessoa particularmente emotiva.

Kade sentiu a boca ficar seca e as entranhas se revirarem ao chegar ao último desenho, de um homem e uma mulher em um abraço apaixonado. O

rosto do homem estava sombreado, pois a cabeça estava virada para o lado, mas o desejo da mulher fora desenhado de forma tão potente que ele conseguiu sentir o desespero dela enquanto esperava que o homem a beijasse. Os cabelos longos e sedosos desciam pelas costas dela, que tinha a cabeça inclinada para o beijo e o rosto revelando uma necessidade nua.

As palavras rabiscadas abaixo do desenho atingiram Kade como um soco:

Alguém! Algum dia! Em algum lugar!

Kade certamente queria ser o homem misterioso nas sombras, o cara que beijaria a mulher, deixando-a sem fôlego, que lhe desse a paixão que sentia que ela queria desesperadamente. Ele sabia exatamente como ela se sentia.

Ele se sentira da mesma forma. Na verdade, ainda se sentia assim sempre que via a irmã Mia e o marido dela, Max, juntos. Ou os amigos, Sam e Maddie ou Simon e Kara. Todos tinham encontrado os parceiros, a pessoa que fazia com que se sentissem inteiros. E a felicidade que rodeava aqueles casais era quase dolorosa para um homem como ele, que se sentia tão solitário. Ele se sentia muito feliz por todos eles. Cada um deles merecia ser feliz. No entanto, não era fácil não se sentir perdido, ou até mesmo um pouco estranho, quando estava perto deles. Ele não fazia parte daquilo e mantinha as emoções sob controle. Desde criança, fora condicionado a se manter sob controle e ele aprendera a se conter durante a carreira como jogador. Era vital que se mantivesse sereno e imparcial. Deixar que as emoções o dominassem resultaria em erros e ele raramente cometia erros dentro do campo. Além do mais, um cara criado por um pai tão louco como o dele precisava ter controle. Ele e os irmãos tinham tentado nunca fazer nada que pudesse ser interpretado como emotivo ou fora do comum. Era a forma que tinham de tentar se distinguir do pai.

Kade soltou um longo suspiro e continuou a olhar para o retrato, imaginando como seria sentir aquele tipo de paixão. Sim, claro, ele gostava de sexo. Quem não gostava? Mas o desejo tinha vida curta e era facilmente resolvido. Ele não precisara resolver aquele problema nos dois anos anteriores. Alguma coisa relacionada a quase perder a perna e a dois anos de reabilitação dolorosa empurrara aquele desejo particular para o fundo.

A mulher não é real. É apenas um desenho.

Kade fechou o bloco de desenho com mais força do que o necessário, sentindo-se desgostoso. Ele nunca fora do tipo romântico e sempre fora

muito contido. Estivera com Amy desde a época do colégio e ela odiava exposições públicas de afeto. As únicas coisas de que ela sempre gostara foram os presentes caros que lhe dava e as festas extravagantes das quais era obrigado a participar por causa do status de celebridade e dos patrocínios. E, agora que não tinha mais aquele status, não era o tipo de homem que faria com que uma mulher o olhasse como se fosse o único homem no mundo, rico ou não. Não que qualquer mulher tivesse olhado para ele daquela forma, mesmo antes do problema na perna. Afinal de contas, ele era um daqueles Harrisons loucos, filhos do homem que tinha matado a própria esposa. Apesar de uma mulher talvez apreciar sua conta bancária, ele tinha quase certeza de que nenhuma o apreciaria. Ele era um deficiente e nunca mais poderia jogar futebol, a única coisa que o fizera sentir que tinha algum valor. Talvez tivesse dinheiro, mas era praticamente a única coisa que tinha a oferecer a alguém. Sinceramente, talvez sempre tivesse sido assim. Ele não era exatamente o ideal de príncipe encantado de mulher alguma e tinha sérias dúvidas de que merecia aquele tipo de amor. O

pai fora um homem completamente louco, que batia com frequência nos filhos e na esposa. Ele acabara matando a mãe de Kade, suicidando-se em seguida. Haveria um final feliz para uma família tão disfuncional como a dele? Ele, Travis e Mia tinham se concentrado principalmente em sobreviver.

Mia encontrou seu final feliz com Max. Ela está feliz agora.

Kade soltou a respiração lentamente e guardou os poucos pertences de Asha na mochila. A irmã mais nova dele, Mia, estava feliz. Mas o caminho até a felicidade fora muito difícil. A irmã merecia toda a felicidade que tinha agora com o marido, Max. Deus sabia o quanto ela sofrera até chegar lá.

Kade queria que o irmão gêmeo mais velho, Travis, encontrasse um pouco de paz. Mas sabia que ele e Travis dividiam a mesma escuridão, uma sombra na alma que provavelmente os manteria para sempre isolados e solitários. Travis vestia a escuridão como um manto, enquanto que Kade tentava esconder a sua. Mas ela ainda estava lá, aquele vazio sombrio que nunca ia embora. O acidente só tornara as coisas piores, mais escuras e vazias do que nunca. A carreira de jogador de futebol o mantivera ocupado, dera-lhe um propósito. Sem ela, não havia nada que se mantivesse entre ele e as lembranças sombrias do passado.

Sou diferente. Não fui feito para um relacionamento mais profundo do que o que tive com Amy.

Ele sempre soubera que o relacionamento com Amy fora superficial, mas isso sempre servira para os dois. O que diabos ele sabia sobre o amor?

Tinha quase certeza de que nem era capaz de realmente amar uma mulher.

Desde que terminara com Amy, estivera sozinho. Estranhamente, não se sentia muito diferente de quando estivera no relacionamento. As palavras cruéis dela tinham machucado, mas ele realmente esperara algo diferente?

Ele violara todas as regras não ditas do relacionamento quando tivera o acidente, e a recuperação levava quase dois anos. Ele esperara mesmo que ela ficasse ao seu lado, quando tudo mudara? Amy era uma supermodelo linda e não estava disposta a cuidar de um homem criticamente mal de saúde, enfrentando dois anos de reabilitação. Ela quisera as festas, os presentes caros, o reconhecimento de ser a namorada de um jogador famoso, um homem que não mancava e se agradecia todos os dias por ainda ter a perna direita. De forma nada surpreendente, ela se juntara a outro jogador em ascensão depois do acidente de Kade, ironicamente alguém a quem ele a apresentara em uma festa, e nunca olhara para trás.

Kade rolou para fora da cama e ficou de pé, dizendo a si mesmo que aquilo não importava. Ele sempre tivera Travis e os amigos enquanto estava em recuperação. A reabilitação terminara e ele seguia a vida. Mia voltara para a família depois de ficar desaparecida por dois anos e ele tinha um favor a fazer para Max, um favor que estava determinado a ir até o fim para cumprir. Kade sabia que Max se sentiria assombrado por não saber se Asha era ou não a irmã perdida. Assim, ele concordara em procurar Asha Paritala e descobrir a verdade. Afinal de contas, ele não tinha muito a fazer, já que não jogava mais, e a distração fora algo agradável, algo de que precisava desesperadamente.

Eu precisava de algo que afastasse a mente do fato de que nunca mais jogarei futebol. Kade estava lidando com aquela realidade, racionalizando cada dia para aceitá-la. E daí se sentisse falta da carreira de jogador tanto quanto sentiria falta do ar que respirava se ele desaparecesse subitamente?

De qualquer forma, ele não teria jogado futebol para sempre. Só não queria que a carreira que amava terminasse de forma tão abrupta e tão cedo. Ele só tinha trinta anos na época e ainda teria vários anos à frente. E fora um bom jogador. Muito bom. O futebol fora uma grande parte de sua vida por tanto

tempo que ele se sentia perdido, como se não soubesse exatamente o que deveria estar fazendo. Kade e Travis eram os donos da Corporação Harrison, mas a empresa fora tão bem administrada pelo irmão gêmeo enquanto ele jogava futebol que agora se sentia desnecessário. Travis gostava de controle e Kade não tinha motivo algum para não deixar que o tivesse. O irmão passava a maior parte do tempo nos escritórios da Harrison, mas era por opção, uma diversão. Eles tinham uma administração superior competente e Travis não precisava passar no escritório todos os momentos em que estava acordado, mas era a forma do irmão de controlar a vida, enterrando no trabalho a dor do passado.

Kade sabia que não era muito diferente de Travis e que o futebol sempre fora sua fuga, mesmo quando era criança. Ganhar uma bolsa de estudos para jogar em Michigan fora uma das melhores coisas que lhe acontecera quando fizera dezoito anos, afastando-o da loucura da vida em Tampa. Ele voltara à Flórida para jogar como profissional porque fora a melhor oferta que recebera, mas passara metade do tempo na estrada e a outra metade

praticando. Comprara uma bela casa em Tampa anos antes, mas raramente passava algum tempo lá até o acidente. Amy vivera a própria vida em um condomínio de luxo que Kade pagara, recusando-se a morar com ele a não que se casassem. Agora, Kade tinha certeza de que ela agradecia diariamente ao anjo da guarda por ele não ter estado pronto para se casar.

Andando até o minibar, Kade abriu a pequena geladeira, pegou uma cerveja, tirou a tampa e tomou um gole longo. Em seguida, folheou o cardápio do serviço de quarto. Ele estava faminto e, quando terminou de fazer o pedido, tinha escolhido metade dos itens do cardápio.

Sentindo-se inquieto, ele tomou um banho rápido e vestiu uma calça *jeans* e uma camisa laranja decorada com coelhos de várias cores. Kade sorriu, sabendo que Travis odiaria aquela nova camisa e que Mia implicaria com ele até a morte, mas não se importava. Ele começara a usar camisas espalhafatosas quando era adolescente para divertir Mia. Vivendo dentro da loucura que era a família, Kade teria feito praticamente qualquer coisa para provocar um sorriso na irmã menor, pois houvera pouquíssimos motivos para sorrir quando eram crianças. Agora, ele usava aquelas camisas porque realmente gostava delas. Tinham se tornado parte dele no decorrer dos anos, uma coisa pequena que parecera iluminar algumas das sombras que carregava. Os colegas de time tinham implicado com ele incessantemente,

mas, se havia algo sobre o qual ele não tinha insegurança alguma era sua masculinidade. Basicamente, dissera a eles que fossem para o inferno e que ele vestiria o que o deixasse contente. Depois de algum tempo, os colegas passaram a ver suas roupas como uma fonte de entretenimento, esperando para ver o que usaria a seguir. Na verdade, Amy fora a única que realmente as odiara e recusara-se a ser vista com ele a não ser que vestisse o que ela considerava como “roupas normais”.

Kade estava pegando outra cerveja quando ouviu uma batida na porta.

Jogando a tampa na lata do lixo, ele tomou um gole longo, abriu a tranca da porta e abriu-a.

Ele congelou e sentiu todos os músculos do corpo se retesarem ao mesmo tempo. Não soube quanto tempo ficou parado, mergulhado nos olhos

castanhos largos que o encaravam do corredor. Kade ficou atordoado, sentindo o coração acelerar até que o barulho nos ouvidos fosse quase ensurdecedor. O ar saiu dos pulmões pesadamente, quase como se tivesse levado um chute na virilha.

Certamente, não era o serviço de quarto entregando a comida.

Kade não tinha dúvidas de que a mulher à sua frente era Asha Paritala, mas ela não era nem um pouco como esperara. Ela usava uma camiseta estampada, de um laranja quase do mesmo tom que a dele. O verde e o azul se misturavam com a cor de tangerina, fazendo com que ela parecesse uma flor exótica. Os cabelos pretos longos caíam pelas costas, lisos e belos, dando-lhe vontade de estender a mão e tocá-los para ver se eram tão sedosos quanto pareciam. A pele cremosa fazia um contraste tão grande com os cabelos e os olhos escuros que ela parecia um sonho.

Ele sentiu uma ereção instantânea quando o aroma de jasmim o envolveu. Ela entrou com cautela no quarto quando ele abriu a porta um pouco mais.

— Asha? — perguntou ele com a boca ainda seca e sentindo a adrenalina correr pelo corpo inteiro. Ela tinha altura média para uma mulher, mas ele era muito mais alto. Ainda assim, ela parecia frágil, como se a brisa mais leve fosse capaz de levá-la. Obviamente, a aparência era enganadora. Afinal de contas, ela o colocara em uma perseguição sem fim durante dois meses.

— O que você quer? — perguntou ela em tom impaciente, com os olhos quase soltando faíscas.

Kade fechou a porta. *Você! Quero você embaixo de mim, em cima de mim ou de qualquer jeito que quiser.* Em voz alta, ele respondeu: — Meu nome é Kade Harrison. Estive procurando você. Não recebeu minhas mensagens?

Ignorando a pergunta dele, ela disse: — Você roubou as minhas coisas. É um ladrão. — O tom dela era hostil, mas a expressão ainda mostrava apreensão.

— Não sou um ladrão. Eu estava desesperado, tentando fazer com que falasse comigo. E não teria deixado informações de contato se estivesse

tentando roubar você — respondeu Kade na defensiva. Sinceramente, ele ainda estava desesperado, só que agora era um tipo de desespero completamente diferente. Sua libido, que estivera muito baixa enquanto se recuperava do acidente, finalmente acordara de forma intensa, assumindo controle completo do corpo.

Ela andou até a mochila surrada de pano e pegou-a, pendurando-a no ombro depois de verificar o conteúdo. Em seguida, parou em frente a ele, com os olhos castanhos profundos furiosos, mas também mostrando uma ponta de vulnerabilidade e medo. — Só me diga por que está me seguindo.

Você é algum tipo de maluco?

Kade sentiu a raiva aumentar ao pensar em alguém causando problemas àquela mulher e uma certa irritação por Asha obviamente pensar que ele era um psicótico. — Não. Alguém está perseguindo você?

Eles se encararam e ela estudou o rosto dele como se estivesse procurando a verdade. — Eu não sei — respondeu ela com sinceridade. —

Mas eu sei que alguém tem me seguido. Suponho que seja você. E sim, recebi algumas mensagens que não faziam sentido algum. Esperou mesmo que eu respondesse? Nem conheço você. O que quer de mim?

Era uma pergunta que ele poderia ter respondido de muitas formas por causa da resposta incomum que o corpo tinha à presença dela, mas nenhuma delas era adequada no momento. Provavelmente, qualquer uma das respostas que surgiram de forma imediata em sua mente teria feito com que ela fugisse gritando. Kade colocou a mão no bolso e tirou a carteira, irritado consigo mesmo por tê-la assustado ao segui-la. Ela fugira por medo, uma mulher solitária que não gostava da ideia de que um desconhecido a seguisse. Nunca lhe ocorrera que ela talvez tivesse medo dele e, por algum motivo, Kade não gostou da ideia. Pegando uma fotografia de Maddie e

Max, ele disse: — Era eu. Estou fazendo um favor para uns amigos.

Achamos que há uma possibilidade de que você seja parente do meu cunhado e da irmã dele. Estou tentando encontrar você há quase dois meses.

Não quero machucar você. Só queria falar com você.

Asha colocou a ponta do dedo sobre a fotografia e moveu-a lentamente.

— Essas duas pessoas? — Ela suspirou. — Por acaso parece que sou parente delas? Minha mãe era norte-americana, mas meu pai era imigrante da Índia. Não me pareço em nada com essas duas pessoas. Dá para notar que elas são parentes, são muito parecidas. — Uma sombra breve de tristeza surgiu nas profundezas dos olhos escuros.

— Eles têm o mesmo pai e a mesma mãe. Há uma chance de que você seja meia-irmã deles por parte de mãe — respondeu Kade, sentindo o coração apertado ao ver a expressão melancólica no rosto dela. Asha tentava se mostrar corajosa, mas parecia tão cansada, tão solitária, que ele teve vontade de protegê-la de tudo e de todos que a faziam se sentir assim.

Ele se perguntou quando ela comera uma boa refeição pela última vez ou quando dormira por um tempo decente.

Afastando o olhar da fotografia e deixando a mão cair, ela o encarou de forma duvidosa. — Não é possível. Não há como eu ser parente deles. Por favor, deixe-me em paz — respondeu ela em tom triste ao se encaminhar para a porta.

Kade a segurou pelo braço antes que ela conseguisse avançar. — Não quer saber com certeza? E se for parente deles?

Tirando o braço da mão dele, ela respondeu: — Sou indiana.

— Mas nasceu aqui, não foi? E sua mãe era norte-americana.

— Uma mãe norte-americana e um pai indiano de quem nem me lembro

— concordou ela, começando a tremer. — Nasci aqui, mas meus pais adotivos eram da Índia. Fui criada como indiana.

Kade sentira o calor do corpo dela através do material fino da camiseta.

— Você está bem? — Ele ergueu a mão até o rosto dela, sentindo-o muito quente. — Você está com febre.

Ela está subnutrida, exausta... e doente. Merda! Será que não existe ninguém por aí que se preocupe com ela?

— Estou bem — respondeu ela com voz fraca. — Só estou um pouco fraca. E foi um dia muito longo.

Besteira. Ela está doente. Dá para notar que está começando a suar e parece que está prestes a desmaiar.

— Você está doente. — Kade colocou o braço em volta da cintura dela para segurá-la.

Ela gemeu de leve, apoiando o peso contra o corpo dele como se não conseguisse ficar de pé sem ajuda. — Preciso ir embora. Não posso ficar doente.

— Você vai ficar — respondeu Kade em tom enérgico. Não pretendia deixá-la sair pela porta na condição em que estava. Cairia no chão antes mesmo de conseguir sair do hotel.

Ela se soltou e andou em direção à porta com passos cambaleantes. Kade a seguiu.

Ela abriu a porta e virou-se para olhar para ele, com os olhos brilhando por causa das lágrimas e provavelmente devido à febre. — Por favor.

Deixe-me em paz. Minha vida já é difícil o suficiente no momento. Não consigo lidar com mais nada. Não sou parente daquelas pessoas da fotografia e gostaria que parasse de me seguir.

Kade abriu a boca para responder, mas interrompeu-se quando ela começou a cair. Ele a segurou a tempo, erguendo-a nos braços e fechando a porta. Ele a levou até a cama grande e deitou-a sobre o travesseiro. Olhando para ela, Kade percebeu duas coisas imediatamente: ela estava muito doente e era a mulher naquele desenho inquietante que vira na coleção. Era um autorretrato de uma mulher que colocara as próprias emoções no papel.

— Merda — resmungou Kade irritado, percebendo que Asha não era muito coerente. Ela estava com os olhos fechados e o corpo mole. A camisa fina estava ensopada de suor e a pele estava muito quente.

Ela abriu os olhos ligeiramente e olhou para ele como se estivesse um pouco confusa. — Adorei sua camisa. Ela é tão... alegre e colorida —

murmurou ela em tom suave, tentando abrir um sorriso fraco. — Preciso muito ir embora agora. Tenho algumas coisas a fazer — continuou Asha em tom grogue sem a menor convicção.

Kade teria sorrido se não estivesse em pânico pelo fato de ter uma mulher tão doente em sua cama. Ela estava muito fraca e ele duvidava de que conseguiria chegar até a beirada da cama sem ajuda. Ele admirou a tenacidade dela, mas Asha não iria a lugar algum por conta própria.

— Sim, nós vamos — respondeu Kade, enrolando o corpo trêmulo dela em um cobertor. — Para o hospital. — Ele tinha noções de primeiros socorros para ferimentos esportivos, mas não tinha a menor ideia do que fazer com uma mulher tão doente como Asha estava.

Ela arregalou os olhos, com expressão de pânico e batendo os dentes. —

N-não p-posso ir p-para o hospital, é c-carro... — A voz dela sumiu quando começou a tossir com tanta força que o corpo inteiro estremeceu.

Merda! Ela está muito doente e só está preocupada com as despesas?

O estado dela o deixou apavorado. Na verdade, quase tão aterrorizado quanto o instinto possessivo e protetor que o invadiu ao perceber como ela estava vulnerável. Mas, principalmente, ele estava muito perturbado por vê-la realmente com medo. Não queria que aquela mulher tivesse medo dele nem de qualquer outra coisa no planeta. Não sabia ao certo o motivo, mas deixaria aquele mistério para outra hora. Só o que queria naquele momento era vê-la bem e saudável. Na verdade, a necessidade de deixá-la bem estava prestes a se tornar uma obsessão.

Ele a ergueu com o cobertor e carregou-a para o hospital.



Capítulo 2



Asha acordou lentamente, sentindo a mente enevoada e o corpo inteiro dolorido. Piscando várias vezes para clarear a visão, ela tentou se lembrar de onde estava e o que acontecera. Estranhamente, só conseguia se lembrar de Kade.

Kade... forçando-a a acordar para tomar os remédios.

Kade... forçando-a a tomar líquidos.

A voz reconfortante de Kade ao pegar no sono, tão exausta que não conseguia manter os olhos abertos.

Asha tentou se sentar, olhando freneticamente em volta e com o coração batendo forte ao perceber que ainda estava no quarto de hotel de Kade, um lugar muito bonito.

O que diabos estou fazendo aqui?

Arrastando-se até a beirada da cama imensa, ela começou a tossir ao colocar os pés no chão. Ela segurou as costelas doloridas enquanto continuava a tossir. — Mas que merda! — resmungou ela entre as tossidas.

Dobrando o corpo, ela abraçou a cintura, fazendo uma careta ao sentir dor nas costelas e no abdômen por causa dos músculos exaustos de tanto tossir.

Não posso ficar doente agora. Sobreviva! Sobreviva! Sobreviva!

— O que diabos está fazendo? — A voz furiosa de Kade veio do outro lado do quarto.

Ele levou até ela um copo de água e alguns comprimidos. Ela os engoliu de forma obediente, sem nem perguntar o que eram. Asha se sentia horrível demais para se importar e, se ele fosse algum lunático maluco, já tivera a

oportunidade de matá-la. Se os comprimidos a fizessem se sentir melhor, ela engoliria o que quer que ele lhe desse.

— Você ainda não pode se levantar — disse Kade com voz de ditador, tirando o copo vazio de sua mão. — Está com pneumonia.

— Preciso usar o banheiro — disse ela constrangida, mas a vontade de urinar era tão urgente que não poderia esperar.

Kade não disse uma palavra. Ele a pegou nos braços, de forma notavelmente gentil para um cara que tinha o corpo parecido com um caminhão, e levou-a até o banheiro, colocando-a sobre o vaso sanitário. Em seguida, cruzou os braços e ergueu a sobrancelha. — Pronto.

Asha o encarou. — Está falando sério? Espera que eu use o banheiro enquanto fica aí parado? — Não havia a menor chance de aquilo acontecer.

Ela usava uma camisola velha e estava sem calcinha, coisa que devia ter vestido depois da visita ao hospital, mas que não se lembrava de ter feito.

As lembranças da sala de emergência voltavam lentamente, mas tudo estava ainda muito nublado. — Não consigo fazer xixi enquanto me observa. —

Ter aquela conversa com um homem que mal conhecia era constrangedor, mas ela estava em uma situação desesperadora em que não tinha outra opção além de ser bem direta. A bexiga estava prestes a explodir e ela fazia força para não tossir.

Kade sorriu e virou de costas. — Está bem. Pronto. Dividi um vestiário com muitos caras. Era um lugar apertado e ouvi muita gente fazer xixi.

Tenho certeza de que o som é praticamente o mesmo com uma mulher.

— Não sou um desses caras. Saia — insistiu ela, rangendo os dentes por causa da necessidade de se aliviar.

— Sem chance. Você está fraca demais e talvez caia. Você está doente, Asha. Além do mais, acabei de lhe dar um remédio para a tosse e a dor que provavelmente a deixará estonteada. Não vou sair.

Para dizer a verdade, ela se sentia fraca, tonta e miserável. Ainda assim, como uma mulher podia usar o banheiro com um homem que não conhecia parado bem à sua frente? Finalmente, a necessidade do corpo venceu e ela urinou rapidamente. Em seguida, levantou-se, precisando se segurar na cintura da calça de Kade para se manter em pé.

Ele a pegou nos braços em um piscar de olhos, segurando-a contra o peito musculoso. Os braços fortes a envolveram, fazendo com que ela se

sentisse mais segura do que nunca. Como podia se sentir tão vulnerável e tão segura ao mesmo tempo?

— Espere. Preciso lavar as mãos — disse ela em tom fraco.

— Você precisa mesmo se preocupar com a higiene agora? — Kade revirou os olhos, mas parou pacientemente ao lado da pia, testando a temperatura da água antes de deixar que ela colocasse as mãos sob a torneira. Em seguida, secou as mãos dela como se Asha fosse uma criança e levou-a de volta para o quarto em passos muito rápidos para alguém que mancava.

Depois que ele a colocou de volta na cama, ela perguntou baixinho: —

Que horas são?

Kade se sentou na beirada da cama e respondeu: — Você chegou aqui ontem à tarde. Agora são... — ele olhou para o relógio — oito horas da noite. Você dormiu a noite e o dia inteiros.

— Ah, não! Eu tinha um trabalho hoje. Preciso dar um telefonema. —

Ela realmente precisava do dinheiro daquele trabalho e precisava telefonar para reagendar. Não podia perder o dinheiro e o medo e os instintos de sobrevivência a invadiram. Por tantos anos, uma palavra surgia incessantemente em seu cérebro: *Sobreviver. Sobreviver. Sobreviver.* — Eu

precisava daquele trabalho. E agora tenho que pagar a consulta do hospital e os remédios.

— Que tipo de trabalho? — perguntou Kade curioso. — O hospital já foi pago e comprei todos os remédios de que você precisa. Você não precisa pagar nada.

— Preciso pagar você — disse ela em tom firme. A bolsa dela estava ao lado da cama e ela a pegou, vasculhando o conteúdo. — Eu pinto paredes

— respondeu ela distraída, ainda procurando o papel com o número do cliente.

— Que tipo de parede?

Triunfante, ela pegou o papel com o telefone e algumas fotografias do bolso lateral com a outra mão. — Qualquer parede que alguém queira pintar. — Ela entregou as fotografias a ele. — Pagarei a você o que puder antes de ir embora e depois lhe darei o resto. Desculpe, é só o que posso fazer. — Não havia nenhuma outra opção, pois não tinha dinheiro suficiente para pagar tudo naquele momento. — Posso usar o telefone? — O celular dela parara de funcionar algumas semanas antes e encontrar um telefone

público em um mundo em que todos tinham um celular era praticamente impossível. Ela tivera que encontrar uma forma de procurar trabalho e usara a internet nas bibliotecas públicas para verificar seu *site* e responder aos e-mails. Mas telefonar para os clientes raramente era possível desde que perdera o telefone. Podia ser um telefone pré-pago barato, mas era a conexão com os trabalhos e a perda tornara muito mais difícil se comunicar com as pessoas que queriam seus serviços.

— Incrível — disse Kade ao olhar as fotografias. — Você faz arte em paredes?

Asha deu de ombros. — Posso desenhar em qualquer coisa, mas faço principalmente paredes.

— Então, você viaja pelo país pintando paredes? Como as pessoas encontram você?

— Tenho um *site*. Desenhos de Asha. Normalmente, as pessoas entram em contato comigo por lá. Recebo muitos trabalhos de pessoas que já são clientes e de indicações.

Kade terminou de olhar as fotografias e devolveu-as. — Não estou surpreso. Seu trabalho é incrível. — Ele tirou o papel com o número do telefone da mão dela e pegou o celular.

Ela observou horrorizada enquanto ele telefonava para a cliente e cancelava o trabalho, dizendo à futura mamãe no outro lado da linha que Asha estava doente e não poderia pintar a parede do quarto do bebê tão cedo. Ele desligou sem marcar outra data.

— Não acredito que você acabou de fazer isso — disse ela com toda a raiva que conseguiu reunir, que não foi muita. Ela estava muito fraca e a raiva precisava de mais energia do que tinha no momento. Portanto, só o encarou friamente com o que esperou ser um olhar furioso. Sentindo-se tonta, ela se recostou no travesseiro e cruzou os braços sobre o peito.

— Você está doente. Não vai fazer nada além de descansar esse traseiro maravilhoso na minha cama por algum tempo — retrucou ele. — E não vai me pagar nada. Portanto, pare de se estressar por causa de dinheiro.

Asha abriu a boca para responder, mas fechou-a na mesma hora, pois o comentário dele sobre seu traseiro a deixou sem palavras. Ninguém nunca lhe dissera que ela tinha alguma coisa maravilhosa e isso fez com que ficasse em silêncio.

Olhando para Kade, ela sentiu o coração dar um salto ao perceber a expressão teimosa dele. Os belos olhos azuis eram gentis, mas o olhar indicava que ele não cederia. Asha tinha a sensação de que ele era extremamente teimoso. Já descobrira que era mandão. Ela percorreu com os olhos o corpo incrivelmente bonito, vendo os bíceps saltarem sob outra camisa colorida quando ele cruzou os braços e encarou-a de volta, prendendo seu olhar. Ele era tão bonito que era quase doloroso observá-lo.

Os olhos eram turbulentos como o oceano durante uma tempestade. Os cabelos tinham vários tons de loiro, fazendo com que ele parecesse um

pouco selvagem e perigoso. A camisa podia fazer com que parecesse inofensivo, mas não diminuía sua masculinidade nem um pouco. Com quase dois metros de altura, Kade Harrison era puro músculo e a testosterona emanava dele em ondas gigantescas. Asha sabia que deveria sentir medo do tamanho dele. Afinal de contas, nem o conhecia.

Estranhamente, não o temia nem um pouco. Ele a deixava fascinada. A única imperfeição dele parecia ser a perna que mancava, mas isso o deixava ainda mais cativante, fazendo com que ela se perguntasse o que acontecera.

De alguma forma, isso o deixava mais humano.

— Não posso parar de trabalhar — admitiu Asha relutantemente, sentindo-se uma completa fracassada perto daquele homem que, obviamente, não tinha problemas financeiros. Ele pagara o que provavelmente fora uma conta alta no hospital sem nem pensar duas vezes.

E o hotel em que estava hospedado não era do tipo que tinha clientela de classe média, atraindo apenas pessoas ricas.

Kade não respondeu imediatamente. Ele manteve o olhar dela ao sentar na cama ao seu lado e finalmente dizer: — Tenho uma proposta para você, mas não quero falar nesse assunto agora. Só quero que você se preocupe em ficar bem novamente. Não vou deixar que nada aconteça com você, Asha.

Prometo.

A voz baixa e reconfortante a envolveu como seda, fazendo com que quisesse mergulhar nele e afogar-se alegremente. Ninguém nunca se oferecera para protegê-la antes. Era estranho e maravilhoso ter uma pessoa que não conhecia cuidando dela como se fosse algo valioso. — Você precisa saber que não sou parente daquelas duas pessoas na fotografia. É

uma ideia adorável, mas impossível. E, mesmo que não fosse, não é uma prioridade na minha vida. Preciso sobreviver.



Sobreviva. Sobreviva. Sobreviva.

Kade colocou o dedo sobre os lábios dela e balançou a cabeça. — Não agora. Você sobreviverá, não se preocupe. Está segura e eu cuidarei de você. Confie em mim.

Confie em mim.

Kade não entendia seu passado nem como era difícil colocar o futuro nas mãos de qualquer pessoa, não importava o quanto a ideia fosse tentadora no momento porque estava doente e com as defesas baixas. Ela lutava para sobreviver, para ser independente. Mas, gostasse ou não, estava completamente à mercê dele no momento. Ela balançou a cabeça e fechou os olhos. — Não posso. Preciso cuidar das coisas eu mesma.

— Você pode confiar em mim. Sou um cara confiável — retrucou Kade em tom teimoso, afastando os cabelos do rosto dela. — Agora, durma. O

médico disse que descansar é a forma mais rápida de curar a pneumonia.

Asha não conseguiu discutir. Ela abriu os olhos por um momento, mas as pálpebras estavam pesadas e o corpo, mole. Estendendo a mão, ela tocou no colarinho da camisa festiva de Kade, que tinha desenhos verdes e vermelhos. Parecia feita de seda. — Essa camisa é linda. Fica muito bem em você. — O vermelho só intensificava a cor dos cabelos de Kade e a profundidade dos olhos azuis. Cores ousadas e vibrantes ficavam bem nele.

Como Asha adorava luzes e cores alegres, Kade era uma bênção para os sentidos.

Ela ouviu Kade rir antes de responder: — Eu sempre disse que, se algum dia achasse uma mulher que gostasse das minhas camisas, teria que me casar com ela.

Asha quis responder, queria dizer a Kade para nunca se casar, a não ser que estivesse com o coração totalmente envolvido. Ela tivera um casamento sem amor e nunca se sentira tão sozinha. Seus olhos se fecharam novamente antes que conseguisse responder. Os remédios e a exaustão finalmente a arrastaram para um sono sem sonhos.

— Acha melhor irmos até aí para conversar com ela? — perguntou Max Hamilton. A voz dele saiu do telefone de Kade, que estava no viva-voz

enquanto ele se barbeava com a porta do banheiro fechada. Ele não achava que Asha acordaria em um futuro próximo.

— Não. Ela está doente. Falarei com ela assim que estiver bem o suficiente para viajar — respondeu Kade em tom protetor. A última coisa de que Asha precisava era um circo com todos os possíveis parentes indo a Nashville para falar com ela.

— Ela está bem? — perguntou Max preocupado.

— Sim. Acho que sim. Ela se recuperará. Não sei a história dela, mas sua vida não foi nada fácil, Max. — Asha obviamente viajava de um lugar a outro, ganhando dinheiro suficiente para chegar ao próximo trabalho. Ela não tinha nada, mas havia uma doçura nela que deixava Kade tenso sempre que estava ao seu lado... e em todos os momentos em que não estava. Como fora a vida dela? Tudo o que tinha cabia em uma pequena mochila e na bolsa. — Vou conseguir mais informações em alguns dias. Agora, ela precisa descansar para se recuperar.

Ele ouviu o suspiro profundo de Max. — Faça com que ela fique bem, Kade. Cuide dela.

Kade pretendia fazer exatamente aquilo e não porque talvez ela fosse a meia-irmã de Max. Os instintos possessivos eram dele. — Ela gosta das minhas camisas — disse ele a Max em tom jocoso, limpando o rosto com uma toalha.

— Ela precisa consultar um oftalmologista — respondeu Max em tom seco. — Como ela é? Ela é parecida com Maddie?

Kade fez uma pausa, jogando a toalha na pilha de roupas sujas. — Não, ela não se parece com nenhum de vocês dois, mas é linda. O pai dela era imigrante da Índia, mas isso não significa que vocês não sejam parentes. A mãe dela era norte-americana.

— Ela tem certidão de nascimento? — perguntou Max, obviamente ansioso para saber mais sobre Asha.

— Não sei. Não tivemos oportunidade de conversar muito sobre o passado dela antes que ela caísse no chão. Ela desmaiou praticamente no momento em que a conheci. Espere ela ficar melhor, Max — respondeu Kade irritado, nada contente por Max não parecer entender que a prioridade era deixar Asha saudável novamente. — Eu farei com que ela vá para Tampa.

— Obrigado — respondeu Max. — Não quero pressionar ninguém.

Acho que só estou ansioso para saber. Fico feliz por você tê-la encontrado.

Eu lhe devo uma.

Kade também estava feliz, mas por motivos totalmente diferentes e que não tinham a ver com a investigação do suposto parentesco entre Asha e Max. — Vou me lembrar disso. E vou dando notícias. Eu a levarei para a Flórida assim que possível.

— Como está a sua perna? — perguntou Max com preocupação evidente na voz.

— Está bem. — Na verdade, a perna doía muito, mas Kade não pretendia admitir.

Ele terminou rapidamente a conversa com Max antes que o cunhado estendesse o assunto. Ou, pior ainda, que colocasse Mia no telefone para tentar arrancar mais informações dele.

Saindo do banheiro, os olhos de Kade se viraram instantaneamente para a cama. Asha ainda estava dormindo, mas tossia sem parar. Os lençóis estavam emaranhados, jogados para longe, provavelmente durante um período em que a febre a deixara com calor. Ele subiu na cama, colocando as costas da mão no rosto dela. Ela estava ligeiramente úmida, mas fria. A febre parecia ter sido controlada pelos remédios que ele lhe dera antes que ela dormisse.

Asha começou a tremer e Kade pegou os lençóis e cobertores que tinham sido chutados para o pé da cama. Ao começar a puxá-los, ele percebeu uma pequena mancha vermelha na parte de cima do pé direito dela. Olhando mais de perto, ele viu que era, na realidade, um padrão complexo, uma borboleta estilizada tentando emergir dos confins do casulo. Kade conhecia tatuagens e, ao traçar o padrão de leve com os dedos, ficou imaginando o que exatamente ele significava. A tatuagem de henna e já estava esmaecida, mas ainda era possível ver cada detalhe.

— Ai! Merda! — Kade afastou rapidamente os dedos e recuou quando Asha puxou o pé e chutou-o na perna ferida. Seus olhos ainda estavam fechados e ela continuava adormecida. A ação fora por reflexo, uma reação subconsciente ao toque dele, mas doeu muito. Esfregando a perna, ele se moveu novamente em direção à cabeceira da cama.

Asha moveu a cabeça de um lado para o outro, com os cabelos deslizando sobre o algodão fino do travesseiro. — Preciso sair daqui!

Preciso sair! Não aguento mais. — A voz dela estava rouca e assustada.

Kade rapidamente tirou as roupas, deixando apenas a cueca de seda, e deitou-se na cama ao lado de Asha. Os resmungos assustados, cheios de pânico, o atraíram para mais perto. Ela poderia chutá-lo de novo, ele não se importava. Só o que queria era confortá-la, fazer com que se sentisse segura. A necessidade de protegê-la de qualquer coisa desagradável era mais forte do que a dor física. Asha fez surgir nele emoções que Kade nem sabia que tinha.

— Kade? — murmurou Asha suavemente quando ele a puxou para perto e cobriu os dois com as cobertas, passando o braço em volta da cintura dela.

Ela se aconchegou até que a cabeça estivesse deitada confortavelmente no ombro dele. — Preciso de você — murmurou ela baixinho.

O coração de Kade ficou apertado e ele engoliu em seco. Aquelas três palavras o deixaram desconcertado, bem como o suspiro suave que saiu dos lábios dela ao se aconchegar contra ele. A respiração de Asha ficou regular e o corpo relaxou, confiando que ele a manteria segura enquanto dormisse.

Preciso de você.

Quando fora a última vez em que alguém precisara dele? Por reflexo, ele a apertou um pouco mais, sentindo uma necessidade tão grande de protegê-la que teve que se esforçar para não espremê-la.

Asha Paritala ainda era um mistério para Kade, mas ele se sentia atraído por ela como nunca acontecera com outra mulher na vida inteira. Ela se aproximou um pouco mais, buscando o calor do corpo dele, quase fazendo com que ele resmungasse frustrado. Ele a queria mais perto, mas precisava se afastar para manter a sanidade. Ela testava seu controle de uma forma que o deixava muito assustado. Quando ela se deitou sobre ele, Kade rangeu os dentes, mas passou os braços em volta dela, segurando seu corpo com firmeza para aquecê-la. O corpo dele estava em chamas e provavelmente emanando calor como uma fornalha. A camisola fina que ela vestia era uma barreira ineficiente entre eles, mas Kade ainda queria tirá-la.

Queria sentir a pele dela contra a sua.

Ela está doente. Está vulnerável.

Aquele pensamento fez com que ele a apertasse um pouco mais.

Preciso de você.

Kade ainda conseguia ouvir as palavras ecoando na mente na voz rouca e suplicante dela. Inalando profundamente, ele deixou que o perfume de jasmim o inundasse.

Ela é minha!

Kade balançou a cabeça com aquele pensamento, mas as entranhas se contraíram ainda mais. Todos os instintos primitivos gritavam que aquela mulher pertencia a ele. Era como se tudo tivesse se encaixado com perfeição, ela se encaixara com perfeição, fazendo com que se juntassem de forma irrevogável.

Eu nem a conheço.

O problema era que alguma coisa dentro dele a reconhecia, uma parte que buscava encontrar algo ou alguém que aliviasse o vazio que sentia. Pela primeira vez em muito tempo, ele queria parar de fugir e desfrutar da sensação da mulher em seus braços, sentir-se intoxicado por seu perfume.

Apesar de o corpo ansiar por tomá-la de forma carnal, ele também se sentiu... em paz.

Kade desligou o cérebro e simplesmente desfrutou da sensação do corpo de Asha sobre o seu, com as pernas finas e nuas enroladas nas suas, mais musculosas. Ele não conseguia afastar a ideia de que aquilo estava certo e não sabia se queria perdê-la. Kade precisava investigar a estranha reação que sentia em relação a ela e decidiu fazer algumas coisas: Um: Asha voltaria para Tampa com ele, mesmo se tivesse que carregá-la aos gritos.

Dois: ele não se importava se ela era ou não parente de Max e Maddie.

Três: quando estivesse bem, ele treparia com ela até que nenhum dos dois conseguisse se mover.

Quatro: pela primeira vez na vida, ele se tornaria um herói, matando todos os dragões e demônios que a assombravam.

Cinco: ele faria com que ela sorrisse... muito. A atitude estoica dela lhe dizia que ela não tivera muitos motivos para sorrir na vida.

Com um braço em volta da cintura dela e outra segurando-lhe o traseiro possessivamente para mantê-la no lugar, Kade adormeceu rapidamente, sem a inquietação usual. Na verdade, ele estava quase contente.



Capítulo 3



Kade não deixou que ela saísse da cama por vários dias, para desespero de Asha. Depois que os antibióticos começaram a fazer efeito, ela passou a se sentir melhor e ficar à toa não era fácil. Os dois anos anteriores tinham sido uma corrida frenética para se manter alimentada e encontrar uma cama para dormir, e ficar parada não parecia certo. Além disso, ela odiava depender de alguém. Ela se sujeitara à vontade dos outros durante a vida inteira e começava a sentir o que era ser livre. Ela mal se mantinha na superfície, claro, mas estava começando a se virar. Se conseguisse trabalhos regulares e guardasse algum dinheiro, poderia encontrar um lugarzinho para chamar de seu. *Finalmente!*

Sobreviva. Sobreviva. Sobreviva.

— O que está fazendo? — A voz profunda fez com que Asha tivesse um sobressalto. Ela fechou o caderno de desenho, sentindo-se culpada, e guardou-o dentro da mochila que estava ao lado da cama.

Sem querer admitir que estava fazendo um desenho dele, ela respondeu a Kade em tom vago: — Desenhando. Como foi o seu negócio?

Kade saíra do quarto de hotel várias horas antes, alegando que precisava cuidar de um negócio, mas não antes de garantir que ela tivesse o número de seu celular para telefonar para ele se precisasse. Ele sorriu ao fechar a porta com o ombro forte, carregando vários pacotes e sacolas nos braços.

Ela sorriu de volta fracamente, incapaz de se impedir de responder à presença dele. Como era possível que tivesse sentido a falta dele? Mal conhecia o cara e ele só estivera longe por algumas horas.

Não faça isso consigo mesma, Asha. Não encha a cabeça com bobagens sobre Kade. Ele está ajudando você porque é gentil. Basta ser grata pela gentileza, pagá-lo e continuar a vida.

O sorriso de Kade ficou maior ainda quando ele jogou os pacotes sobre a cama e perguntou brincando: — Sentiu saudades de mim?

Sim!

Para evitar responder à pergunta dele diretamente, ela disse o mais casualmente que conseguiu: — Foi pacífico, sem ninguém para mandar em mim.

Ninguém para me mimar. Ninguém com quem conversar nem discutir.

Estivera quieto demais. Ela estava começando a se acostumar com o som da voz dele. Mesmo quando ele cantava em tom desafinado no chuveiro com mais entusiasmo do que talento, fazia com que ela sorrisse.

— Não fico dando ordens. Só impeço que faça qualquer coisa que prejudique sua saúde — respondeu Kade em tom indignado ao se sentar na beirada da cama.

Asha notou que ele esfregava a perna de forma distraída. — Dói?

Kade franziu a testa, afastando a mão ao responder: — Está tudo bem. É só hábito.

— É mais do que isso, dá para notar. Você sente dor. Não tem remédio para dor para quando piora?

— Eu não tomo — retrucou Kade.

Asha recuou ligeiramente com a firmeza na voz dele. — Desculpe. Não é da minha conta. Eu só estava preocupada.

Kade suspirou, parecendo instantaneamente arrependido. — Eu tomava quando me feri. Demais. Comecei a gostar do fato de não apenas afastar a dor física, como embotar a mente. Eu percebi que o remédio estava tornando-se uma muleta, uma fuga da realidade de que eu nunca mais jogaria futebol. Eu estava fugindo da realidade e sabia que precisava parar antes que fosse tarde demais.

O olhar nu de arrependimento no rosto dele fez com que ela sentisse o coração apertado. — O futebol era tão importante assim para você? — Ela não precisou ouvir a resposta. Obviamente, o futebol era tão importante para

ele quanto a arte era para ela. E ela não sabia o que faria se não pudesse mais desenhar e pintar.

— Era tudo para mim — respondeu ele com sinceridade. — Era a única coisa em que eu era realmente bom.

Asha o encarou. — Isso não é verdade. Tenho certeza de que há muitas coisas em que você é bom.

Kade soltou um suspiro. — Está bem. É a única coisa em que eu era bom quando estava na vertical. — Ele abriu um sorriso malicioso.

Ela corou, sentindo o rosto quente quando o olhar dele encontrou e manteve o seu. Ela não responderia àquele comentário. Alguma coisa lhe dizia que ele seria muito melhor em assuntos sexuais do que ela conseguiria lidar. Se havia uma coisa que notara sobre Kade era que ele tinha a tendência de evitar falar sobre si mesmo, usando um humor depreciativo quando queria fugir de um assunto particular. — Então, você parou de fugir da realidade? — perguntou ela, mudando o assunto o mais depressa possível. Certamente não queria conversar sobre sexo com ele.

— Praticamente — respondeu ele. — Não vou dizer que não sinto falta do futebol, mas lidei com o fato de que não posso mais jogar e não tomo remédios para a dor. — Ele fez uma pausa, ainda encarando-a ferozmente.

— Talvez algum dia você me conte por que está fugindo.

Incapaz de olhar para ele por mais tempo, ela virou o rosto e disse: —

Quem disse que estou fugindo de alguma coisa?

— Você está — respondeu Kade, pegando os pacotes da cama e jogando-os ao lado dela. — Escolhi algumas coisas para você.

— Por quê? — perguntou Asha confusa.

Kade deu de ombros. — Porque são coisas de que você precisa e não parece ter.

Quando ela continuou encarando-o confusa, Kade começou a tirar as coisas das sacolas, uma a uma. — Você precisa de um telefone. — Ele entregou a ela um iPhone de modelo mais recente. — E um notebook. —

Tirando o computador da caixa, ele o colocou sobre o colo dela. — Você não pode administrar um negócio sem as coisas básicas. — Entregando outra sacola a ela, ele disse em tom malicioso: — E mais algumas necessidades. Não é exatamente um traje noturno sedutor, mas é uma camisola apropriada, pois você está doente. E a calça *jeans* e a camiseta têm a sua cara.

Asha olhou para Kade, tão chocada que mal conseguiu falar. — Não posso pagar estas coisas no momento.

— São um presente. Não espero que pague — resmungou ele, sentindo-se afrontado.

Tirando a camisola da sacola, que também continha itens de higiene, *jeans* e camiseta, canetas de desenho e um bloco de desenho novos, ela acariciou o material sedoso. Era bonita e feminina, de um belo tom de rosa que cobriria o corpo inteiro de forma modesta. Ela queria muito vestir a camisola, sentir a seda acariciar seu corpo e fazê-la se sentir feminina. Mas finalmente ela disse a Kade: — Não posso aceitar estas coisas. Devem ter custado uma fortuna.

— Eu falei que são um presente — disse ele quase bravo. — E não custaram uma fortuna. São só algumas coisinhas de que você precisa.

— Eu nunca ganhei um presente — murmurou ela baixinho, continuando a acariciar o material macio da camisola, incapaz de olhar para Kade porque os olhos estavam cheios de lágrimas. — E nem conheço você.

Não posso aceitar.

— Você aceitará porque precisa deles. E como é possível que nunca tenha recebido um presente? Nunca? — perguntou Kade em voz confusa.

Asha deu de ombros, ainda sem encará-lo. — Só nunca recebi.

Kade chegou mais perto, estendendo a mão grande para erguer gentilmente o queixo dela. — Então, deixe-me explicar como funciona.

Você me agradece em voz doce e aceita o que eu lhe dei para não ferir meus sentimentos. — Abrindo um sorriso leve, ele acrescentou: — Um beijo ou um abraço de agradecimento seria adequado.

Asha limpou impacientemente uma lágrima que escapou do olho, encarando-o indecisa. Ele a ajudara tanto, provavelmente salvara sua vida ao levá-la ao hospital. Como poderia aceitar mais alguma coisa dele? Por outro lado, não queria ferir seus sentimentos. Apesar de ele ter dito aquilo em tom de brincadeira, rejeitar os presentes que comprara para ela poderia feri-lo. Ele parecera tão empolgado ao lhe dar todas aquelas coisas. — Eu vou pagar a você — disse ela, decidindo que era um bom compromisso.

Precisava daqueles itens, mas ele gastara muito mais do que ela conseguiria pagar. Obviamente, ele gostava de produtos topo de linha.

— Asha... você não vai me pagar. Um presente não exige pagamento. Eu quis comprar essas coisas para você. Não é nada demais para mim.

Entendeu? — respondeu ele em voz baixa e perigosa.

— É muito dinheiro. Você pode pagar? — Ela cuspiu os pensamentos ansiosos antes que pudesse se conter.

O olhar dele passou de intenso para divertido. — Acho que consigo pagar de forma confortável, sim — respondeu ele, sem conseguir evitar o riso na voz.

— Fale sério — pediu ela ansiosa. — Não quero prejudicar você financeiramente. Já fez tanto por mim, pagou a conta do hospital...

— Eu sou um bilionário. Sou um dos dois donos da Corporação Harrison. Além do mais, fui jogador profissional de futebol por oito anos e ganhei milhões com meus contratos, que investi muito bem.

Asha já supusera que Kade não tinha problemas de dinheiro, mas aquelas palavras a deixaram chocada. — Então por que está aqui? Por que está me ajudando? — Por que alguém com tanto dinheiro perderia tempo com ela?

Kade ergueu a sobrancelha em um gesto que parecia ao mesmo tempo de interrogação e repreensão. — O que quer dizer? Só porque tenho dinheiro, isso significa que não posso fazer favores para amigos ou parentes?

Significa que eu deveria ser um imbecil com uma mulher que está doente?

Bem, não fora exatamente aquilo que ela quisera dizer. Asha soltou um suspiro leve e lançou-lhe um olhar de desculpas. Ela o estava julgando por ser rico e não havia nada que desgostasse mais do que supor coisas que não eram verdadeiras. — Desculpe. É que isso tudo parece muito incomum.

Não conheço pessoas ricas, mas eu imaginaria que elas não passariam o tempo rastreando pessoas sem importância que não conhecem.

— Você não é sem importância e eu estava disponível, já que não posso mais jogar futebol. Max precisava passar algum tempo com a minha irmã, senão teria vindo ele mesmo. É um assunto pessoal para ele. Não teria enviado um funcionário para falar com você.

Asha correu a mão sobre o notebook, admirando a superfície brilhante.

Quanto tempo fazia que não tinha nada totalmente novo? Comprava tudo de segunda mão em brechós ou lojas de liquidação, economizando cada centavo. Mas os presentes de Kade a deixaram emocionada e significavam muito mais do que o dinheiro que ele gastara. Era quase como se ele estivesse encorajando sua carreira artística ao lhe dar o notebook, o telefone e os materiais de desenho. — Obrigada — murmurou ela finalmente. —

Isso significa para mim muito mais do que você pode imaginar. Mas pagarei



a conta do hospital e os remédios. Não me importa o quanto você é rico — terminou ela em tom teimoso.

— Não vou aceitar. — Kade cruzou os braços e encarou-a de forma intimidadora, um olhar que ela estava começando a se acostumar a ver. —

Você me agradeceu de forma doce o suficiente. Estou esperando o beijo. —

Ele virou a cabeça, mostrando a bochecha.

— Não quero contaminar você — respondeu ela hesitantemente.

— Não vai me contaminar. Você está tomando antibióticos a tempo suficiente. Além do mais, respiramos o mesmo ar. Dormimos na mesma cama há dias. — Ele chegou ainda mais perto, batendo com o dedo na bochecha.

As lembranças de Asha dos primeiros dias da doença eram pontuais, mas o alívio a invadiu ao perceber que finalmente poderia tocar nele. Ela se aproximou, jogou os braços em volta do pescoço de Kade e deu-lhe um beijo ruidoso. — Obrigada, Kade. Não sei como retribuir por ter me ajudado, mas eu gostaria de tentar. — Onde ela estaria se não fosse por Kade? Ele cuidara dela quando estivera doente, dera-lhe abrigo enquanto se recuperava e agora lhe dera coisas que a ajudariam a conseguir mais trabalhos.

Kade passou os braços em volta dela, envolvendo-a com seu calor. O

perfume dele era tão gostoso que Asha prolongou o abraço de obrigada por mais tempo do que era necessário. Mas não conseguiu evitar.

Kade a puxou para mais perto e colocou-a sem esforço sobre o colo, apoiando-lhe a cabeça contra o ombro largo. Em seguida, respondeu com voz rouca: — Foi o melhor agradecimento que já recebi. É tudo de que eu preciso.

Asha suspirou contente e aconchegou-se contra o corpo musculoso, tão quente e confortável que não queria mais se mexer. Depois de algum tempo, teria que desistir da sensação de segurança que tinha quando estava perto dele. Ela estava sozinha, sempre estivera. Mas, só por alguns momentos, deixou-se relaxar e ser reconfortada por um homem em quem aprendia a confiar.

Kade tivera a reputação de ser um dos jogadores mais calmos e mais concentrados do futebol. Raramente hesitava em campo. Seu objetivo fora vencer e nunca deixara que as emoções ficassem no caminho.

Mas ele não estava em um campo de futebol e, naquele momento em particular, estava muito longe da tranquilidade.

Que mulher da idade de Asha nunca ganhou um presente?

Kade fora um idiota, mas até mesmo ele dera à namorada presentes excelentes e lembrara-se do aniversário dela. Ele se lembrara de ocasiões especiais de todos os amigos e parentes.

Ela esteve sozinha. Realmente sozinha.

Kade segurou Asha com mais firmeza, percebendo que ela adormecia contra seu ombro. Ela ainda estava muito doente, mas melhorava. Ele não tivera negócio algum para fazer em Nashville. Saía apenas para comprar algumas coisas de que ela precisava. Agora, estava feliz por isso. Gostasse ou não, Asha teria que aprender que não estava mais sozinha. Ela tinha Max e Maddie.

E ela terá a mim.

A fera possessiva que se revirava na mente em se tratando de Asha voltara. Na verdade, Kade não tinha certeza de que ela ia embora de verdade. Parecia estar sempre escondida sob a superfície e, a cada dia, saía com mais facilidade caso houvesse alguma ameaça a Asha.

Kade mudou o corpo leve de lugar, colocando a garota adormecida novamente na cama. Perguntas se formavam na mente dele, uma após a outra.

Por que ela sempre foi sozinha?

Como foi a vida dela?

Nunca houve ninguém para cuidar dela?

Ele sabia muito pouco sobre ela e já não gostara. Queria saber de tudo sobre ela. Asha o fascinava de uma forma que ele tinha certeza não ser exatamente sã e, talvez, um pouco obsessiva.

Asha se mexeu inquieta na cama, como se estivesse sendo assombrada por pesadelos. Kade tirou a calça e a camisa e deitou-se na cama ao lado dela. No mesmo instante, ela se aproximou e aconchegou-se para absorver o calor. Sorrindo, ele teve que admitir que estava acostumando-se àquele tipo específico de tortura. Agora, se sentiria desapontado se ela não o procurasse enquanto dormia.

Acariciando-lhe os cabelos e passando a mão de forma reconfortante pelas costas dela, ele sussurrou: — Vou descobrir quais são os seus problemas e cuidarei deles. Você nunca mais ficará sozinha.

Asha Paritala merecia muito mais do que o destino obviamente lhe dera.

E Kade estava determinado a mudar o destino dela, querendo ela ou não sua ajuda.

Enquanto Asha dormia, Kade começou a fazer planos, preparativos que estava determinado a colocar em ação no dia seguinte.

E foi o que ele fez.



Capítulo 4



Duas semanas depois, Asha se viu parada no meio da casa imensa de Kade, aterrorizada demais para tocar em alguma coisa. A mansão era arrumada, mas estéril, uma casa que não parecia um lar. — Você realmente quer que eu pinte suas paredes? — perguntou ela distraída, olhando para a sala de estar gigantesca e balançando a cabeça. — Que cara solteiro tem paredes brancas e carpete branco? — acrescentou ela, percebendo tarde demais que talvez ele não fosse solteiro. Nunca pergantara e a única coisa que ele dissera sobre casamento fora o comentário brincalhão sobre se casar com uma mulher que gostasse de suas camisas. Apesar de ter passado as semanas anteriores com

ele em Nashville em recuperação, ela sabia muito pouco sobre a vida pessoal de Kade. Querendo retribuir tudo o que ele fizera por ela, Asha hesitantemente concordara com a oferta para decorar as paredes. Ela lhe devia muito mais do que dinheiro, mas estava determinada a resolver algumas das contas do hospital que ele pagara.

Kade deu de ombros ao parar ao lado dela. — Eu não decorei a casa. Foi uma profissional e dei a ela permissão de fazer o que quisesse. Eu viajava a maior parte do tempo.

Asha queria desesperadamente perguntar por que ele não consultara a esposa, namorada ou coisa parecida, mas ficou em silêncio. Não era de sua conta. Estava lá para trabalhar. Entretanto, esperava muito que ele não fosse casado nem tivesse qualquer envolvimento romântico. Ela começara a se lembrar, aqui e ali, dos primeiros dias de sua recuperação. E tinha quase certeza de que acordara várias vezes deitada sobre Kade, como se ele fosse

um travesseiro, nos primeiros dias da doença e em várias manhãs depois disso. Era como se não conseguisse impedir a si mesma nem ao subconsciente enquanto dormia. Queria estar perto dele e procurava-o. Ele a tratara de forma gentil, mas, ainda assim, era uma intimidade maior do que ela gostaria de ter com o homem de outra mulher. — O que exatamente você tem em mente?

Kade franziu a testa. — Não sei, na verdade. Não passei muito tempo aqui. Só sei que precisa de um pouco de cor ou algo parecido.

Asha revirou os olhos, querendo rir ao ver o olhar irritado de Kade. Ela não achava que ele tivesse alguma ideia do que queria. A casa era linda, mas certamente não refletia a personalidade dele. Para ela, Kade era todo luz e cor, uma estrela brilhante em uma noite escura. Ele só não percebia isso. Cuidara dela nas duas semanas anteriores enquanto ela se recuperava.

Ele a tratara como alguém com quem se importava, o que era algo novo para ela, e fizera com que sorrisse... muito. Depois de oferecer a ela, uma estranha completa, o trabalho em sua casa, alegando que adorara as fotografias das paredes que desenhara, Kade a levara em um jatinho privado para a Flórida.

A viagem até a Flórida fora a primeira vez que ela andara de avião, uma aventura que nunca esqueceria. Mas aquilo também a fizera perceber como era grande o mar entre ela e Kade, como viviam em circunstâncias diferentes. A casa em que ele morava fez com que a distância ficasse ainda maior. Dizer a ela que era rico era uma coisa, mas ver a realidade depois de terem saído do hotel fora algo impressionante.

— Pode me mostrar os outros aposentos? — pediu ela.

Kade a levou de um aposento ao outro, fazendo com que ela se exercitasse só de percorrer a casa imensa. O restante da casa era praticamente igual, preto e branco, sem nada de cores nem nada que refletisse pessoalmente o Kade de quem ela gostava cada vez mais. Ela não poderia dizer que o entendia de verdade. Ele era ágil e inteligente, tão lindo que parecia um pecado, mas raramente falava sobre si mesmo. Na verdade, ele não falava de muita coisa além da carreira no futebol. Asha estava começando a acreditar que Kade realmente achava que a única coisa que sabia fazer era jogar. E que o futebol fora a vida inteira dele. Mas ele era muito mais forte, muito mais especial do que achava. Ela admirava a força que fora necessária para parar de usar os remédios como fuga e enfrentar a

realidade. Muitos homens no lugar dele não teriam tido a força nem a disposição para fazer isso.

Eles pararam ao finalmente chegarem à cozinha. Kade abriu a geladeira, pegou uma garrafa d'água, que entregou a ela, e uma cerveja para si mesmo. Ele fez aquilo de forma casual, como se não fosse nada demais se lembrar da preferência dela, apesar de mal conhecê-la. Kade fazia aquilo com frequência, o que a deixava atônita. Ele se lembrava das pequenas coisas sobre ela.

— Bem, o que acha? — perguntou ele com a voz incerta.

Asha observou quando ele inclinou a cabeça para trás ligeiramente e tomou um gole da cerveja, vendo os músculos do pescoço flexionando-se ao engolir.

Acho que um homem não deveria parecer tão sensual e gostoso como você, parado aí tomando uma cerveja.

— Não importa o que eu acho. Importa o que você acha — respondeu ela, tossindo de leve. Asha abriu a garrafa e tomou um gole para tentar se acalmar. Kade Harrison a deixava tensa de forma desconfortável. E não era culpa dele. Ele só era belo demais e tinha uma consideração tão incomum por ela que Asha não sabia como interpretá-lo. Ele era gentil quando não precisava ser e não tinha nada a ganhar por ser simpático. Pedia muito a opinião dela. E conversava com ela, em vez de falar para ela. Ah, ele era mandão... mas só quando estava preocupado. Kade Harrison era tão diferente de todos os homens que conhecera que ela ainda procurava descobrir quais eram suas motivações. Mas parecia que ele não tinha nenhuma. Kade só estava sendo... Kade.

— Você ainda está doente. Está tossindo de novo — respondeu ele, estendendo a mão larga para tocar no rosto dela.

— Estou bem — retrucou ela, sabendo que a sensação de febre não tinha nada a ver com a doença anterior e sim com ele.

— Estou exigindo demais de você. Desculpe. Podemos falar sobre a casa mais tarde — disse ele.

Asha recuou, pois o toque dele foi desconcertante. Enquanto estava doente, saboreara cada contato. Mas era diferente, agora que estava bem e saudável. E, quando ele a tocava, fazia com que quisesse muito mais do que um contato reconfortante. Agora que estava bem, sabia como era perigoso se sentir assim. — Quero começar a trabalhar. Preciso encontrar um lugar

para ficar e devemos decidir exatamente quanto tempo isso demorará, quantas paredes quer que eu pinte — respondeu ela em um tom que esperava ser profissional, tentando controlar as emoções selvagens.

— Todas elas — respondeu Kade, colocando a cerveja sobre a mesa da cozinha e cruzando os braços em frente ao peito. — Será um longo projeto e você ficará aqui comigo. Tenho espaço mais do que suficiente.

— Ninguém mais mora aqui? — perguntou ela casualmente, apesar de o coração estar acelerado. Ela prendeu a respiração enquanto esperava a resposta.

— Não. Só eu. Sempre morei sozinho. — Ele puxou uma cadeira e acenou para que ela se sentasse. — Você precisa ir devagar. Sente-se e diga-me o que acha que eu deveria fazer com a casa, se estiver determinada a discutir o assunto. Quero sua opinião.

Asha se sentou, olhando para cima para encará-lo. Kade queria sua opinião? Por quê? Ela esperara que ele apenas lhe dissesse o que fazer. — A casa precisa refletir você. Precisa representar o que faz com que você se sinta em casa.

Soltando um suspiro pesado, Kade se sentou na cadeira em frente a ela.

— Eu não sei, de verdade. Passei a maior parte da vida envolvido com a carreira. Viajei, fiquei em muitos quartos de hotel. Não tenho a menor ideia do que é um lar. Vivi e respirei futebol o tempo inteiro.

Ela soltou a respiração que prendera e perguntou: — E para o que vive agora que a carreira terminou? — Como Asha não sabia praticamente nada sobre futebol, Kade tivera que explicar exatamente como era o jogo enquanto ela se recuperara e qual fora a função dele no time. Obviamente, ele fora um atleta muito conhecido e provavelmente a maioria das pessoas o teria reconhecido. Mas ela não era a maioria das pessoas e vivera em um mundo muito pequeno até dois anos antes. Ela conseguia perceber a sensação de perda dele, a saudade na voz sempre que falava sobre o time.

Isso fazia com que tivesse uma vontade louca de abraçá-lo bem apertado e dizer que ele era muito mais do que apenas um jogo.

Os olhos azuis de Kade a encararam com um olhar confuso. Asha sentiu o desespero dele ao responder: — Meus amigos. Meu irmão e minha irmã.

Aprendi que há pouquíssimas coisas que são constantes na vida. Eu era uma estrela arrogante do futebol que tinha tudo e perdi em questão de segundos.

Não conto muito com muita coisa. — Afastando o olhar como se tivesse falado demais, Kade tomou outro gole da cerveja.

Asha sentiu um arrepio na espinha, consciente demais de como a felicidade podia ser rara e fugidia. Ela passara a maior parte da vida fazendo o que achava que fossem seus deveres, suas obrigações como mulher indiana. Em conflito, ela afundara quando os fardos começaram a pesar, perguntando-se quem realmente era e o que deveria fazer com sua vida. — Algumas vezes, mesmo as coisas que você acha que são constantes, na verdade não são — murmurou ela pensativa.

Kade virou a cabeça depressa para encará-la novamente, sondando-a com o olhar. — Por quê? Conte-me como foi a sua vida. Posso garantir que minha irmã, Mia, fará uma visita assim que souber que chegamos. Você não pode negar para sempre que provavelmente é parente do marido dela. O

nome de solteira da sua mãe é o mesmo que o da mãe de Max e Maddie e há uma boa chance de que sejam parentes. Eles são pessoas boas, Asha.

Poderia ter pessoas muito piores para chamar de família.

— Não tenho família — gritou Asha em tom doloroso, sentindo as palavras saírem das entranhas feridas.

Kade olhou para ela perplexo. — Você tinha pais adotivos...

— Pais temporários. Fui levada por uma família indiana quando tinha três anos, depois que meus pais biológicos morreram. Recebi alimentos, roupas e criação de indiana. Fui para a escola, mas não tinha permissão de ter amigos norte-americanos. Casei aos dezoito anos, um casamento arranjado, com um indiano que queria imigrar para os Estados Unidos. Ele era primo dos meus pais temporários — terminou ela sem fôlego, mal conseguindo acreditar que estava expondo a alma para Kade. Ele tinha esse efeito nela, fazia com que quisesse contar exatamente como se sentia porque não seria julgada. Era estranho poder realmente conversar com um homem sobre o que sentia.

— Você o amava? — perguntou Kade com voz rouca.

Asha abaixou os olhos, olhando fixamente para a garrafa e brincando nervosamente com o rótulo. — Eu não o conhecia, nem mesmo encontrei com ele antes do casamento.

— Que tipo de arranjo imbecil é esse? — perguntou Kade furioso. —

Você foi vendida?

A vergonha a invadiu ao responder em um sussurro: — Não exatamente.

Meus pais temporários tinham problemas financeiros. Como eu poderia não fazer o que eles queriam? Era o que esperavam de mim. Eles me deram comida e roupas durante quinze anos. Contavam comigo para ajudá-los. A família de Ravi, meu ex-marido, tinha um pouco de dinheiro. Meus pais temporários tinham dívidas. A família de Ravi estava disposta a dar o dinheiro a eles e acabar com a dívida em troca do casamento dele comigo.

— Isso não é diferente de ser vendida — resmungou Kade, derrubando a cadeira ao se levantar e dar a volta na mesa. Ele pegou a mão dela e fez com que se levantasse. — Nenhuma mulher deveria sentir que tem a obrigação de se casar. Você se apaixonou por ele depois do casamento?

Asha olhou para Kade, incapaz de mentir. — Não — sussurrou ela. —

Ficamos casados por sete anos e não dei nada a ele além de desapontamento.

— O quê? — explodiu Kade. — Como você poderia desapontar um homem?

— Fui um negócio ruim para ele. Ravi queria um filho. E eu nunca consegui engravidar. Ele fez exames e era fértil. Eu... não — respondeu ela, com a agonia patente nas palavras. — Ele era um indiano muito tradicional e não acreditava em divórcio. Mas eu precisava sair do casamento. Não era... bom — sussurrou ela, estremecendo ao acrescentar: — Eu me divorciei dele.

— E ele a deixou sem nada? — perguntou Kade com raiva, mas o toque dele foi gentil ao segurá-la pelos ombros.

— Foi escolha minha. Não pensei no futuro depois de escapar. Eu queria sair. Eu precisava sair. — Asha terminou com um soluço, sentindo como se o

coração tivesse sido arrancado do peito. Houvera algum momento na vida em que não se sentira indesejada? Se houvera, não conseguia se lembrar.

Ela fora mais feliz desde o divórcio, viajando de um lugar a outro e conseguindo trabalhos onde era possível, do que jamais fora na vida inteira.

Sim, estivera sozinha, lutando para sobreviver, mas a dor física e emocional desaparecera. E ela sentia quase como se tivesse recuperado a sanidade. —

Meus pais não falam mais comigo. O divórcio não é bem aceito na cultura indiana e eu não cumpri o acordo que o meu pai fez com o meu ex-marido.

Kade a empurrou gentilmente contra o balcão da cozinha com os olhos azuis em chamas. — Você é uma mulher. Uma mulher bela e talentosa. Não

é um objeto para ser vendida. Que merda! Que tipo de homem faz algo assim? Como eles conseguem dormir à noite sem saber se você está segura e feliz?

Asha abaixou a cabeça. — Eu humilhei todos eles. Eles não se importam. — As lágrimas começaram a correr pelo rosto dela quando as emoções explodiram.

Kade segurou o queixo de Asha e forçou-a a levantar a cabeça. A expressão dele era feroz ao responder: — Nenhuma mulher deveria ser vendida e eles não tinham o direito de esperar qualquer coisa de você. Os problemas deles não eram seus. Eles assumiram a responsabilidade de serem pais temporários. E tinham o dinheiro para cuidar de você.

Provavelmente foi por isso que nunca a adotaram. Você mal tinha chegado à idade adulta quando a venderam. Você deveria ter tido a oportunidade de viver, de ter uma educação se quisesse. Mas que merda, você deveria ter tido escolhas!

Asha observou a expressão feroz de Kade, mas não sentiu medo. Ele estava, na verdade, defendendo-a, defendendo seus direitos como mulher.

Infelizmente, ele não entendia a cultura indiana. — Posso ser norte-americana, mas fui criada como indiana, Kade. Somos motivados pelo dever

e pela culpa. — Aquilo era algo disfuncional? Sim, mas era difícil se livrar das coisas que lhe foram ensinadas quando era criança e adolescente.

Ela demorara vinte e cinco anos para ter coragem suficiente para se afastar da tradição e fugir de um casamento horroroso e ainda não era fácil. A vergonha e a culpa ainda a assombravam de vez em quando. — Desde o divórcio, tentei me livrar e encontrar o lado norte-americano da minha herança. Mas ainda é difícil às vezes. Eu me desloco muito e é difícil fazer amigos. Ainda estou aprendendo a ser norte-americana.

Kade chegou mais perto dela, com o corpo quente e musculoso pressionado contra o seu. Seus braços a envolveram e ele sussurrou contra a têmpora de Asha: — E foi mesmo uma obrigação? Estar casada foi uma obrigação? Ou seu ex amava você?

Asha estremeceu e, sem se conter, passou os braços em volta do pescoço de Kade enquanto as lágrimas continuavam a cair. — Ele não me amava.

Queria um filho — murmurou ela contra o peito dele. — Não podia se divorciar de mim, mas eu não era o que ele queria. Ele ficou furioso com a

situação e isso tornou o casamento difícil. A imagem era tudo para ele e eu não consegui lhe dar uma família.

Os músculos do maxilar de Kade se contraíram e o corpo ficou tenso quando ele disse: — Por favor, diga que ele não machucou você. Diga que ele nunca colocou um dedo em você nem a culpou.

Asha abaixou a cabeça. — Não posso. Isso seria uma mentira e você fez demais por mim para que eu minta. Você tinha razão. Eu estava fugindo.

Estou fugindo desde que eu o deixei.

— Ele está ameaçando você? Entrou em contato com você? —

perguntou Kade ansioso em tom enfurecido.

— Não acho que ele saiba onde estou e duvido que se importe. Ele entrou em contato com alguns dos meus antigos clientes onde morávamos na

Califórnia para me procurar. Portanto, eu me escondi até o fim do divórcio e, depois disso, fugi. Estou viajando desde então — admitiu ela baixinho. — As coisas ficaram piores quando comecei a aceitar trabalhos.

Ele não queria que eu trabalhasse fora.

— E o seu *site*?

— Ele não sabia — admitiu Asha. — Teria acabado com o *site*.

Kade recuou a cabeça e ergueu o queixo dela para olhar para seu rosto.

— Diga-me onde ele está — exigiu ele em voz baixa e mortal. — Vou matar esse imbecil.

— Não! — exclamou Asha. — Só o que eu quero é paz. Quero esquecer.

Por favor. — O fato de aquele homem defendê-la fez com que ela sentisse o peito apertado de gratidão, mas não queria Kade envolvido com seu passado. — Acabou. Estou livre. Era tudo o que eu queria.

— Você teve alguma ajuda?

— Passei o tempo aguardando o divórcio em um abrigo para mulheres.

Eles me ajudaram o quanto podiam. Participei do aconselhamento deles, mas acho que ainda estou lutando para me livrar do passado. Aceitei trabalhos fora do estado para fugir, começar de novo.

— Ele era doido? Não percebeu o que tinha? — retrucou Kade ferozmente.

— É muito solitário estar com alguém que não se importa, mas não aguento o fato de ele ter ferido você intencionalmente.

Olhando para os olhos azuis, ela disse hesitantemente: — Parece que você sabe como é estar com alguém que não se importa.

— Eu sei. Minha namorada, depois de dez anos, terminou tudo quando eu estava na UTI depois do acidente porque não era isso que ela queria.

Porque eu não era capaz de atender ao ideal dela. Eu sei exatamente como é e é horrível. Mas eu não era indefeso. Eu tinha dinheiro, família e amigos.

O coração de Asha acelerou e ela conseguiu sentir a raiva de Kade, bem como a mesma sensação de traição que ela sentira quando Ravi a afastara e transformara-a no alvo de sua fúria por não conseguir conceber um filho. —

Então ela não merecia você. Se algo tão superficial fez com que lhe desse as costas, então você está melhor sem ela — respondeu Asha em tom firme.

Kade era um homem que valia a pena manter, não importavam as circunstâncias. A ex-namorada dele não entendia que ele era o tipo de homem que a maioria das mulheres queria ter, um homem que era constante e que se importaria, sempre? — Você merece muito mais do que isso —

disse ela com sinceridade, colocando a palma da mão no maxilar dele.

Os olhos de Kade ficaram ardentes e as narinas se dilataram quando ele perguntou em voz rouca: — Como você dorme com alguém cujo único objetivo é engravidá-la e surrá-la?

Asha deu de ombros de forma desconfortável. — Eu era esposa dele —

disse ela. — Era meu dever e, se eu tivesse me recusado, teria sido pior.

Normalmente acabava depressa. — Ela não queria mencionar que não tivera opção. Se Ravi queria fazer sexo, ele fazia sexo. Nas poucas vezes em que ela tentara lutar contra isso, ele quase a deixara inconsciente.

— Não é assim que as coisas devem acontecer, querida. — A mão de Kade se afastou do rosto dela e seus dedos correram sensualmente por seus cabelos. — Você é uma mulher que merece ser saboreada, uma mulher a quem um homem quer dar prazer. Não há nada que me daria mais satisfação do que vê-la gozar. Intensamente.

As palavras dele causaram uma reação diretamente em suas entranhas. O

calor úmido surgiu entre suas coxas ao ver o desejo nos olhos dele. Ela sentiu o rosto quente de constrangimento, mas havia uma paixão bruta

percorrendo seu corpo, deixando-a incapaz de afastar os olhos da expressão carnal dele. — Como você vê isso quando está escuro? — perguntou ela, sem conter a curiosidade. — Ele foi o único homem com quem estive e sempre aconteceu muito depressa, com as luzes apagadas.

— Merda! Ele nunca fez você gozar? — Kade colocou a mão no traseiro dela e puxou seu corpo para que sentisse a ereção.

Asha ficou de boca aberta, tanto de necessidade quanto de surpresa. Ele estava rígido e cheio de desejo. O restante do corpo de Kade estava tão ardente quanto seus olhos. — Não — admitiu ela, sentindo-se hipnotizada e sem conseguir se afastar da força desconhecida que a atraía para Kade. —

Estava sempre escuro e terminava em um ou dois minutos.

— Querida, você nunca deveria ser possuída no escuro — respondeu Kade irritado. — Sabe que se parece exatamente como o retrato em seu portfólio? Madura, cheia de desejo e pronta para ser possuída.

Asha sabia exatamente de que retrato ele falava. — Você viu os meus desenhos — acusou ela, sentindo-se nua e exposta. Aquele desenho retratava toda sua necessidade de algo que não existia.

— Alguém? Algum dia? Em algum lugar? — retrucou Kade. — Eu tenho a resposta para todas essas perguntas.

— Eu — sussurrou ele quando seus lábios exploraram a cavidade sensível da orelha de Asha, com o hálito quente fazendo com que ela estremecesse.

— Agora — acrescentou ele, agarrando-lhe os cabelos com os dedos e puxando-a para mais perto contra o pênis rígido.

— E bem aqui — terminou ele com um rosnado, abaixando os lábios para capturar os dela.

A boca ardente de Kade sugou a respiração dela. Asha gemeu contra os lábios dele e abriu-os automaticamente. A necessidade que sentia daquilo, dele, era insaciável. Provavelmente parecia exatamente como o autorretrato, pois o desejo era intenso e indomável. E agora, Kade lhe dava o que queria

com cada investida da língua. Ele a beijou como um homem possuído, um homem determinado a conquistar e dominar, e ela respondeu com desejo igual. Ela enterrou os dedos nos cabelos dele e acariciou-lhe a nuca, precisando tocá-lo como ele parecia precisar tocá-la. Asha se sentiu capturada e dominada com o corpo quente e musculoso pressionado contra o seu. Mas ela se deleitou com aquilo, com ele. Kade saboreou sua boca com uma necessidade urgente, mas a língua explorou cada recesso como se precisasse conhecer cada milímetro. Ele vibrou com um gemido quando ela pressionou de volta, tão ansiosa para explorar o beijo como ele, adorando a liberdade de sentir seu gosto. Saber que Kade a queria lhe dava um prazer que a deixou hipnotizada, que encheu um vazio em seu interior que existia desde sempre.

Kade. Kade. Kade.

Ela moveu os quadris para a frente, tentando chegar mais perto do membro rígido, amaldiçoando as camadas de tecido entre eles.

Mais perto. Preciso chegar mais perto.

Asha sabia que estava afogando-se, perdendo o controle, mas entregou-se a Kade sem um pensamento coerente, pois a necessidade do corpo era prioritária. Ela afastou a boca e suplicou: — Por favor, ai, por favor —

gemeu ela, precisando de mais.

Kade a ergueu com facilidade sobre o balcão, o que deixou seus seios diretamente em frente ao rosto dele. Ela arquejou quando ele arrancou os botões da blusa para abri-la. Ela não usava sutiã e o ar frio, ao bater nos mamilos sensíveis e endurecidos, foi um choque.

— Minha camisa — murmurou ela sem fôlego, mais constrangida pela revelação dos seios pequenos do que pela roupa propriamente dita.

— Eu comprei outras para você — disse ele. A boca de Kade procurou e encontrou um dos seios e a mão subiu para acariciar o outro.

Asha segurou a cabeça dele contra o seio, ainda sem fôlego por causa do desejo. — Kade. Por favor. — Os dedos e a boca de Kade acariciaram,

beliscaram, deixando-a completamente desesperada. Ela encostou a cabeça no armário logo atrás, sentindo como se o corpo estivesse em chamas enquanto Kade devorava seus seios, passando de um para o outro, como se quisesse tomar posse dos dois.

Ela gemeu, mantendo as mãos nos ombros dele para não cair sobre o balcão.

— Você é tão linda, Asha. Tão doce que eu poderia lamber cada centímetro do seu corpo e ainda querer mais — sussurrou Kade ao provocar o mamilo com a língua.

— Meus seios são muito pequenos — disse ela, incapaz de se concentrar em qualquer coisa além da tortura quente de Kade.

— São perfeitos — insistiu ele, segurando-os com as mãos e acariciando os mamilos com os polegares.

Asha se contorceu sobre o balcão, com o calor e o desejo pulsando entre as coxas de forma insuportável. — Eu preciso... — gemeu ela, sem saber ao certo do que precisava para que o corpo parasse de tremer.

— Eu sei do que você precisa — respondeu Kade em voz baixa e sensual, com o hálito quente contra o pescoço dela. — Você precisa de um

homem que a faça gozar. E esse homem serei eu.

Asha estremeceu ao sentir a mão dele percorrer lentamente o abdômen, acariciando a pele nua enquanto descia. O botão da calça *jeans* foi aberto, o zíper desceu impacientemente e, subitamente, os dedos de Kade estavam onde ela precisava deles, deslizando facilmente pelas dobras molhadas e parando sobre o clitóris. Cada movimento dos dedos talentosos causavam um gemido. Asha fechou os olhos, com um prazer tão intenso que ela quase desmoronou. — Isso — sussurrou ela. — Toque-me. — Abrindo mais as coxas, ela colocou as pernas em volta da cintura de Kade, empurrando o corpo para a frente cada vez que ele movia os dedos.

— Não sei quanto tempo vou aguentar. — O peito de Asha se movia pesadamente e o corpo inteiro estremeceu com a intensidade do clímax iminente.

Segurando a nuca dela, Kade disse: — Vamos, Asha. Aproveite. Olhe para mim.

Ela abriu os olhos obedientemente, sentindo o corpo inteiro pegar fogo ao encontrar o olhar dele, cujas chamas azuis quase a incineraram.

— Goze para mim, querida. Você está tão molhada, tão gostosa. Tome o que precisa e solte-se.

Kade foi implacável, com os dedos acariciando repetidamente o clitóris, deixando-a repleta de um desejo quente e frenético. Asha conseguia sentir a determinação dele. No fim, ela não teve outra opção a não ser deixar que o orgasmo a invadisse, incapaz de segurar os gemidos. — Kade — gemeu ela quando finalmente fechou os olhos, sem conseguir aguentar o olhar intenso no rosto bonito. — É demais.

Ele continuou acariciando-a enquanto o orgasmo diminuía, estendendo-o. Os lábios dele capturaram os de Asha e ele soltou um gemido antes de prendê-la em um beijo.

Colocando os braços em volta do pescoço dele, Asha o beijou como se sua vida dependesse disso, saboreando seu gosto, desejando poder entrar nele e nunca mais sair.

Terminando o abraço apaixonado, Kade puxou o corpo trêmulo de Asha contra o peito e segurou sua cabeça sobre o peito ofegante. Ele passou os braços em volta dela como se fossem tiras de aço, segurando-a bem perto como se fosse alguém muito precioso. E, por alguns momentos, Asha se deu ao luxo de sentir o corpo dele, de saborear a sensação de pertencer a

ele. Tentando desligar o cérebro que lhe dizia que o que acabara de acontecer não era certo, Asha deixou, pela primeira vez na vida, que o coração tomasse a liderança. Ela passou os braços em volta do corpo forte de Kade, deixando que ele a abraçasse. Talvez fosse uma falsa sensação de proteção, mas era tão boa que ela não queria que terminasse.

— Melhor coisa do mundo — disse Kade em um sussurro.

— O quê? — perguntou ela confusa.

— É assim que se vê uma mulher gozar, querida — respondeu Kade em tom arrogante. — E é algo fantástico.

Sabendo que provavelmente deveria se sentir mortificada por ter acabado de deixar um homem que mal conhecia fazê-la gozar no meio do dia sobre um balcão, Asha abriu a boca para repreendê-lo pela arrogância.

Mas, logo em seguida, fechou-a novamente sem dizer nada. Sinceramente, ela não podia responder. Ele tinha razão. Fora melhor do que bom. Kade mudara seu mundo e algo lhe dizia que ela nunca mais seria a mesma.

Finalmente, ela só disse: — Obrigada.

— Pelo quê? — perguntou Kade.

Asha não sabia se conseguiria explicar, não sabia exatamente como expressar o que sentia. — Por fazer com que eu me sentisse como uma mulher que pode ser desejada — respondeu ela com simplicidade. Por quanto tempo ela se sentira defeituosa porque os órgãos femininos eram incapazes de conceber um filho? — Não me sinto mais tão deficiente.

Os braços de Kade a apertaram um pouco mais por reflexo. — Se você acha que é deficiente, deveria ver a minha perna — resmungou ele.

— Você deveria ver as minhas partes íntimas — retrucou ela em tom leve, tentando fazer uma brincadeira consigo mesma para tirar a mente de Kade da perna ferida. Ela nunca vira as próprias partes deficientes. Só sabia que tinha falhas internas.

— Se isso é um convite, terei o maior prazer em vê-las — disse a voz esperançosa e sensual de Kade. — Elas pareceram perfeitas para mim, mas eu adoraria examiná-las mais de perto.

Percebendo exatamente o que dissera para distraí-lo, Asha soltou uma risada alegre, começando a sentir um poder feminino que nunca tivera antes. A risada acabou em um acesso de tosse, um efeito residual da doença.

— Droga, esqueci que você ainda está doente — disse Kade como se estivesse irritado consigo mesmo.

— Estou bem — retrucou ela em tom firme.

Kade a ergueu gentilmente do balcão, deixando que deslizasse contra seu corpo até chegar ao chão. — Você descansará antes do jantar — respondeu ele ansioso, ajeitando as roupas dela. Em seguida, pegou sua mão e puxou-a gentilmente para levá-la para fora da cozinha.

Asha mal teve tempo para pegar a bolsa e a mochila antes de segui-lo.



Capítulo 5



—Posso encontrar um lugar para ficar, Kade. Você não precisa me aguentar enquanto eu trabalho — disse Asha nervosamente.

Os cabelos da nuca de Kade se arrepiaram. A ideia de Asha andando por Tampa, procurando um lugar para ficar antes de se recuperar totalmente da pneumonia, fez com que ele tivesse vontade de jogá-la sobre o ombro e colocá-la em sua cama para que pudesse cuidar dela. Não havia a menor chance de deixá-la sair de sua casa. Descobrir que ela sofrera abusos do idiota do ex-marido quase o deixara fora de controle. — Você vai ficar —

respondeu ele. — E você não é uma funcionária. É uma hóspede.

Kade passou a contragosto pelo próprio quarto, levando-a ao quarto em frente ao seu e abrindo a porta. Era o único quarto que ele evitara ao mostrar a casa. Ele sorriu ao entrarem, percebendo imediatamente que Mia e Maddie tinham estado lá. Era o único quarto na casa inteira que tinha cores. — Seu quarto — disse ele a Asha, inteiramente certo de que ficaria de pau duro todas as noites sabendo que ela estava do outro lado do corredor. Ele se acostumara a ter o corpo doce de Asha sobre o seu, buscando-o durante o sono. Que merda, ele sentiria falta daquilo. Mas precisava parar de pressioná-la, precisava deixá-la se acostumar com ele e com seu mundo.

Teimosamente, queria que ela viesse até ele, que o desejasse. Tê-la ali seria o céu e o inferno. Mas, depois que descobrira do abuso que sofrera, precisava sufocar os instintos de homem das cavernas.

Ela ficou de boca aberta ao avançar lentamente, percorrendo o quarto com os olhos. — É lindo — disse ela, passando a mão sobre a coberta

colorida que cobria a cama imensa.

Mia e Maddie tinham se superado. Desenhos e pinturas vibrantes decoravam as paredes e a coberta que ela acariciava tinha todas as cores do arco-íris. Kade abriu o armário, já sabendo o que encontraria. Ele pedira a Mia e a Maddie que preparassem o quarto de hóspede, deixando-o o mais alegre e colorido possível. Dando a elas o tamanho de Asha pelas roupas dela, também pedira que comprassem algumas roupas novas. A julgar pelo armário repleto, elas tinham levado o pedido muito a sério. — Mia e Maddie compraram algumas roupas para você.

Asha se virou e olhou para o armário, parando ao lado dele para tocar nas roupas. — Quais delas? — perguntou ela cautelosa.

— São todas suas. Deixei que minha irmã e Maddie as escolhessem. Só disse a elas que você gosta de coisas coloridas.

— Por que elas fariam isso? — perguntou Asha, sentindo-se desconfortável e segurando a blusa sem botões fechada com a mão.

— Eu os vi. Brinquei com eles. Coloquei a boca neles, o que foi um dos momentos mais incríveis da minha vida. Você não precisa esconder os seios de mim — disse ele em tom divertido.

O rosto de Asha ficou vermelho com o comentário, mas ela não cedeu.

— Não posso aceitar essas roupas. Todas elas têm etiquetas famosas. Meu guarda-roupa inteiro, da vida toda, não vale o que uma camisa desta coleção vale — disse Asha em tom firme, olhando para ele com a testa franzida. —

Por que alguém que eu não conheço compraria roupas para mim?

A testa dela ficava com rugas quando ela estava chateada, fazendo com que Kade quisesse removê-las com os dedos e os lábios. — Porque eu pedi a elas que fizessem isso e elas queriam fazê-lo. Não gostou das roupas?

— Elas são lindas, mas não posso aceitar. Você já fez demais por mim. E já me deu presentes.

— Sim, pode. Elas são um presente de sua irmã. E não há um limite para dar presentes. — Aquela mulher teimosa precisava de roupas e ficaria com elas.

— Não tenho uma irmã — respondeu Asha.

— Você tem uma irmã e um irmão. E são apenas roupas. Não é nada demais. Se faz com que você se sinta melhor, Maddie se casou com um dos homens mais ricos do mundo, Sam Hudson. Ela quis fazer isso por você. —

Kade sabia que Asha já conhecia os detalhes sobre os possíveis irmãos, mas obviamente não estava pronta para aceitar a realidade. Ele não tinha dúvida alguma de que ela era parente de Max e Maddie. A mãe dela tinha o mesmo nome de solteira e Asha lhe mostrara uma fotografia da mãe com o pai biológico. A fotografia mostrava uma versão mais velha, mas muito parecida, da fotografia que Max tinha da mãe biológica, Alice. — Por que é tão difícil aceitar que Max e Maddie são seus irmãos? Eu sei que é um choque. Maddie ficou surpresa ao encontrar Max, mas ficou feliz.

Os olhos de Asha se encheram de lágrimas e ela deu as costas para ele, sentando-se na cama. — Eu nunca tive família. Meus pais temporários me alimentaram e deram-me roupas, mas eu nunca fui um deles. Eles me acolheram antes de terem dois filhos. Nunca fui parte da família e sentia a distância. É difícil explicar sem fazer parecer que sinto pena de mim mesma. Sou grata a eles. Mas nunca fui realmente parte da família. — As lágrimas escorreram pelo rosto e os olhos permaneceram baixos. — Tenho medo de acreditar em algo que pode não ser verdade. E se eu amar os dois e eles não me amarem de volta? E se eu não for realmente irmã deles?

Kade sentiu o peito apertado ao olhar para Asha, pequena vulnerável, mas forte o suficiente para sair de um relacionamento sem nada para salvar a

própria sanidade. Alguém algum dia se importara com ela incondicionalmente só porque era uma mulher incrível? — Você é irmã deles. E eles amarão você, sim. Como poderiam não amar? Confie em mim

— pediu ele, sabendo que provavelmente ela teria dificuldade em confiar, mas queria desesperadamente que isso acontecesse. Na verdade, ele começava a perceber que nunca quisera tanto alguma outra coisa na vida.

Asha cruzou as pernas sobre a cama, com os pés descalços aparecendo sob as pernas. Ela olhou para ele ansiosa. — Mesmo se formos parentes, somos muito diferentes. Eles são incrivelmente ricos e estou acostumada a ser pobre. Eles são norte-americanos e eu sou indiana...

— Você também é norte-americana — rosnou Kade, irritado por Asha se vir como inferior em comparação aos irmãos. — E, mesmo se não fosse, não importaria.

— Fomos criados em culturas diferentes. E os dois são parecidos com a nossa mãe — respondeu Asha baixinho.

— Maddie foi uma criança adotiva, passou de família em família, e nenhuma delas deu a mínima para ela. Ela trabalhou incessantemente para terminar a faculdade de medicina e também não tinha família quando Max a

encontrou. — Kade se sentou na cama e puxou Asha para o colo. — Ela está muito feliz por ter uma irmã. E Max também.

— Coitada de Maddie — sussurrou Asha. — Ela está realmente feliz agora? Max está feliz?

Os lábios de Kade se curvaram em um sorriso leve ao olhar para a expressão perturbada de Asha, emocionado ao ver como Asha podia rapidamente sentir remorso pelas circunstâncias anteriores de Maddie. Ela tinha um coração grande, como o de Maddie. Era mais parecida com a irmã do que imaginava. Ele contara a ela tudo sobre a vida de Max e Mia, incluindo a tortura que Max sofrera quando Mia desaparecera por dois anos, sendo considerada morta. Ele vira a mesma preocupação doce quando contara a ela sobre aquela época terrível da vida deles.

— Os dois são extremamente felizes — garantiu Kade, afastando os cabelos sedosos do rosto de Asha. — Os dois encontraram sua alma gêmea e estão casados. Mas nenhum dos dois teve uma vida fácil. E eles não são muito diferentes de você. As dificuldades foram diferentes. Eles também nunca tiveram família, Asha. Dê uma chance a eles.

Dê uma chance a mim também.

Kade sabia que estava longe de ser emocionalmente saudável, mas sentia como se estar com Asha curasse algumas das feridas emocionais do passado.

Ela é minha.

— Você acredita em almas gêmeas, relacionamentos como Maddie e Max têm com Mia e Sam? Acredita que há uma pessoa feita especialmente para você? — perguntou Asha baixinho.

Algumas semanas antes, Kade teria respondido com um não bem grande.

Sempre fora o primeiro a implicar com Max e Sam por serem tão envolvidos com as esposas. Agora, ele não sabia mais. Fora misteriosamente atraído por Asha antes mesmo de conhecê-la, durante aquele jogo de gato e rato, e depois pelos desenhos dela. Ela era como um bálsamo para sua alma machucada, um remédio para sua solidão. Ele nunca se sentira assim com relação a outra mulher e isso o deixava confuso. —

Sim, acho que sim — respondeu ele ao encará-la, perdendo-se no castanho hipnotizador de seus olhos. Cada célula de seu corpo gritava para que ele a tomasse como sua. Ele precisou cerrar os punhos atrás dela para se impedir de tirar as roupas de Asha e mostrar a ela o que era ser realmente desejada

por um homem de forma tão desesperada. Ele queria mostrar a ela como era ser respeitada e adorada.

Ele não se importava se ela era ou não parente de Maddie e Max.

E não se importava nem um pouco com o fato de ela não poder ter filhos.

Ele só a queria. E queria deixar sua marca nela tão desesperadamente que o corpo grande estremeceu de desejo.

— Eu também acredito. Mas o que acontece se você nunca encontra essa pessoa? — perguntou ela pensativa.

Você a encontrou. Não precisa mais procurar. Você é minha.

— Acho que só acontece — respondeu ele em voz alta. — Se estão destinadas a ficarem juntas, elas acabam se encontrando.

— Minha mãe sempre me disse que eu era muito distraída. Meus desenhos, minha leitura, minha mente sempre estavam longe das coisas práticas da vida — disse Asha com um suspiro. — Acho que, de alguma forma, eu não me conformei completamente em ser a indiana prática que eles queriam.

— Você não precisa se conformar. Vem de uma herança indiana e pode ter orgulho disso. Muitos indianos são pessoas gentis. Mas você também é norte-americana. E a maioria das norte-americanas não aceita um monte de merda. — Ele deitou na cama e estendeu as pernas, com a panturrilha direita começando a doer. Segurando-a pela cintura, ele a puxou para baixo, fazendo com que deitasse a cabeça em seu peito.

Ela ergueu a cabeça e olhou para ele empolgada. — Você já esteve na Índia?

Ele assentiu. — Várias vezes. A Corporação Harrison tem negócios lá.

— Como é lá? — perguntou ela. — Não é estranho eu ter sido criada na cultura indiana, mas nunca ter ido lá?

— Eu levarei você lá um dia. Pelo menos, é provável que fale o idioma

— respondeu ele em tom de brincadeira.

— Só se formos para Andhra Pradesh ou para uma área que fale telugu

— respondeu ela. — Meus pais temporários e meu ex-marido eram de lá e falavam telugu. Não aprendi muito hindi.

— Sempre achei incrível que dois indianos não necessariamente conversam entre si porque há muitos dialetos na Índia — comentou Kade.

Asha deitou novamente a cabeça no peito de Kade e começou a brincar com os botões da camisa vermelha dele, decorada com bananas dançantes.

— Eu sei que as mulheres apanham lá também — disse ela hesitante. —

Leio muito sobre a Índia quando tenho a oportunidade. A violência doméstica lá é bem grande. É quase como se fosse aceitável. A maioria das mulheres é tratada mal lá?

— Bater em uma mulher nunca é aceitável, por motivo algum —

resmungou Kade. — Homens que batem em mulheres, sejam norte-americanos ou indianos, são covardes idiotas que têm medo de arrumar uma briga com alguém que possa vencer. — Ele suspirou e continuou: — Eu queria poder lhe dizer que as coisas são ótimas, mas a taxa de violência doméstica na Índia é alta. Eu estive lá a negócios e nunca me envolvi totalmente na cultura. Mas ainda é uma sociedade patriarcal e há uma grande porcentagem de homens que não valorizam as mulheres como deveriam. E certamente não há oportunidades iguais, apesar de haver agora leis que protegem as mulheres, mas que não são usadas. A geração mais nova está tentando fazer com que as mudanças aconteçam, mas é uma batalha longa.

— E o divórcio ainda é um tabu — acrescentou ela.

Kade não podia mentir. — Em sua grande maioria... sim. Ele não é amplamente aceito. Mas você não está na Índia, Asha. — Tentando mudar de assunto, ele perguntou curioso: — Você nunca me contou por que ainda usa o sobrenome do seu pai. Se foi casada, não usou o sobrenome dele?

— Meu nome de casada era Kota, mas passei a usar novamente o sobrenome do meu pai quando me divorciei de Ravi. Acho que foi uma forma de assumir novamente o controle da minha identidade.

Kade gostou da ideia de ela passar a usar novamente o sobrenome do pai e não ter mais o sobrenome de um idiota. — A borboleta algum dia sairá do

casulo? — perguntou ele distraído, brincando com os cachos sedosos dos cabelos dela.

Ela ergueu a cabeça e abriu um sorriso tímido. — É um processo longo.

Sempre que acho que estou progredindo, tiro mais um pouco das asas.

Kade sentiu o coração saltar ao ver o sorriso dela. Decidiu que queria ver aquela expressão feliz constantemente no rosto de Asha, em todas as horas e a cada minuto de cada dia. Ela passara por dor e conflito suficientes nos vinte e sete anos de vida. Asha nascera para brilhar e Kade queria deixar

tudo mais fácil para ela depois do que sofrera. — Quando acha que isso acontecerá?

O sorriso dela aumentou. — Depois da experiência no balcão da cozinha, acho que preciso tirar mais um pedacinho da asa de dentro do casulo.

Kade gemeu internamente, sentindo o pênis inchado estremecer de desejo. O sorriso dela fez com que seu coração flutuasse e o fato de ela se sentir confortável o suficiente para mencionar aquela experiência íntima sem hesitação fez com que ele sentisse que estavam presos em um mundo só deles.

O lugar dela é ao meu lado.

Kade não conseguiu impedir a necessidade possessiva e animal de conquistá-la, de segurá-la tão perto que ela nunca iria embora. Se fosse, a luz que ligara dentro dele morreria. Alguma coisa estava acontecendo com ele, algo incrível. E ele não queria que aquela sensação incrível terminasse.

Pouco a pouco, a escuridão dentro dele era espantada pela presença brilhante de Asha.

Com um rosnado, ele a virou, prendendo-lhe o corpo sob o seu, o que lhe causou uma sensação fantástica. Mantendo os braços dela presos sobre a cabeça, ele sentiu a satisfação carnal de tê-la exatamente onde a queria. —

Eu ficaria mais do que feliz em fazer a borboleta emergir completamente.

— De fato, ele tinha quase certeza de que enlouqueceria se não entrasse nela muito em breve. Ele queria que a borboleta abrisse as asas e voasse.

Kade a sentiu estremecer com uma expressão que era parte desejo e parte hesitação. Ele sabia que a estava pressionando demais, depressa demais, mas não conseguia controlar a vontade de possuí-la. Observá-la e sentir o clímax sobre os dedos fora algo incrível, mas ele queria lhe dar mais, mostrar a ela que o prazer de uma mulher podia ser muito maior. E, de forma egoísta, queria que ela o desejasse.

Rangendo os dentes com a dor de querer trepar com ela até que gritasse seu nome, ele estudou o rosto de Asha, procurando um sinal, qualquer sinal, de que ela queria o mesmo. De que sentia o mesmo que ele.

— Estou aqui para fazer um trabalho — disse ela tristemente. — Não posso fazer isso.

— Foda-se o trabalho. É sobre você e eu. Não tinha nada a ver com o trabalho. Você é incrivelmente talentosa e quero que faça sua mágica em todas as paredes desta casa, mas não era por isso que eu a queria aqui — admitiu ele frustrado.

— Você me trouxe aqui por causa de sua irmã e de Max? — perguntou ela com voz resignada.

— Eu trouxe você aqui porque não podia deixá-la ir embora. É muito simples. Eu só quero você — disse ele com voz rouca, sabendo que estava dando a ela corda suficiente para que o enforcasse, mas não se importou.

Pela primeira vez, controlar as emoções não queria dizer nada. — Eu quero respirar seu perfume e juro que, deste dia em diante, o cheiro de jasmim sempre me deixará de pau duro. Quero sentir o gosto do seu orgasmo na minha língua, quero fazer você gozar até que não consiga pensar em nada além de mim. E preciso estar dentro de você, trepar com você até que não saiba mais o seu nome. — Kade engoliu em seco e acrescentou: — Depois, quero que durma comigo e quero mantê-la tão perto de mim que você nunca mais terá um momento em que se perguntará se alguém a quer. Porque eu a

quero, Asha. Quero você o suficiente para compensar todas as pessoas na sua vida que não a quiseram.

Ela o encarou de boca aberta, com expressão estupefata. — Não sou ninguém especial. Não estou entendendo.

Kade encostou a cabeça no ombro dela com um gemido, percebendo que soara como um idiota completo. — Você é especial. É isso que estou tentando lhe dizer.

Ela puxou os pulsos e Kade a soltou com relutância. A mente e o corpo gritavam para mantê-la, mas ela obviamente não entendia como ele se sentia. Ora, nem mesmo ele entendia. Os sentimentos por ela estavam totalmente fora de controle, mas ele não conseguia evitar. As emoções eram mais fortes do que o bom senso.

Esperando que ela o empurrasse para longe, Kade estremeceu ao sentir as mãos dela deslizarem sob a camisa até as costas, explorando a pele nua.

Colocando os lábios perto de seu ouvido, ela sussurrou: — Não tenho casa e mal sobrevivo. Meus seios são muito pequenos e não sou sedutora. Só estive com um homem em toda minha vida e sexo nunca foi algo que eu quisesse ou achasse que precisava. Mas estou começando a precisar de você e isso me assusta. Não sei por que você me quer, mas posso garantir que quero você mais. Eu sei que não deveria estar lhe dizendo como me sinto,

mas não posso deixar que pense que não o quero. Porque eu quero. Quero tanto que chega a doer.

Kade ergueu a cabeça com impressão incrédula ao mergulhar nos olhos de chocolate de Asha. As palavras dela o deixaram completamente atônito, mas ele precisava que ela entendesse que queria mais do que apenas uma trepada. — Não me importa de onde você veio nem quanto dinheiro tem ou não tem. Só quero estar com você por ser quem é. Você é corajosa, talentosa, inteligente, sexy e completamente louca de querer um idiota como eu. Mas estou feliz por querer — respondeu ele com voz baixa e trêmula, com as emoções totalmente fora de controle. Asha encontrara o poço emocional

dele, que se sentia enredado em uma teia de desejo tão apertada que não conseguia sair. E ele não tinha certeza de que queria escapar.

— Pare com isso. — Asha enterrou as mãos nos cabelos dele e puxou seu rosto para perto. — Você é o homem mais gentil que já conheci, é incrivelmente bonito e *sexy* e não me importo nem um pouco se não pode mais jogar futebol. E acho que a sua ex-namorada era louca ou inacreditavelmente superficial se não conseguiu ver o que tinha. Eu também quero você por ser quem é. Nem entendo de futebol, é só um jogo bobo.

— Ei, ei! Espere um pouco. Não chame o futebol de jogo bobo —

repreendeu ele em voz implicante, encostando a testa na dela. — Foi a minha vida inteira por anos.

— Talvez esteja na hora de fazer uma vida nova — sugeriu Asha hesitante. — Você tem muito mais a oferecer ao mundo do que apenas um jogo. Eu sei o quanto ele significou para você. Seria como tirar de mim a capacidade de fazer arte. Mas você é mais do que uma coisa só, Kade.

Ele engoliu em seco, emocionado pela fé dela. Sim. Talvez estivesse na hora de começar um novo capítulo em sua vida, como Asha tentava fazer com a dela. E ele não conseguia pensar em nada melhor do que começá-lo com a mulher sob ele. Poderia mergulhar no perfume sedutor dela, enterrar-se nela até não se importar com mais nada além dela. E ele assumiria contente a tarefa de fazê-la feliz e mantê-la assim. — Talvez esteja na hora de fazer alguma outra coisa — concordou ele com voz rouca, movendo-se os poucos centímetros necessários para cobrir os lábios tentadores com os seus.

A resposta instantânea dela só alimentou as chamas que já o consumiam.

A língua dela encontrou a sua e ela se contorceu para desabotoar a camisa

dele. Finalmente, ele sentiu os botões saltarem e a camisa se abriu, deixando que os corpos nus finalmente se encontrassem. E Kade perdeu completamente o controle. A sensação dos seios nus, que Kade achava serem do tamanho perfeito, deslizando contra seu peito foi algo tão erótico que ele ficou desesperado para que ela ficasse nua para sentir a pele dela contra o corpo inteiro.

— Toque em mim — pediu ele ao afastar a boca. Ele queria sentir as mãos dela em sua pele quente antes que perdesse totalmente a sanidade. Os dedos dela tinham acabado de começar a exploração tímida, estavam quase na cintura da calça, quando Kade ouviu um barulho no andar inferior.

— Kade? Você está em casa? — A voz vinha da cozinha e era de uma mulher.

— Merda! — A irmã dele escolhera uma péssima hora. E ele deveria ter sabido que não precisaria avisar que estava em casa. Sem dúvida, Mia passara em frente à sua casa diariamente, esperando. Kade quis trancar a porta do quarto e ignorá-la, mas sabia que não podia, apesar de ter certeza de que os testículos estavam quase azuis.

Asha congelou sob ele com expressão assustada. — Quem é?

Kade cerrou a mandíbula e forçou-se a sair do paraíso doce entre as coxas de Asha. — É Mia, sua nova cunhada irritante. — Kade amava a irmã, mas, considerando o que ela interrompera, só queria que desaparecesse por pelo menos uma semana. Talvez duas. — Sem dúvida, Maddie está com ela. E provavelmente Max.

Kade se ergueu e Asha se levantou rapidamente, segurando a camisa sem botões no peito. — Ai, meu Deus. Não estou pronta para isso —

resmungou ela.

Ele abriu um sorriso malicioso. — Acho melhor pegar uma blusa.

Observando-a correr pelo quarto, abrindo gavetas freneticamente, ele sorriu ainda mais. Ela parecia muito adorável quando estava nervosa.

Vasculhando a mochila, ela pegou um sutiã, vestiu-o e prendeu o fecho na parte da frente. Kade fez uma careta, achando uma pena.

— Pode pegar uma camisa para mim? — pediu ela nervosa, olhando-se no espelho e fazendo uma careta para o reflexo. — Parece que acabei de sair da cama — disse ela com voz trêmula.

— Foi o que aconteceu — respondeu ele, soando contente consigo mesmo. Saber que ela estava nervosa por sua culpa fez com que ele

quisesse levá-la de volta para a cama para terminar o assunto.

— Não quero que eles saibam disso — sibilou ela, pegando uma escova de cabelos da bolsa e penteando-se furiosamente.

— Kade? — A voz de Mia soou novamente, desta vez mais perto.

Ele correu até a porta do quarto e gritou: — Desceremos em um minuto!

— A última coisa que ele queria era ser confrontado por Mia, Max e Maddie no quarto de Asha. A aparência deles levaria a perguntas que ele não poderia ou não gostaria de responder. Ele achou que deveria pegar outra camisa para si mesmo, mas foi até o armário e observou a seleção que Mia escolhera para Asha. Encontrando uma camisa de seda vermelha com um desenho preto, ele a tirou do cabide e andou até onde Asha estava. Ele segurou a camisa aberta enquanto ela colocava os braços dentro das mangas e abotoava-a apressadamente. Ele pegou a escova da mão dela e colocou-a sobre a cômoda. — Pare de torturar seus cabelos. Você está linda — disse ele, pegando sua mão e levando-a para o outro lado do corredor.

Ele pegou uma camisa do armário de seu quarto e vestiu-a. Em seguida, pegou a mão dela novamente. — Pronta?

— Não. Sou uma covarde. Não quero ir lá para baixo — disse ela com sinceridade. Ele sentiu o pânico em sua voz.

— Então não vá — respondeu ele. — Eu descerei e inventarei uma desculpa. Se não está pronta para conhecê-los, eles podem esperar.

Asha suspirou. — Não posso fazer isso com eles. Foram gentis o suficiente para vir aqui me conhecer. Não posso ser rude. Não quero ferir os sentimentos deles.

Kade deu de ombros. — Claro que pode. Se não está pronta, eles podem esperar. — A preocupação principal dele era se Asha estava ou não

confortável. Maddie, Mia e Max estavam lá porque não conseguiam conter a curiosidade. Asha estava totalmente aterrorizada.

— Estou bem — murmurou ela, apertando a mão dele com força.

Asha se agarrava nele, mas ele não reclamaria. Ela podia se apoiar nele o quanto quisesse. Ele estaria ao lado dela sempre que precisasse dele. Era outra coisa que não conseguia explicar. Kade realmente queria que ela precisasse dele, que pudesse contar com ele para que a apoiasse em qualquer situação ruim.

Balançando a cabeça ao pensar naquilo, ele soltou a mão dela e passou o braço em volta de sua cintura, puxando-a para perto em um gesto protetor.

Eles saíram do quarto em silêncio, mas Kade não a soltou, nem mesmo depois de chegarem ao andar de baixo.



Capítulo 6



Asha tentou com todas as forças não se sentir inferior às mulheres que aguardavam na sala de estar de Kade, mas não conseguiu. Durante as apresentações, ela tentou aceitar o fato de que talvez fosse realmente parente daquelas pessoas ricas e sofisticadas. *Não é possível*. Não tinha nada a ver com elas. Não conseguia acreditar que Max, o homem bonito de cabelos escuros que tinha o braço em volta de Mia, pudesse ser seu irmão.

Ou que a adorável médica ruiva, que se apresentou como Maddie, pudesse ser sua irmã. Aquelas pessoas eram de um nível completamente diferente e, internamente, ela se encolheu ao imaginar o que estariam pensando dela.

Seus cabelos precisavam de uma boa escovada, a calça era surrada e os pés estavam descalços, com a tatuagem de henna surgindo sob a barra do *jeans*.

A única coisa bonita que vestia era a bela blusa vermelha, o que lhe fora dado pelas duas mulheres à sua frente. Minha nossa... ela estava um caos. Mesmo se fosse parente deles, certamente não gostariam de chamá-la assim.

— Você pode ficar conosco — disse Mia em tom alegre depois que todos foram apresentados.

— Não. Quero que ela fique comigo e com Sam — disse Maddie em tom enfático.

Asha ouviu um rosnado baixo vindo de Kade. — Ela vai ficar aqui —

resmungou ele, olhando friamente para os convidados. — Ela está fazendo uns desenhos para mim.

— Que desenhos? — perguntou Mia curiosa.

— Eu faço desenhos em paredes — respondeu Asha baixinho, subitamente desejando ter uma carreira mais estável, mais educação ou qualquer coisa que a fizesse se sentir menos fracassada perto daquelas pessoas.

— Ela é uma artista incrível — comentou Kade com orgulho, apertando um pouco o mais o braço em volta da cintura dela.

Mia sorriu e disse: — Eu faço desenho de joias. Adoraria ver o seu trabalho.

— Tenho algumas fotografias lá em cima — respondeu Asha hesitante, quase certa de que Mia só estava sendo educada. Sem dúvida, Mia frequentara a faculdade, estudara aquela arte. Asha aprendera sozinha, usando o instinto e o talento para criar os desenhos.

A expressão de Mia ficou animada. — Vamos olhar — disse ela empolgada. Maddie acenou com a cabeça concordando.

— Esperem — disse Max quando as duas mulheres a tiraram de perto de Kade. — Eu gostaria de abraçar minha irmã antes que vocês a arrastem para uma sessão de conversa feminina.

Asha recuou um passo com o corpo trêmulo. Ela queria muito a afeição fraternal que Max oferecia, mas estava aterrorizada em aceitá-la. Mas não teve tempo para pensar. Max se aproximou e puxou-a para seus braços, envolvendo-a em um abraço apertado. Estranhamente, não houve nada de desconfortável no abraço de Max. E, apesar de ser um pouco desconcertante para ela por não estar acostumada à afeição física, Asha teve uma sensação de paz e segurança quando ele a segurou contra o corpo forte. Não sentiu nada além de aceitação e as lágrimas surgiram em seus olhos ao abraçá-lo de volta hesitantemente. — Não estou acostumada a ter alguém —

sussurrou ela sem pensar nas palavras.

Max a abraçou com mais força e disse: — Você tem a nós. Lamento que tenha demorado tanto para encontrá-la. — Ele se afastou e segurou-a pelos ombros. — Eu sei que isso é demais. Eu também não tinha família até encontrar Maddie. Encontrar você é um presente enorme para Maddie e eu.

— Eu também estava sozinha — disse Maddie ao puxar Asha para longe de Max e abraçá-la com praticamente a mesma força que o irmão usara.

Asha teve a mesma sensação de conexão quando Maddie a abraçou e as lágrimas escorreram livremente dos olhos. Aquelas duas pessoas estavam tão ansiosas em aceitá-la como irmã, em colocá-la no seio da família. Era

algo incrível e maravilhoso, mas assustador. Apesar de querer muito uma família, com todas as suas forças, os aspectos desconhecidos da situação eram aterrorizantes. Ela sempre fora sozinha. O que sabia sobre ter uma família de verdade?

Finalmente, ela se afastou de Maddie, limpando as lágrimas com a mão.

— Não temos certeza se sou mesmo parente de vocês. — Ela lembrou a si mesma da realidade de que não havia nada completamente provado. Era melhor não se prender à ideia de família para que lhe fosse tirada depois.

Era uma ideia sedutora que não podia deixar que a afastasse da realidade.

— Não preciso de provas — disse Max. — Eu consigo sentir.

— Eu também — concordou Maddie. — É a mesma sensação estranha de estar ligada a você que senti com Max antes de saber que éramos irmãos.

E sabemos que tivemos a mesma mãe. O nome dela era o mesmo e a investigação de Max foi bastante conclusiva depois que Kade conseguiu mais informações. Temos a mesma mãe.

— Mas e se for tudo um engano? E se ela só tinha o mesmo nome ou algo assim? — Ela queria muito acreditar que era irmã daquelas duas pessoas extraordinárias, mas era tão surreal que não conseguia. Coisas assim não aconteciam com ela.

Max tirou a carteira do bolso e pegou uma fotografia. — Olhe. Esta é nossa mãe. Ela era muito jovem na época. Foi a única fotografia que consegui localizar.

Asha pegou a fotografia da mão dele, sentindo o coração acelerado de medo e expectativa. Ela a estudou, mordendo o lábio inferior em concentração ao perceber a semelhança, uma mulher que era muito parecida com Maddie e uma versão mais jovem da própria mãe biológica. Passando o dedo pela borda da fotografia, ela murmurou: — Ela se parece com a minha mãe.

— Você tem uma fotografia? — perguntou Maddie. — Eu gostaria de vê-la.

— Tenho. É uma fotografia dela e do meu pai logo antes de morrerem.

— Asha devolveu a fotografia a Max.

— Você se lembra deles? — perguntou Max, guardando a fotografia. —

Eu sei que eles morreram em um acidente de carro. De acordo com as informações que tenho, seu pai estava dirigindo bêbado.

— Suas informações estão erradas — respondeu Asha na defensiva. —

Meu pai não estava dirigindo e ele não bebia. Não havia álcool nele. Mas o homem que dirigia estava bêbado. Eles foram a uma festa do trabalho.

Minha mãe e meu pai estavam no banco de trás e todos no carro morreram instantaneamente quando o motorista perdeu o controle e foram atingidos por um caminhão. — Respirando fundo, ela continuou: — E não... não me lembro deles. Eu só tinha três anos quando eles morreram. Não tenho muita coisa deles. Quando o inventário foi concluído, não havia nada além de alguns pertences pessoais. — Na verdade, ela recebera vários pertences dos pais, mas tudo fora vendido pelos pais temporários, supostamente para pagar as despesas, deixando-a com nada além de algumas fotografias.

Maddie colocou o braço sobre seu ombro, como se sentisse a tristeza de Asha. — Vamos dar uma olhada nessas fotografias.

— Lamento, Asha — disse Max. — Ninguém tão jovem deveria perder os pais assim.

Asha deu de ombros. — Nós todos perdemos. — Ela sabia que Max fora adotado por bons pais, mas Maddie passara por vários lares temporários e sabia como era se sentir solitária.

— Eu tive mais sorte que você e Maddie — respondeu Max.

Ela olhou para Max e sentiu vontade de abraçá-lo novamente ao perceber a expressão triste. — Fico feliz por pelo menos um de nós ter sido adotado. Não é culpa sua se eu não fui. Eu sobrevivi. Tive pais temporários que me alimentaram e deram-me um teto.

Maddie riu. — Não perca seu tempo tentando dizer isso a ele. Logo perceberá que Max se sente como um irmão que deveria ter ajudado as irmãs, apesar de nem saber que existíamos. Talvez juntas seja possível convencê-lo de que não é vidente e não é responsável por nossos problemas.

Asha sorriu timidamente para Maddie. — As coisas acontecem. Não é culpa de ninguém.

Lançando um sorriso afetuoso a Max, ela deixou que Maddie e Mia a levassem em direção à escada.

— Colocaremos alguma coisa na churrasqueira. Estou morrendo de fome — resmungou Kade. — Não demorem demais.

Depois que as três mulheres subiram a escada e entraram no quarto temporário de Asha, ela olhou para Mia e Maddie e perguntou: — Eles vão mesmo cozinhar? — Ela nunca vira o pai temporário cozinhar e o ex-marido certamente não fizera isso.

Mia e Maddie se sentaram na cama de Asha. — Kade é um pouco assustador no aspecto culinário, mas Max é um cozinheiro decente. E o marido de Maddie, Sam, quase sempre cozinha. Ele prepara coisas incríveis

— respondeu Mia, dobrando as pernas sob o corpo e olhando para Asha com uma expressão perplexa. — Você parece surpresa.

— Nunca vi um marido que cozinhasse — respondeu ela, ainda surpresa ao saber que o marido bilionário de Maddie passava tempo na cozinha.

— Sam não me deixou preparar uma refeição desde que engravidei —

disse Maddie com um suspiro. — Ele está um pouco assustado porque terei gêmeos. Kade nos disse que você foi casada por sete anos. Não me diga que seu ex-marido nunca preparou uma refeição.

Asha balançou a cabeça negativamente. — Nunca. Meus pais temporários eram indianos conservadores e meu marido também. Homens não cozinham. — Ela observou Maddie se deitar na cama, notando pela primeira vez que a nova irmã tinha a barriga acentuada. Ela não a vira sob a blusa larga que Maddie usava, mas agora que estava deitada na cama, era fácil perceber. — Você está esperando gêmeos? — perguntou ela em tom ligeiramente maravilhado.

Maddie sorriu de forma sonhadora. — Sim. Para o desespero do meu marido. Ele está encantado, mas se preocupa com os fatores de risco.

— Se o seu marido nunca cozinhou, fico surpresa por ter ficado com ele durante sete anos — disse Mia.

— Era a coisa aceitável a fazer na minha cultura. Meus pais temporários e o meu ex-marido eram imigrantes muito tradicionais. O normal era que a mulher cuidasse da cozinha, da limpeza e de todas as tarefas femininas.

— Talvez esteja na hora de aprender mais sobre a cultura norte-americana — comentou Maddie. — A maioria das mulheres trabalha ou cuida das crianças e os homens dividem as responsabilidades. Se não fazem isso, levam um chute no traseiro.

Asha sorriu ao ouvir o comentário de Maddie. Ela vasculhou a bolsa, procurando as fotografias, e continuou explicando a Maddie e Mia como fora sua vida. As duas fizeram o que pareceu um milhão de perguntas sobre sua criação e o casamento. Ela respondeu a todas as perguntas, deixando de

fora a parte sobre o abuso doméstico. Finalmente, ela encontrou a fotografia dos pais, além das fotografias do trabalho dela.

— Então eles venderam você? — perguntou Maddie furiosa, parecendo tão revoltada quanto Kade e praticamente repetindo as palavras dele, depois que Asha contou vagamente às duas mulheres sobre o casamento. —

Querida, isso não se trata de cultura. Há mulheres indianas que são médicas, advogadas e cientistas. Você é norte-americana com sangue indiano, mas ainda é norte-americana e mora nos Estados Unidos. E as indianas fazem coisas incríveis aqui, recebem educações maravilhosas. Acho que sua família temporária e seu ex-marido achavam que ainda estavam na Índia. E, não importa quem fossem, não acho que eram pessoas boas.

Asha suspirou e sentou-se em uma cadeira ao lado da cama. — Meus pais temporários não falam mais comigo porque me divorciei de Ravi. —

Não que tivessem falado muito com ela depois do casamento, de qualquer forma. Falavam com Ravi, mas raramente perguntavam sobre ela.

— Nós avaliaremos seu próximo marido — disse Mia. O tom de voz fez com que aquilo soasse mais como uma ameaça do que uma brincadeira. —

Se não houver uma troca no relacionamento, não poderá se casar com ele.

— Não vou me casar de novo — respondeu Asha baixinho.

— É claro que vai. Mia e eu éramos mais velhas que você quando nos casamos com Max e Sam — retrucou Maddie. — Só precisa encontrar o cara

certo dessa vez.

— Não posso ter filhos — admitiu Asha relutante. Por algum motivo, aquelas duas mulheres faziam com que tivesse vontade de contar todos os seus segredos.

— Você pode adotar, se quiser filhos. E, dependendo do motivo, pode haver outras opções. Sabe por que não pode conceber? — perguntou Maddie.

— Não sei. Mas não importava. Ravi disse que fez exames e era saudável. Disse que era um defeito meu.

— Você não é defeituosa só porque não pode ter um filho — retrucou Maddie exasperada. — Case-se com um homem que ama e poderá resolver o resto quando chegar a hora. O amor é tudo, Asha. Os outros problemas podem ser contornados.

Asha se mexeu desconfortavelmente na cadeira. — Nunca houve amor no meu casamento.

— Haverá no próximo — disse Mia. — Maddie e eu cuidaremos disso.

Asha não achava que haveria um próximo, mas sorriu para as duas mulheres sobre a cama. Ela sentiu o coração apertado no peito por elas estarem preocupadas.

É isso que significa ter amigos. Amigos de verdade, que se importam.

— Obrigada — respondeu ela simplesmente, entregando a fotografia dos pais para Maddie e as de seu trabalho para Mia.

— Seu pai era muito bonito. E esta é com certeza nossa mãe —

comentou Maddie, olhando para a fotografia que Asha lhe entregava. — Ela parece feliz.

— Gosto de achar que eles eram muito felizes — disse Asha.

Maddie se deitou novamente na cama para esticar as costas. — Ela teve uma vida difícil. Espero que tenha sido feliz no final.

— Não se ressentir de ela ter desistido de você e de Max? — perguntou Asha, imaginando como Maddie podia soar tão sincera sobre desejar a felicidade da mãe.

— Não. Não mais. Tenho Sam e sou mais feliz do que jamais sonhei.

Não importa o que aconteceu, gosto de pensar que ela desistiu de nós para ter uma vida melhor. Talvez ela não tivesse outra opção. — Ela colocou a mão sobre a barriga, acariciando-a distraída. — A minha vida agora compensa qualquer infelicidade que tive antes. Vou ter dois filhos, tenho um irmão e agora uma irmã. Não tenho nenhum ressentimento. Tenho um futuro maravilhoso à frente. Tudo o que aconteceu me levou a esta vida maravilhosa e a Sam.

Maddie estava radiante e Asha sabia que não era apenas por causa da gravidez. Era a expressão da felicidade suprema. Mia tinha o mesmo brilho.

Será que amar um homem bom realmente deixava uma mulher tão feliz assim? Tristemente, Asha tinha certeza de que nunca saberia.

— São fantásticas — exclamou Mia, olhando as fotografias do trabalho de Asha.

Maddie se aproximou para olhar as fotos com Mia. As duas tinham a cabeça perto uma da outra. — Não é surpresa que Kade queira que você coloque um pouco de vida nesta casa. Seus desenhos deixarão o lugar muito mais aconchegante.

Asha sorriu enquanto as duas tentaram ansiosamente marcar um horário para si mesmas. Maddie queria pintar o quarto dos bebês e Mia queria

decorar a parede da oficina de trabalho, dizendo que adoraria a inspiração.

Ela se perguntou se estavam falando sério ou apenas sendo gentis. Ainda assim, ficou feliz por parecerem gostar de seu trabalho.

— A comida está pronta — gritou Kade impacientemente no pé da escada.

As mulheres se levantaram. Mia saiu primeiro, como se estivesse ansiosa para ver o rosto do marido novamente. Maddie esperou um pouco, devolvendo a Asha a fotografia dos pais. Asha reuniu as fotografias de seu trabalho que Mia deixara sobre a cômoda e guardou-as na mochila.

— Asha... você não se importa mesmo de ficar com Kade? — perguntou Maddie preocupada. — Quero que fique comigo e minha casa estará sempre de portas abertas se quiser ficar comigo e com Sam. Você precisa de algum tempo para se assentar depois do divórcio.

— Acha que não é adequado ficar aqui com ele? — perguntou Asha com hesitação. Ela era solteira. Kade era solteiro. Talvez não fosse uma ideia tão boa. Mas a ideia de deixar Kade no momento não era confortável. Ele cuidara dela enquanto estava doente e, apesar de deixá-la inquieta às vezes, ela gostava de sua presença. E confiava nele.

— É claro que não é inadequado. Vocês dois são adultos e solteiros. Só quero ter certeza de que está confortável. Vi como Kade estava olhando para você. Acho que ele já está ficando... ahm... apegado. — Pareceu que Maddie queria dizer mais alguma coisa, mas olhou para Asha de forma solene.

— Estou bem aqui — respondeu ela, sentindo-se aliviada por não ter que se afastar de Kade tão cedo. — E ele só está sendo... gentil.

— Bobagem. Kade está sendo protetor, possessivo. Acho que ele foi mordido pelo inseto do homem das cavernas — retrucou Maddie em tom enfático.

— Inseto do homem das cavernas? — perguntou Asha em tom confuso.

Maddie riu. — A síndrome do macho-alfa-que-bate-no-peito. Ele está começando a gostar de você, Asha.

Abaixando a cabeça, ela respondeu com voz fraca: — Não se preocupe.

Não vou me apegar a ele. Sei que ele é de um mundo totalmente diferente.

Maddie a segurou pelos ombros, sacudindo-a de leve. — Ninguém é de um mundo totalmente diferente. Só estou avisando que ele não está sendo apenas gentil. Acredite, conheço quando o olhar de Tarzan começa a

emergir. Tenho que admitir que isso me deixou surpresa. Nunca vi esse lado de Kade.

Asha olhou para os olhos castanhos de Maddie e viu que estavam repletos de afeição. Ela engoliu em seco e respondeu com sinceridade: —

Maddie... não tenho casa, sou pobre e nunca frequentei uma faculdade. Para que mais eu serviria para Kade Harrison além de pintar as paredes dele? —

Ok, talvez ele quisesse fazer sexo com ela, mas Asha não achava que a atenção dele iria além disso. Não mesmo.

— Eu era pobre quando encontrei Sam novamente. Estava cheia de dívidas por causa dos empréstimos estudantis e não tinha um centavo sobrando porque queria ter uma clínica gratuita. Nada disso importa se o destino quiser que fiquem juntos. Você é talentosa e corajosa. É uma sobrevivente. Nunca pense que não é boa o suficiente. — Maddie deixou as mãos caírem e ergueu a sobrancelha. — Você gosta dele.

— Quem não gostaria? — perguntou Asha, abrindo um sorriso leve. —

Ele é bonito, inteligente, doce e veste camisas maravilhosas.

— Ai, meu Deus. Você gosta das camisas dele? Isso não é bom —

resmungou Maddie.

— Como era a namorada dele? Acho que ela o magoou — perguntou Asha incapaz de se conter.

— Ela era uma vadia nota 10 — respondeu Maddie com raiva. —

Quando Kade era uma estrela do futebol, era maior do que a vida. Sam diz que ele foi um dos melhores jogadores de nossa geração. Poderia ter a mulher que quisesse, mas permaneceu fiel durante anos a uma mulher que

não queria nada além do status de celebridade dele para avançar na carreira de modelo. Ela terminou tudo bem depressa quando ele não pôde mais ajudar na visibilidade dela nos círculos da moda. Ele é um homem bom.

Acho que nenhum de nós entende por que ele ficou com ela. Talvez fosse por hábito ou por que não conhecia mais nada. Perder a carreira e ser chutado porque não era mais perfeito provavelmente acabou com a autoestima dele. Ele tem o mesmo histórico familiar horrível de Mia. Não merecia o que aconteceu com ele.

— A infância dele foi ruim? — perguntou Asha hesitante, sabendo que aquilo não era de sua conta, mas ainda assim querendo saber. Kade não falara sobre a infância. Falara sobre a família, mas a maioria dos eventos sobre os quais contara era recente.

Maddie fez um careta. — Ruim? A infância dele faz com que a nossa pareça o paraíso. O pai dele era um louco que bebia. Kade, Mia e Travis sofreram muitos abusos. Um dia, o pai deles matou a mãe e depois se suicidou. Foi um grande escândalo e um estigma que ainda volta à tona de vez em quando. É um incidente do qual todos eles têm dificuldades em se livrar.

Asha sentiu o peito doer, quase como se conseguisse sentir a dor do passado de Kade. Houve um silêncio quando as duas se encararam, um momento de comunicação silenciosa em que sabiam o que a outra pensava: a vida não era justa e, algumas vezes, coisas muito ruins aconteciam com pessoas boas.

Finalmente, Asha disse em tom tímido: — Maddie.

— Sim? — respondeu Maddie, olhando para Asha interrogativamente.

— Ainda acho que Kade é um homem maravilhoso. A perna dele não importa. Detesto o fato de que ele não faz o que ama e lamento que sinta dor na perna. Mas ainda é o mesmo homem e ele é esplêndido — disse Asha, suspirando.

Maddie colocou as mãos na cintura e olhou para Asha com expressão divertida. — Você gosta dele. Mas lembre-se, ele é um homem e é impossível que seja perfeito.

— Você não acha que Sam seja perfeito?

— Ai, nossa, não! Ele é arrogante, mandão e muito superprotetor. E eu lembro isso a ele com frequência — respondeu Maddie, rindo. — Mas ele é também o homem que roubou meu coração e não quis devolver. Minha alma gêmea. Ele é gentil, amoroso e não há nada que não faça para me deixar feliz. E vice-versa. Então, não... ele não é perfeito. Mas é perfeito para mim.

Asha estudou os olhos sonhadores e a expressão de adoração de Maddie, feliz por ela finalmente ter encontrado o homem de seus sonhos. — Eu gostaria de conhecê-lo um dia.

— Você conhecerá. Em breve — prometeu Maddie. — Ele também está ansioso para conhecer você. Mas ficou com receio de que fosse um pouco demais para você. O irmão de Sam é casado com a minha melhor amiga.

Simon e Kara também querem conhecer você quando se sentir mais confortável.

— Ei, onde estão vocês duas? Já estamos comendo — gritou Max do andar inferior.

Maddie e Asha se entreolharam e riram. Max parecia um urso furioso pronto para saltar sobre a comida.

— Você está bem? — perguntou Maddie, colocando o braço em volta dos ombros de Asha. — Sei que isto tudo é novo para você e provavelmente muito confuso.

— Estou bem — respondeu Asha com sinceridade. — Na verdade, estou ansiosa para pintar algumas das paredes desta casa. Acho que ainda tenho um pequeno conflito cultural, presa entre a forma como fui criada e o que realmente quero. Desejo ser independente e forte, mas estou lutando com a bagagem do passado.

— Tudo ficará bem, Asha. Prometo. Estamos todos aqui para ajudá-la a conseguir o que deseja.

Infelizmente, Asha não sabia se era um caso de “o que deseja” ou de

“quem deseja”, mas não diria aquilo a Maddie. Ainda tinha um longo caminho a percorrer até que aquela borboleta emergisse e ficasse livre.

As duas andaram devagar em direção ao topo da escada e Asha segurou gentilmente o braço de Maddie antes de descerem. — Há alguma forma de descobrirmos com certeza, sem nenhuma margem de erro, que somos mesmo irmãs?

Maddie franziu a testa ao estudar o rosto de Asha. — Eu sei que você é minha irmã.

— Eu quero saber com certeza. Podemos fazer isso? — Se alguém saberia, era Maddie. Ela era médica e saberia se havia uma forma de obter provas científicas.

— Podemos fazer o teste de DNA mitocondrial, já que estamos tentando descobrir apenas se temos a mesma mãe. Mas já sabemos que sim — disse Maddie em tom confuso. — Não preciso de mais provas, Asha. Eu me sinto da mesma forma que Max e temos provas suficientes.

— Acho que é difícil para mim acreditar — disse Asha, balançando a cabeça.

Maddie passou a mão nos cabelos pretos de Asha, prendendo um cacho rebelde atrás da orelha. — Podemos fazer o teste. Eu já sei qual será o resultado porque é o que sinto. Espero que algum dia você também sinta.

Asha sentia, mas tinha medo de acreditar em alguma coisa que não podia provar de forma científica. Ela queria dizer a Maddie que já se sentia como sua irmã, que a ligação já existia. Mas a incerteza ainda estava lá e ela a odiava. Por que não podia acreditar no instinto? Talvez porque nunca tivesse dado ouvidos a ele?

— Não faz mal. Faremos o teste — disse Maddie em tom gentil, começando a descer a escada com o braço sobre os ombros de Asha. —

Peça a Kade que a leve até a clínica e cuidaremos de tudo.

— Eu sei que é idiota pedir isso...

— Não, não é — retrucou Maddie. — Nunca se sinta idiota por pedir algo que deseje. Você tem direito aos próprios sentimentos. E nunca deixe que ninguém lhe diga o contrário.

Asha sorriu ao ouvir o tom maternal de Maddie, sabendo imediatamente que a irmã seria uma excelente mãe. Os filhos dela seriam fortes, corajosos... e seguros. — Tentarei me lembrar disso — respondeu ela, abrindo um sorriso.

— Sim, lembre-se — respondeu Maddie, abraçando Asha com força quando chegaram ao pé da escada. — Faremos o teste, mas você é minha irmã. Então, é melhor se acostumar com meus conselhos não solicitados.

As duas mulheres sorriram uma para a outra, sentindo a ligação entre elas cada vez mais forte.

— Já estava na hora — resmungou Max ao sair da sala de jantar e passar um braço sobre os ombros das duas irmãs. — Eu estava prestes a morrer de fome — continuou ele em tom melodramático.

— Vejo que conseguiu permanecer vivo — respondeu Maddie secamente ao abraçar a cintura de Max. — Vocês podiam ter começado sem nós.

— Claro, nenhuma gratidão pela forma como eu e Kade trabalhamos feito escravos na cozinha — resmungou ele em tom brincalhão.

Asha sentiu o coração leve enquanto continuava a observar a discussão entre Max e Maddie. Silenciosamente, ela colocou devagar o braço em volta da cintura de Max, começando a sentir que fazia parte da família.

— Você também vai ser ingrata, Asha? — perguntou Max, sorrindo para ela enquanto os três andavam na direção da sala de jantar.

Asha achou a pergunta divertida. Era algo que nunca tivera. — Depende se o jantar estará gostoso — respondeu ela, experimentando a implicância leve pela primeira vez.

— Ótimo. Agora estou mesmo encrencado. Duas irmãs contra mim —

resmungou Max, mas o tom alegre deixou as palavras leves.

Asha sorriu ao entrarem na sala de jantar. O aroma de frango grelhado e a visão da mesa repleta de comida fizeram com que seu estômago roncasse.

Encontrando o olhar interrogativo de Kade, ela sorriu para ele, tentando avisá-lo silenciosamente que estava tudo bem.

Ele sorriu de volta e os belos olhos azuis se iluminaram ao dar uma piscadela.

Minha nossa, como ele era bonito. E ela se sentou à frente dele na mesa.

Asha nunca tivera um jantar melhor com uma visão tão colorida e maravilhosa. Ele flertou descaradamente com ela, fazendo com que corasse e com que os outros lhe lançassem olhares interrogativos. Mas a refeição foi agradável e cheia de risadas, muito diferente de tudo que ela já vivera.

Para Asha, foi o primeiro jantar com sua família de verdade e ela tentou guardar todos os detalhes na memória. Ela sabia que momentos como aquele, sentindo-se daquela forma, não duravam para sempre.

Seus olhos encontraram os de Kade e ele assentiu devagar, como se tivesse lido seus pensamentos e garantindo que aquelas coisas poderiam durar para sempre. Ela suspirou e viveu o momento, desfrutando da intimidade, e tentou não pensar no que o futuro poderia trazer.

Porque, no momento... tudo estava perfeito.



Capítulo 7



Várias noites depois, Kade estava deitado na cama imensa, dolorido, sem sono e frustrado. Infelizmente, alguém tinha vazado a história de que a irmã perdida de Max Hamilton e Maddie Hudson fora encontrada. Kade e Asha foram assediados por repórteres durante todo o dia e ele não saía de casa.

Em vez disso, observara Asha criando os desenhos na parede da sala de ginástica, de pau duro, enquanto se punia nos equipamentos. Ele tentara muito não observá-la, mas sabia que estava iludindo-se achando que só estava lá para fazer exercícios. Observá-la se tornara uma fascinação que ele não podia impedir, que não queria impedir. O corpo inteiro dela se movia à medida que pintava, cada parte envolvida no que estava criando.

Era quase como observá-la dançando um ritmo erótico. Só teria sido mais erótico se ela tivesse tirado as roupas enquanto desenhava. Mas ele tinha uma imaginação muito fértil e evocara as imagens dela nua enquanto a assistia fingindo que só estava exercitando-se, um exercício que levava o dia inteiro. Não era surpresa sentir dor no corpo inteiro. Ele estava acostumado a exercícios brutais, mas normalmente não duravam oito horas.

Surpreendentemente, ele começava a gostar das imagens que ela criava naquela parede. No início, ele hesitara quando ela sugerira pintar ali uma coleção das fotografias da época em que jogava futebol. Mas Asha era apaixonada pelo trabalho e argumentara que ele deveria celebrar o sucesso como jogador e tudo o que conquistara, lembrando todas as coisas que fizera bem enquanto jogava. Ela lembrara a ele que o futebol fora uma grande parte de sua vida e era melhor se lembrar das coisas agradáveis, em

vez de cultivar o negativo. Ele acabara cedendo, dando a ela liberdade para fazer o que quisesse.

As imagens foram copiadas de fotografias dos dias de glória e Asha deu vida a elas com talento extraordinário. Em vez de deixá-lo deprimido por causa do que não podia mais fazer, os desenhos acentuaram a camaradagem do time e os momentos felizes que tivera com os colegas. Eram todas cenas alegres que fizeram com que ele sorrisse. A maioria dos homens que estavam com ele na parede estava aposentada e Kade suspeitava de que Asha sabia disso. Ela provavelmente pesquisara todas as fotografias. O

desenho era um tributo alegre a alguns dos melhores jogadores de futebol que seguiram a vida fazendo outras coisas.

Sorrindo no escuro, Kade se perguntou se o projeto daquela sala particular era uma forma de Asha lhe dizer para celebrar, mas seguir em frente. Todos os desenhos dela significavam alguma coisa e ele tinha quase certeza de que ela estava tentando forçá-lo a aceitar a realidade e lidar com isso. Bem, estava funcionando e ele sabia que precisava encontrar uma nova finalidade na vida. Ele só queria saber exatamente qual era essa finalidade.

Virando de lado, ele deu um soco no travesseiro, determinado a dormir um pouco. Não pensaria em Asha deitada na cama do outro lado do corredor. Ele ficou imaginando se ela ainda usava a camisola nova que lhe dera quando estava doente ou se mudara para a que Maddie e Mia tinham comprado. Ele tinha que admitir que Maddie e a irmã tinham gosto muito melhor em se tratando de roupas. Mesmo assim, ele adorara ver Asha nas roupas que comprara para ela. E ele não a vira usar outra coisa além das camisetas e das calças que ele comprara em Nashville, exceto no dia em que Maddie, Max e Mia foram visitá-los e Kade lhe entregara uma das camisas que a irmã comprara.

O estômago dele roncou, reverberando sob as cobertas.

— Merda. Estou com fome — disse ele irritado, sabendo que não conseguiria dormir. Ele queimara tanta energia naquele dia que o corpo exigia mais comida.

Ele jogou os lençóis e cobertores para o lado, saiu da cama, andou até a porta do quarto e abriu-a. Ele parou por um momento, olhando para a porta do quarto de Asha. Estava tudo escuro, incluindo o quarto dela. Não havia luz sob a porta. Ele ligou a luz do corredor e desceu para o andar inferior, parando abruptamente na porta da cozinha.

Kade viu um fio de luz saindo da geladeira que iluminava o rosto de Asha enquanto ela olhava para o interior, com uma expressão de ansiedade no rosto.

O que diabos ela está fazendo?

Ele permaneceu em silêncio e os minutos se passaram enquanto ela parecia agonizar sobre alguma coisa, mas não pegou nada. Ela ficou imóvel com o olhar passeando pelo interior da geladeira.

Sem conseguir ficar quieto por mais tempo, Kade acendeu a luz, fazendo com que Asha soltasse um grito de surpresa e fechasse a porta da geladeira.

Colocando a mão sobre o peito, ela disse nervosa: — Você me assustou.

— Desculpe, não queria assustá-la. O que diabos está fazendo? E por que não acendeu a luz? Poderia ter se machucado andando por aí no escuro

— resmungou ele, sentindo-se infeliz com a ideia de Asha caindo da escada porque não conseguia ver para onde diabos estava indo.

— Acho que não pensei nisso — respondeu ela agitada. — Desculpe.

Vou voltar para a cama.

— Você está com fome? Estou faminto. Quer alguma coisa? —

perguntou ele, andando até a geladeira e abrindo a porta. Mia estocara bem a casa antes que ele voltasse de Nashville. Não só comprara as coisas que ele lhe pedira para Asha, como fizera um estoque grande de alimentos, pois Kade estivera fora durante dois meses fazendo um favor para seu marido.

— Nós já jantamos — respondeu Asha, mudando o peso do corpo de um pé para o outro nervosamente.

— Sim. E estava uma delícia. Mas isso foi horas atrás. — Kade olhou para Asha curiosamente. Ela cozinhou naquela noite, preparara uma comida indiana tradicional, e ele devorara o jantar caseiro. Asha era uma cozinheira excelente, mas não comera muito. Pensando bem... ela raramente comia. — Eu comi sua comida como um porco. Você se alimentou o suficiente? — perguntou ele em tom solene. — Achei que tinha sobrado um pouco.

— Você disse que comeríamos o resto no almoço de amanhã — disse ela em tom desconfortável.

Kade se lembrou das outras refeições. Ele fizera carne grelhada na noite anterior e ela também comera muito pouco. — Eu quis dizer que comeria se ainda tivesse. Não sou exigente. Poderia comer praticamente qualquer coisa.

Asha ficou em silêncio, olhando para ele com olhos confusos. — Eu não queria comer a sua comida.

— Merda — resmungou Kade quando finalmente entendeu. Ele a segurou de leve pelos ombros, deixando que a porta da geladeira se fechasse atrás de si.

— Asha... diga que não está ficando com fome porque tem medo de comer.

— Kade sentiu uma náusea súbita, um bolo formando-se no estômago. Havia algo muito errado naquela situação e a ideia de que ela estivesse passando fome o deixou maluco.

Afastando-se dele, ela começou a andar para longe e murmurou: — Eu como.

Kade a segurou pelo braço antes que conseguisse fugir, virando-a de costas para ele. — Diga-me qual é o problema. Você não come muito e é magra demais. Ainda está se sentindo mal?

Ela balançou a cabeça negativamente. — Não, não estou me sentindo mal. Só não quero comer mais do que a minha parte — retrucou ela com a voz repleta de vergonha. — Mas às vezes sinto fome entre as refeições.

Kade quase sentiu o calor da raiva irradiando do próprio corpo. — A sua parte é comer até que esteja saciada e depois comer de novo sempre que sentir fome. Você come como um passarinho. Por quê?

— Porque não quero comer uma comida pela qual não paguei —

respondeu ela subitamente furiosa e na defensiva.

Kade a segurou pelos ombros, sacudindo-a de leve. — Alguma vez eu fiz com que você se sentisse algo que não fosse uma convidada com acesso livre a tudo nesta casa? Alguma vez eu neguei alguma coisa de que você precisasse? Alguma vez eu fiz com que você sentisse que não podia fazer o que quisesse aqui? — perguntou ele com raiva, apesar de a fúria ser direcionada a si mesmo. Ele deveria ter notado que ela não comia o

suficiente. O problema era que estava acostumado com Amy, que só comia salada e carne magra para manter a silhueta de modelo. Mas até mesmo ela exagerava de vez em quando.

— Não. Nunca. Não é você, Kade — respondeu ela trêmula e de cabeça baixa. Só o que Kade conseguia ver era o topo da cabeça dela.

— Então, pelo amor de Deus, me diga qual é o problema. Porque a ideia de você passar fome me faz ter vontade de dar um soco em mim mesmo por não ter notado.

Asha ergueu a cabeça lentamente, finalmente encarando-o nos olhos. —

Meus pais temporários me davam porções de comida medidas. Eles diziam que não recebiam muito para serem meus pais temporários e que eu só poderia comer o que me davam porque a comida era cara. As crianças menores, filhos deles, jantavam primeiro e eu servia a família. Eu comia o que sobrava ou a minha porção, o que fosse menor. — Ela respirou fundo e continuou: — Eu fiz o mesmo enquanto estava casada, tentando economizar dinheiro em comida. Acho que se tornou um hábito. Não trabalhei durante a maior parte do casamento e não queria causar mais despesas a Ravi, especialmente porque não engravidei. Eu podia me virar com menos comida.

Kade deu um soco na mesa da cozinha com força suficiente para que o móvel estremecesse sobre as pernas finas de madeira, fazendo com que Asha saltasse ao ouvir o som violento. — Mas que merda! Diga-me que está brincando! — pediu ele furioso, com a raiva pulsando no corpo inteiro.

— Você era uma maldita empregada para sua família temporária e comia restos? Depois fez o mesmo enquanto estava casada... e seu marido nunca disse nada? — Era algo inimaginável e a fúria invadiu Kade.

Ela deu de ombros. — Eu não queria nada a que não tinha direito — respondeu fracamente.

Kade explodiu. — Você tem o direito de comer. Você tinha direito a uma educação porque tem um talento incrível. Você tem o direito de ser tratada como uma filha e uma esposa adorada. Isso inclui os idiotas de seus pais e o

imbecil do seu ex-marido, que deveriam ter garantido que você tivesse tudo que queria e de que precisava.

Alguém na vida dela fizera algo por ela? Pelo amor de Deus! A mulher precisava que alguém lhe ensinasse a sentir que tinha valor e isso começaria com ele.

Kade sentiu outra pontada de culpa ao se lembrar do olhar no rosto dela quando a observara da porta da cozinha. Ele não percebera que, em alguns hábitos, ela ainda estava condicionada a ser uma cidadã de segunda classe.

Os pais temporários tinham sido cruéis e o ex-marido fora um idiota egoísta.

— Sente-se — exigiu ele baixinho, levando-a até uma cadeira, que puxou para que ela se sentasse.

Ela se sentou e perguntou ansiosa: — Está bravo comigo?

Kade se ajoelhou ao lado dela, passando o braço em volta de sua cintura.

— Estou bravo comigo mesmo. — Ele soltou um suspiro pesado e continuou: — Eu quero que você coma, Asha. Quero que coma sempre que quiser e o que tiver vontade. Não existe isso de comer apenas o que acha que merece e passar fome nesta casa. Minhas regras. Não me importo com o que alguém possa ter dito a você. Saber que você passou fome na minha casa está me matando. — Ele se levantou e começou a tirar coisas das prateleiras e da geladeira. — Não sou um grande cozinheiro, mas faço um sanduíche excelente.

— Deixe-me ajudar você. — Asha começou a se levantar da cadeira.

— Fique sentada — disse ele firmemente, empurrando-a pelo ombro até que estivesse novamente sentada. — Eu vou servir desta vez.

— É a sua casa. Você não deveria fazer isso — disse Asha inconformada.

— Eu quero. — Ele queria empilhar comida na frente dela até que Asha mal conseguisse ver o topo. Ela comeria e depois comeria mais um pouco.

Ele nunca mais queria ver aquele olhar de ansiedade no rosto dela, a não ser que fosse sexual. E ele estava mais do que disposto a saciar aquela necessidade também.

Ele preparou um sanduíche alto, colocando tudo que encontrava pela frente. Depois de colocá-lo em frente a ela, botou um guardanapo ao lado do prato. Vasculhando o armário, começou a empilhar várias caixas de biscoitos e salgadinhos na mesa.

O que mais?

— O que estava procurando quando eu entrei na cozinha? — perguntou ele ansioso, pronto a empilhar na mesa tudo o que havia dentro da geladeira.

— Um bolo de chocolate — respondeu ela em voz baixa e maravilhada.

— Um com morangos e pedaços de chocolate em cima.

Kade sorriu. — A torta de chocolate com morangos. Minha favorita. Mia comprou na nossa confeitaria preferida. — Ele a tirou da geladeira e cortou duas fatias grandes, colocando-as em um prato. Em seguida, pegou dois garfos e acrescentou tudo à mesa. Depois de servir dois copos altos de leite, ele finalmente se sentou, notando que Asha ainda olhava para a comida sobre a mesa. — Coma — disse ele. — Se não devorar esta comida por conta própria, juro que vou jogar você no chão e enfiar tudo em sua boca.

Nunca mais você passará fome. Vai andar por aí estufada de comida todos os minutos do dia — terminou Kade.

Kade sorriu quando Asha colocou a mão sobre a boca e reprimiu uma risada. — Não vou conseguir comer isto tudo — disse ela em tom divertido.

Kade olhou para a mesa com pilhas de comida. — Coma o tanto que conseguir. É parte de seu trabalho daqui em diante. Chega de economizar comida. Considerarei um insulto se não comer. Obviamente, ainda há coisas do seu passado que você precisa reconhecer como erradas e acabar com elas. Estamos resolvendo o problema da comida agora.

Ela bebeu um gole grande de leite e começou a comer o sanduíche monstruoso. Kade abriu um saco de batatas fritas e começou a botá-las na boca de Asha entre mordidas no sanduíche. Na metade do sanduíche que ele criara, ela empurrou o prato e colocou a mão na barriga. — Estou cheia.

Kade pegou a outra metade do sanduíche do prato, empurrou o bolo para ela e colocou o garfo em sua mão. — Coma.

Os olhos dela se iluminaram quando ela cortou um pedaço minúsculo.

— Nunca comi muito chocolate. Este bolo parece quase um pecado.

Kade sorriu, capturando o olhar dela e mantendo-o por um momento. —

E é. Mas o pecado pode ser muito mais divertido do que ser bom o tempo todo. — Ele devorou o restante do sanduíche e começou a comer o bolo.

Ele a observou enquanto ela comia. Asha tinha uma expressão quase erótica no rosto. Comeu como se estivesse tendo orgasmos cada vez que botava um pedaço do bolo na boca, fechando os olhos e saboreando-o antes de deixar que descesse lentamente pela garganta. Ele sentia o pênis saltar toda vez que ela soltava um gemido satisfeito de prazer.

Estou encrencado. Tudo o que ela faz me deixa excitado.

Ele afastou os olhos dela, estudando o próprio prato quase vazio. — Não faça algo parecido com isso novamente, Asha. Se quiser ou precisar de alguma coisa, só precisa falar. O que aconteceu com você não foi certo.

Você precisa pedir o que quer. Não vou negar nada a você. Fico feliz em agradar você — disse ele com voz rouca.

— Isso me deixa confusa — admitiu ela, empurrando o prato vazio para longe. — Não estou acostumada.

— Então acostume-se — disse ele, lançando-lhe um olhar de advertência.

— Eu provavelmente conseguiria. Com muita facilidade. — Ela se levantou e começou a guardar as coisas. — E não estarei com você para sempre. Não

sei se eu deveria me acostumar com isso. A vida não é fácil lá fora, Kade. Não para uma mulher que precisa sobreviver.

Ela nunca mais teria que sofrer novamente. Nunca mais teria que se preocupar com onde conseguiria a próxima refeição ou o próximo trabalho.

Ele garantiria isso. — Sua vida não será assim novamente. Você tem uma família agora. Você tem a mim.

Ele se levantou e colocou as louças na lava-louça, batendo-as com um pouco mais de força do que o necessário, tentando controlar o instinto que lhe dizia para agarrá-la e tomá-la até que estivesse totalmente convencida.

— Fico feliz por ter amigos e parentes agora. Mas preciso saber que posso depender de mim mesma — respondeu ela em tom teimoso. —

Colocar minha vida nas mãos de outras pessoas não foi uma coisa boa para mim.

— Talvez você tenha apenas confiado nas pessoas erradas — resmungou ele, batendo a porta da lava-louça e virando-se para ela.

Kade ouviu quando ela prendeu a respiração ao olhar para ele, com os olhos percorrendo seu corpo. — Ai, Kade. Coitada da sua perna. Deve ter doído tanto.

Ele olhou para baixo, percebendo que usava apenas uma cueca de seda preta. Não se preocupara em vestir uma roupa decente porque não planejava encontrar ninguém mais à uma hora da manhã na própria casa.

Os olhos dela estavam fixados na perna ferida e ele se encolheu. —

Desculpe. Eu deveria ter coberto a perna, mas não sabia que você estaria aqui.

Que merda! Asha era a última pessoa que ele queria que visse a perna aleijada. Mesmo curado, as cicatrizes eram horríveis. — Não olhe para a minha perna — resmungou ele, aproximando-se dela e erguendo-lhe o queixo. — Nem eu aguento olhar para ela.

— Não é a aparência dela. É a dor que você deve ter sentido — disse ela com os olhos cheios de lágrimas. — Como você aguentou? — Ajoelhando-se ao lado dele, Asha passou a ponta dos dedos de leve sobre as cicatrizes.

— Não tive muita opção — respondeu ele com o coração batendo mais forte ao sentir o toque dos dedos dela. Parte da sensibilidade da pele desaparecera, mas ele ainda conseguiu sentir as carícias cuidadosas.

Ela não sente repulsa pelas minhas cicatrizes. Só se importa com a dor que eu senti.

Kade a observou cuidadosamente. Vestindo a camisola de seda que ele comprara, ela parecia um anjo com o rosto invadido pela preocupação.

— E você se preocupa que eu passe fome quando sofreu tanto? —

recriminou Asha, levantando-se e encarando-o.

Kade queria lhe dizer que não sentia mais dor, não tanto quanto a dor que sofria por querê-la. — Já acabou. — Ele queria esquecer aquela época de sua vida. A perna doía de vez em quando, mas ele sobrevivera.

— Ainda dói? Fale a verdade.

Sim. Dói, mas a dor não é na perna. Sinto dor todas as vezes que olho para você.

— Não — respondeu ele. — Não é tão ruim assim. — *Pelo menos, não na perna.*

Ela chegou mais perto e passou os braços em volta da cintura dele. A sensação da mão dela na pele nua quase o fez perder o controle. Ela tentava consolá-lo por causa de uma dor antiga, mas causava outra muito intensa.

Ele colocou os braços em volta dela, sentindo a maciez de Asha contra o próprio corpo.

— Eu sinto muito, Kade. Queria muito que isso não tivesse acontecido com você — murmurou ela contra seu peito.

— Merdas acontecem — respondeu ele casualmente, tentando não ceder à tentação de carregá-la para sua cama e enterrar-se em seu calor, aceitar o conforto que estava disposta a lhe dar. Mas ele não a queria assim. Queria que fosse algo mútuo, que queimasse por ele tanto quanto ele queimava por ela. Ela continuou a abraçá-lo, murmurando palavras suaves em seu peito que ele não entendeu, suspeitando que fossem em telugu.

— Você sabe que não entendo uma palavra do que está dizendo — disse ele, tentando conter as emoções que ameaçavam se libertar.

— Eu sei. É melhor que não entenda — retrucou ela com voz divertida.

— E acho que você precisa superar algumas coisas do seu passado. Você é jovem, incrivelmente bonito, ainda consegue caminhar e está vivo. Você sobreviveu. Além da dor que eu sei que sente algumas vezes, a sua perna não importa. A aparência dela não importa.

Kade sabia que Asha estava falando sério e sua alma ficou um pouco mais curada. Ele encostou o rosto nos cabelos dela, inalando o perfume

floral e fechando os olhos.

Kade não soube exatamente quanto tempo ficaram daquele jeito, abraçados como se estivessem conectados. Ele tinha certeza de que fora um período relativamente longo, mas não longo o suficiente. O pênis estava rígido, uma reação que era praticamente certa sempre que Asha estava perto o suficiente para que ele a sentisse, para que a cheirasse. Mas ele não queria pensar no pênis naquele momento. Só queria absorver a doçura de Asha, mantê-la perto de si. Estar perto dela se tornara um vício e satisfazer todas suas vontades e necessidades, uma obsessão.

Finalmente, eles se separaram e voltaram para o andar superior. Ele precisou cerrar os punhos para resistir à tentação de tocá-la quando ela abriu um sorriso tímido e fechou a porta do quarto. Kade se jogou na própria cama, que subitamente pareceu solitária e grande demais. Demorou muito tempo até que, finalmente, caísse em um sono exausto.



Capítulo 8

A semana seguinte se transformou em alguns dos dias mais felizes da vida de Asha. Ela pintou, sem se sentir pressionada a terminar rapidamente o trabalho, e certamente não precisou se preocupar de onde viria a próxima refeição. Kade foi extremamente chato com a alimentação dela. Passava algum tempo no escritório da Harrison com Travis, mas, sempre que estava em casa, levava comida para ela. Entupi-la de chocolate, doces maravilhosos e sobremesas altamente calóricas parecia ser uma de suas atividades favoritas. Entre uma e outra, ele sempre parecia ter alguma outra comida para que ela experimentasse. Se não tivesse cuidado, em breve ela não caberia nas calças.

Ela começara a fazer exercícios com ele todas as manhãs, sempre sentindo-se maravilhada quando ele continuava a levantar pesos depois de terminar as demais sequências. Apesar de caminhar bastante, ela era fraca em comparação a ele. Sentia-se exausta sempre que terminava o tempo na esteira e na bicicleta. Ficava ofegante antes mesmo que Kade começasse a suar.

Parando para alongar as costas, Asha suspirou ao olhar para a parede do quarto de Kade. Depois de terminar de pintar um leopardo em uma floresta tropical em outra parede, ela subira para o quarto principal, ainda meditando sobre o que exatamente se encaixaria ali. Não havia nada de íntimo sobre o quarto dele. Era um quarto minimalista, como o restante da casa, e não tinha cor alguma.

Asha sorriu ao se lembrar de Kade dizendo-lhe para pintar todas as paredes da casa e da careta que ele fizera quando ela dissera que seria um exagero. Ele precisava de algumas cores, talvez uma parede na maioria dos aposentos, mas não precisava de todas as paredes pintadas. Infeliz com a resposta dela, ele resmungara, mas não tocara no assunto novamente.

Ele me deixa livre para usar meu talento. Ele confiou a casa dele nas minhas mãos.

Kade valorizava a opinião dela e ele a ouvia quando Asha tinha uma ideia. Ele a fizera se sentir... importante. E ela carregava aquela emoção no coração. Ninguém nunca a fizera se sentir apreciada nem valorizada. E

Kade lentamente lhe mostrava que ela tinha valor, que valia muito mais do que vivera no passado.

— Asha? — A voz profunda soou perto da porta, assustando-a e tirando-a abruptamente do devaneio.

Seu olhar voou para ele e ela prendeu a respiração ao ver Kade parado na porta com um sorriso divertido.

Colocando a mão no peito, ela disse: — Desculpe. Eu estava só pensando.

Ela sentiu o coração flutuar com a visão dele, parecendo incrivelmente bonito no traje formal com gravata que usara para ir ao escritório. Mesmo assim, o traje ainda era típico de Kade, que vestira uma camisa marrom colorida e uma gravata com uma cornucópia muito ornamentada devido ao feriado próximo de Ação de Graças. Em Kade, parecia muito masculina, uma imagem que sempre deixava seu coração feliz. Ele tinha estilo próprio e estava inteiramente confortável com isso. Era uma das coisas mais sensuais que ela já vira.

— No que você estava pensando? — perguntou ele curioso, tirando o casaco e jogando-o sobre a cadeira.

Em você. No que mais parece que penso ultimamente?

— Na sua parede — respondeu ela depressa, virando o rosto para a parede que estivera contemplando. Ela estava preocupada demais com Kade e precisava tirá-lo da cabeça. Era um cliente e talvez um amigo. Mas não podia pensar como algo além disso. — Travis gostou da sua nova imagem?

— perguntou ela curiosa, imaginando o que o irmão gêmeo achara da camisa e da gravata coloridas de Kade.

Kade soltou uma risada ao desfazer o nó da gravata. — Não. Ele disse que a gravata e a camisa não eram nenhuma evolução da camiseta com os cachorros-quentes dançantes que uso às vezes para ir ao escritório. — Ele tirou a gravata do pescoço e jogou-a sobre o casaco. — Como fui acabar com um irmão sem o menor senso de estilo? — perguntou Kade em tom sombrio. — Nada além de roupas e gravatas escuras. Ele parece o condutor de um funeral. A única que o impede de ser totalmente mórbido é a secretária dele, Ally, que ele ainda insiste em chamar de Alison, apesar de ela odiar. Ou, se ela o irrita demais, vira a srta. Caldwell.

Asha riu. — E o que ela é na maior parte do tempo? — Ela conhecera Travis no dia anterior e, apesar de ser cordial, ele era um tanto intimidador.

Era difícil acreditar que ele e Kade eram irmãos gêmeos. Os dois eram inacreditavelmente diferentes.

— Srta. Caldwell. Ela quase sempre está encrencada com Travis —

respondeu Kade em tom brincalhão. — Mas ela o desafia. É boa para ele.

Acho que é uma das poucas pessoas no escritório que não tem medo dele.

— Fico surpresa por ele não a ter demitido. — Asha pegou a gravata e o casaco de Kade, pronta para colocá-los na pilha de lavagem a seco da lavanderia.

— Acho que, secretamente, ele gosta dela de uma forma meio antagônica.

E ela é excelente no que faz. Travis sabe que as coisas no escritório seriam um caos sem ela — disse Kade, sentando-se na cama para tirar os sapatos.

— Coloque essas coisas de volta, senão vou lhe dar uma surra —

resmungou Kade. — Você não é minha empregada. Eu cuidarei delas... em algum momento.

O olhar de Asha voou para o rosto de Kade. Ele estava falando muito sério e não estava nada contente. Constrangida, ela tentou achar uma forma de

explicar que, algumas vezes, ela gostava de fazer coisas para ele. — Eu só estava...

— Você tem três segundos para colocá-las onde estavam — disse ele com uma calma mortal.

— Kade, eu não me importo...

— Um. — A voz dele estava serena, mas o tom era de advertência.

Ah, como Asha queria argumentar. Ela não tinha medo de Kade e queria ajudá-lo de vez em quando. Ele fizera tanto por ela. Não achava que tinha a obrigação de limpar a bagunça dele. Era muito diferente quando fazia algo

para alguém que a apreciava. Ela queria ajudá-lo e gostava de tocar e cheirar qualquer coisa que pertencesse a ele. O perfume dele era tão masculino e inebriante...

— Dois. — O tom de advertência foi mais pronunciado. Ele soltou o outro pé do sapato no chão e seu olhar passeou pelas pernas nuas dela, expostas por uma calça *jeans* que ela cortara para usar durante o trabalho.

Os olhos dele subiram lentamente, acariciando os seios e os mamilos que começavam a ficar rígidos sob a camiseta vermelha curta.

— E se eu quiser fazer isso? E se eu fizer isso só porque adoro cuidar das suas roupas, pois elas têm o seu cheiro? — respondeu ela em uma explosão ofegante, sabendo que estavam em uma luta que ia muito além de esperar que ele fizesse alguma coisa. Ela estava chamando o blefe dele, desafiando-o a tocá-la. Ele fora remoto e cauteloso... e ela queria ver os olhos de Kade ardendo novamente de paixão, da forma como acontecera quando ele a levava ao paraíso na cozinha usando apenas a boca e os dedos.

A mão que segurava o casaco e a gravata dele tremia, mas ela não se moveu. Ela sentiu um calor entre as pernas e os mamilos rígidos. Asha ficou parada, esperando.

— Três — rosnou ele, saltando da cama e passando o braço musculoso em volta da cintura dela. Tirando o casaco e a gravata da mão dela, ele os jogou

no chão e puxou-a para a cama, onde ela caiu sobre o corpo forte dele.

Asha se esforçou para respirar, com a sensação dos músculos quentes e rígidos sob ela fazendo com que o coração batesse aceleradamente e deixando-a completamente sem fôlego. Afastando a cortina de cabelos que tinha caído sobre o rosto, ela olhou para ele chocada. Ele ainda tinha o braço em volta de sua cintura, mantendo-a presa. E os olhos pareciam piscinas profundas de fogo azul.

— Sinto muito. Você não entende — disse ela com voz trêmula.

Kade tirou com cuidado a presilha que agora estava pendurada nos cabelos dela e jogou-a no chão. — Você não pode dizer uma coisa como aquela e esperar que eu não responda à altura — disse ele com voz rouca, enterrando os dedos nos cabelos dela. — Se gosta do meu cheiro, então venha cheirar na fonte — exigiu ele. — Toque em mim, Asha, antes que eu perca o controle. Que se danem as roupas, preciso das suas mãos em mim.

Era uma ordem a que ela não podia nem queria resistir. Os dedos trêmulos começaram a abrir os botões da camisa dele, desesperados para encontrar a pele quente. Ela não conseguiu afastar os olhos da expressão intensa dele. O fato de ele precisar dela, mesmo que fosse por pouco tempo, era algo inebriante e potente. Nenhum homem olhara para ela como Kade fazia. O corpo dela respondia aos feromônios de Kade e a necessidade de tê-lo dentro de si era quase dolorosa.

— Não sei como você quer ser tocado — disse ela nervosa, com uma vontade intensa de sentir a pele quente dele sob os dedos.

Kade gemeu quando ela abriu a camisa dele e colocou as mãos sobre o peito musculoso. — Não importa. Do jeito que quiser.

Asha moveu o corpo mais para baixo, posicionando o sexo quente sobre o pênis enrijecido. Ela sentiu a pele quente e ardente sob os dedos e espalhou as mãos sobre seu peito de forma hesitante, suspirando com a sensação de força e poder que ele transmitia.

Subitamente, ela não se importou com o fato de que não deveria estar fazendo aquilo nem que estava lá só para fazer um trabalho. Talvez fosse um

erro se apegar tanto a Kade, mas a necessidade ardente que existia entre eles não podia ser negada por mais tempo. Só uma vez, Asha queria sentir o que era ser desejada da forma como sabia que Kade a desejava.

— Elas são lindas. — Asha correu os dedos sobre a tatuagem, no lado direito do peito dele, de uma fênix colorida que saía do fogo. Depois de terminar de traçar o desenho, ela moveu a mão para o outro lado do peito para fazer o mesmo com o desenho de um dragão, predominantemente preto, mas com tons vermelhos, alaranjados e azuis nas escamas. Havia uma bola de futebol em chamas entre os dentes do dragão. — Imagino que esta era um lembrete para que vencesse os jogos.

— O pessoal me chamava de Dragão porque eu sempre usava minha camiseta da sorte, que tinha um dragão, nos dias de jogo — respondeu ele.

— Algum idiota a roubou do vestiário e, como eu não tinha mais a camiseta, fiz uma tatuagem.

A mão de Asha voltou para a fênix, que a lembrava da própria borboleta, exceto que a criatura dele estava com as asas totalmente abertas, saindo do fogo que lambia a cauda longa. — E esta?

— Travis tem uma igual. Estávamos juntos bebendo um dia e decidimos fazê-la durante o escândalo da morte de nossos pais. Foi a única vez em que

vi Travis realmente bêbado. Juramos que seríamos melhores que a louca da família Harrison.

— E são — respondeu Asha baixinho, admirando a ferocidade de Kade em superar o passado. Isso a deixava ainda mais determinada a se tornar independente e forte. Mia, Kade e Travis talvez ainda fossem assombrados por alguns aspectos da infância, mas todos tinham ressurgido como a fênix do peito de Kade.

Kade gemeu quando Asha começou a descer um pouco mais, seguindo o rastro de cabelos que desciam até a cintura da calça. O corpo dele era maravilhosamente esculpido e as tatuagens só aumentavam a aura masculina.

Ela sentiu o corpo inteiro arder, exigindo que tivesse aquele homem. E

Asha estava cansada de negar a si mesma o que queria.

Decidida, ela rolou para o lado dele e puxou a camiseta por sobre a cabeça. Ela não usava sutiã e só precisou de um momento para tirar a bermuda e a calcinha, jogando-as no chão. Finalmente, virou-se para olhar para Kade, encontrando o olhar com uma coragem que não sabia que tinha.

— Quero você dentro de mim. Quer fazer isso?

Kade a encarou, com o olhar passeando pelo corpo nu de Asha antes de voltar aos olhos. — Você acabou de ficar nua e agora me faz essa pergunta?

— Bem... quer ou não? — perguntou ela, sentindo-se um pouco mais desconfortável por ter presumido que ele o faria.

— Querida, estar dentro de você é o assunto da maioria das minhas fantasias — respondeu Kade com voz rouca. Ele ficou de pé ao lado da cama sem afastar o olhar faminto do dela.

— Só a maioria? — perguntou ela nervosa enquanto ele tirava a camisa, deixando-a cair sobre a pilha crescente de roupas.

Ele abriu um sorriso malicioso enquanto tirava a calça. — É um dos destaques, mas não é a única coisa que sonho fazer.

— O que mais sonha? — perguntou Asha confusa, deitando-se de costas e abrindo as pernas. — Estou pronta — disse ela em tom ansioso, prendendo a respiração quando Kade chutou a cueca para longe e parou perto da cama completamente nu. — Ai, meu Deus. Você é muito mais gostoso do que imaginei — comentou ela ao passear com o olhar por cada músculo, cada curva perfeita do corpo dele. Ela sentiu o calor invadir seu centro ao ver o pênis enorme. — E você é... grande.

Ele colocou um joelho sobre a cama. — O que você está fazendo? — perguntou ele.

— Eu disse que estava pronta — respondeu ela, com o corpo pulsando de desejo ao olhar para ele. — Estou pronta para que entre em mim.

— Não, não está — respondeu ele lentamente. — Mas estará.

— Eu estou pronta — insistiu ela, imaginando o que ele estava esperando e desejando que começasse logo. Ela estava mais do que pronta para ele e nunca sentira tanto desejo por outro homem.

Kade soltou um gemido estrangulado, algo entre um rosnado e uma risada, e puxou-a para que ficasse de joelhos, passando um braço forte em volta de sua cintura. — Você é tão inocente — disse ele, enterrando as mãos nos cabelos dela e puxando seu corpo para que ficasse encostado no seu. —

Querida, você não precisa só ficar na posição e esperar que termine em questão de momentos.

Asha estremeceu quando o corpo forte encostou completamente no seu, envolvendo-a em calor. — Não sou tão inocente. Fui casada por sete anos

— retrucou ela.

— Sim. E quero que esqueça tudo o que fez enquanto estava casada.

Simplesmente sinta. Pode fazer isso? — A boca quente desceu pela pele sensível do pescoço dela, fazendo com que estremecesse.

— Sim — sussurrou ela ansiosa. Obviamente, havia muito a aprender sobre estar com um homem além do que descobrira durante o casamento.

— Diga-me o que quer, Kade. — Ela não sabia como lhe dar prazer, mas queria muito fazer isso.

— Só quero você — respondeu Kade em tom ardente, descendo a mão pelas costas dela e segurando-lhe o traseiro. Ele puxou os quadris dela contra o pênis com um gemido.

Asha não conseguiu esperar mais. Ela agarrou os cabelos dele com os dedos famintos e puxou a boca de Kade para perto da sua, deixando que o instinto

e a estranha ligação que tinha com ele assumissem totalmente o controle. Kade respondeu imediatamente, fundindo os lábios nos dela e segurando sua cabeça no lugar enquanto tomava-lhe a boca. Ele não parou com um só beijo. O primeiro abraço apaixonado levou a outro e mais outro, sem que eles conseguissem se saciar um do outro. As chamas tímidas que existiam entre os dois tinham sido finalmente libertadas, transformando-se em um inferno furioso que nenhum deles poderia apagar.

Ela acabou deitada de costas novamente. Os braços e as pernas se entrelaçaram enquanto as bocas continuavam unidas. Kade colocou as mãos nos seios de Asha, provocando os mamilos rígidos e sensíveis, o que lançou um choque elétrico diretamente no sexo dela.

Afastando os lábios dos dela, ele disse com voz rouca: — Diga-me que quer isto tanto quanto eu, Asha.

— Eu quero — gemeu ela, contorcendo o corpo sob o dele e erguendo o quadril em uma súplica silenciosa. — Eu preciso de você.

A boca de Kade desceu para um dos mamilos, mordendo-o de leve. Asha prendeu a respiração, pois aquele tipo de excitação era totalmente desconhecido. — Eu não sabia que podia ser assim — sussurrou ela para si mesma.

Kade a ouviu. Erguendo a cabeça, ele passou a língua no vale entre os seios e disse em voz rouca: — Estamos apenas começando e você sentirá muito mais, não vai demorar muito. — Ele beliscou os mamilos dela de leve, com a língua seguindo a pontada de dor. — Seus seios são perfeitos.

— Pequenos — respondeu Asha sem fôlego.

— Do tamanho certo — argumentou Kade, segurando-os com as mãos.

— Os seus mamilos me lembram chocolate. Já lhe falei que sou viciado em chocolate?

Era uma pergunta que não exigia resposta e Asha não tinha planos de falar quando Kade colocou cada mamilo na boca, um depois do outro, chupando-os e lambendo-os. Ele parecia saber exatamente como tocá-los, como deixá-

la completamente louca. Ninguém adorara seus seios daquela forma e era exatamente o que Kade fazia, eliminando todas as inseguranças que ela jamais tivera sobre não ser particularmente abundante. Obviamente, ele os achava atraentes e era tudo o que importava para ela no momento.

Ela gemeu quando Kade desceu um pouco mais, com a língua saboreando a pele do abdômen. As mãos dele acariciaram-lhe as pernas antes de segurá-las firmemente e abri-las. Asha sentiu o ar atingir a pele sensível entre as coxas enquanto Kade continuava a descer. Uma das mãos grandes subiu pela coxa de Asha e ele usou os dedos para penetrar suas dobras já saturadas.

Asha sabia que deveria ter se sentido mortificada. A cabeça de Kade estava diretamente entre suas coxas e seus dedos acariciando a boceta, mas ela só sentiu as entranhas se contraírem. O desejo era tão intenso que ela

ergueu o quadril, implorando mais. — Por favor, Kade. — A voz dela estava torturada, desesperada. Ela nunca se sentira assim. Nunca um homem lhe dera prazer daquele jeito. Era uma mistura de tortura e êxtase.

Como ela conseguira chegar aos vinte e sete anos e nunca sentir aquele tipo de excitação? Asha considerou aquilo como seu despertar sexual. O que antes fora um dever, agora era um prazer além da compreensão.

Foi disto que eu senti falta. Foi isto que eu sempre quis, mas nunca soube exatamente o que estava faltando.

— Por favor o quê? — perguntou Kade em voz baixa. — Fale alto.

Diga-me do que precisa.

— Toque-me com mais força. Toque-me lá — pediu Asha desesperada, surpresa por conseguir dizer o que queria. Mas, com Kade, ela sabia que podia fazer isso. Não estava escuro, não havia vergonha e ele fazia com que ela se sentisse desejada e muito feminina.

Os dedos dele se moveram, passando de leve sobre o clitóris. — Assim?

— perguntou ele com voz abafada, passando a língua entre a coxa e a boceta.

— Sim. Mas com mais força — implorou ela sem reconhecer a própria voz.

— Vou chupar você, Asha. Preciso sentir o gosto do seu orgasmo quando gozar — disse Kade logo antes que a boca a devorasse.

O traseiro de Asha saiu completamente da cama e Kade passou as mãos sobre ele, segurando-o para puxá-la com mais força contra a própria boca.

Ele gemeu dentro dela ao usar os lábios e a língua para fazer com que ela perdesse totalmente o controle. — Kade, eu não consigo... — Ela queria dizer a ele que não conseguia respirar, mas não era verdade. Ela estava ofegante e deixou escapar um gemido ao parar de lutar contra o êxtase que ele lhe causava. Deixou-se simplesmente... sentir, exatamente como ele lhe pedira. Ela segurou a cabeça dele com as mãos, sem aguentar mais. — Por favor — pediu ela.

A língua de Kade se moveu sobre o clitóris mais depressa, com um pouco mais de força, deixando-a ainda mais frenética. Ela explodiu no momento em que teve certeza de que enlouqueceria e o corpo estremeceu com a força do clímax.

— Kade. — Ela gritou o nome dele ao agarrar-lhe os cabelos com mais força, deixando que Kade possuísse seu corpo durante aqueles momentos,

com a língua ainda sobre o clitóris e a boca saboreando cada gota do orgasmo explosivo.

Ela ainda tremia quando Kade ficou sobre ela. Os dois estavam suados, mas ela suspeitou que a maior parte do suor fosse sua. Minha nossa, Asha nunca sentira nada parecido com o que Kade acabara de fazer com ela. O

coração ainda estava acelerado, batendo com muita força, deixando-a incapaz de falar. Os olhos de Kade estavam turbulentos e ardentes quando ele a olhou com uma satisfação muito masculina. — Você é linda — disse ele em um tom maravilhado.

— Ninguém nunca me disse isso — admitiu ela com voz trêmula. —

Ninguém me fez sentir como você fez. Você fez com que eu acreditasse naquilo.

— Bem, acredite. Você é perfeita. E seu corpo responde ao meu como se tivesse sido feito para mim — disse ele possessivamente, enterrando os dedos nos cabelos dela. — E, só para constar, eu também nunca senti nada como isto — acrescentou ele enfaticamente, devorando-a com os olhos e deixando-a ainda mais ansiosa para ser possuída.

Naquele momento, Asha o queria dentro de si mais do que queria respirar. Abrindo a boca para falar, ela só conseguiu dizer: — Treppe comigo, Kade, por favor. — Ela nunca dissera aquelas palavras, mas era tão fácil dizê-las a Kade quando via o desejo queimando em seus olhos. Ele queria que ela o quisesse tanto quanto a queria. E ela queria que ele soubesse que já o queria com aquela mesma intensidade.

— Se eu trepar com você, será minha. Não sei se conseguirei deixar que vá embora — disse ele. — Na verdade, já não sei se consigo.

O coração de Asha bateu mais forte e ela passou as mãos nos braços dele, sentindo o poder e a tensão de seu corpo. — Eu ainda tenho um longo caminho pela frente, Kade. Preciso fazer muito para me encontrar. — Ela queria dizer a ele, naquele momento, que era dele para sempre, que nunca se sentira assim em relação a nenhum outro homem. Apesar de saber o que sentia por ele, Kade não merecia uma mulher problemática. — Ainda tenho problemas.

— Eu também — respondeu ele com sinceridade e com olhar determinado. — Mas não me importo nem um pouco. Nós curaremos um ao outro. Eu lhe darei tudo de que precisa para ser completa de novo. O seu lugar é ao meu lado.

Asha queria muito acreditar nele. Sua alma o queria. Ignorando todas as palavras que queria dizer, ela respondeu: — Então me faça sua. Por favor.

— Não tenho camisinhas. Faz anos que não saio com uma mulher e estou limpo. E não pretendo ficar com nenhuma outra mulher — disse ele.

As palavras de Kade foram uma declaração.

— Sou infértil. Não tenho doenças. E confio em você — disse ela ofegante, com o corpo implorando para ser possuído.

— Você não é infértil. Detesto essa expressão e ela não se aplica a você

— disse Kade, esfregando o pênis nas dobras dela ao mover o quadril para a frente. — Talvez não possa ter filhos, mas o seu corpo é a minha definição de paraíso.

Asha arquejou de prazer quando Kade segurou-lhe os quadris e penetrou-a em uma investida suave. Ele era grande, preenchendo-a completamente, estendendo músculos internos que ela não percebera que tinha.

— Puta merda, você é deliciosa. — Ele gemeu, um som de puro êxtase.

— Passe as pernas em volta da minha cintura. Tire tudo o que deseja de mim. O que quiser.

Asha obedeceu, querendo dizer a ele que já tinha tudo que queria. Com Kade enterrado dentro dela, ligado a ela, Asha não achava que conseguiria ficar ainda melhor. Todos os nervos estavam vivos e elétricos. O pênis a penetrou e recuou, tomando-a como nenhum homem fizera.

Eu amo você. Eu amo você.

Ela não podia dizer aquelas palavras em voz alta, mas elas latejavam em sua cabeça, acompanhando as investidas de Kade e deixando-a louca para gozar. Todas as emoções eram muito intensas e ela apertou ainda mais as pernas em volta dele, mantendo os braços presos em volta dos ombros largos. Gemendo de desejo, ela enterrou as unhas curtas nas costas dele, sentindo um prazer tão intenso que mal podia aguentar. — Por favor, eu preciso...

— Você precisa que eu a faça gozar — disse Kade com a voz rouca de desejo. — Só eu. Diga que é isso que quer.

— Sim. Sim. Eu preciso de você. Só você — respondeu ela enfaticamente.

— Agora, ande logo — exigiu ela. — Não aguento mais.

— Você aguenta. — Kade rolou o corpo, permanecendo dentro dela, até que Asha estivesse sobre ele. Ele segurou as mãos dela, ajudando-a a se

sentar, e manteve seus dedos entrelaçados com os de Asha. — É sua vez — disse ele com os dentes semicerrados. Era uma ordem, não um pedido.

Asha se mexeu insegura sobre ele. — Como? — Aquilo era novo, algo que nunca fizera antes, e era algo ao mesmo tempo poderoso e assustador.

— Trepe comigo. Com força. Bem fundo — rosnou ele.

A expressão no rosto dele era angustiada, excitada e completamente inebriante. Os instintos de Asha tomaram conta e, observando a expressão dele, ela se moveu sensualmente sobre ele. O ângulo era diferente e, à medida que ela se abaixava, ele a penetrava mais fundo. Ela gemeu quando a boceta se estendeu e contraiu, como se estivesse faminta para devorá-lo ainda mais fundo. O prazer de ter Kade dentro dela era incrível e Asha sentia a excitação percorrê-la enquanto subia e descia os quadris repetidamente. Ela apertou os dedos de Kade, sentindo o corpo tenso como um arco. — Ai, meu Deus, eu não aguento — gritou Asha, com todos os nervos pulsando até que tivesse vontade de gritar de prazer ao aumentar o ritmo dos movimentos do corpo.

Kade soltou as mãos dela e segurou-lhe os seios, beliscando-os de leve, e fazendo com que ela sentisse o prazer vibrante da cabeça aos pés.

Segurando as mãos dela novamente, fez com que ela as colocasse sobre os próprios mamilos. — Toque neles — pediu Kade.

Perto demais do clímax até mesmo para pensar em sentir qualquer constrangimento, Asha beliscou os mamilos de leve, gemendo de prazer, enquanto Kade agarrava seus quadris para assumir o controle. Segurando-a firmemente, ele investiu com força, gemendo ao preenchê-la repetidamente.

— Meu Deus, você é tão gostosa e apertada que não quero gozar nunca. —

Kade estava ofegante e a expressão de seu rosto era de puro êxtase.

Kade mudou ligeiramente de posição, estimulando o clitóris de Asha com cada investida. O azul dos olhos dele ficou mais profundo ao observá-la tocando em si mesma e gemendo de prazer. — Puta merda, não vou aguentar muito mais tempo. — As investidas ficaram mais profundas e intensas, estimulando ainda mais o clitóris. Ele tirou uma das mãos do quadril dela e empurrou-a para perto do local onde estavam unidos. O

polegar se juntou à fricção do pênis e o estímulo foi tão intenso que Asha gritou: — Kade!

Asha implodiu, gritando o nome de Kade e enterrando as unhas profundamente nos ombros dele enquanto era invadida pelas ondas do

clímax em pulsações que pareceram demorar para sempre. Kade gozou dentro dela com um gemido alto, puxando-a para baixo para um beijo que a deixou sem fôlego enquanto derramava sua semente dentro dela.

Com os corpos ainda ligados, Asha se deitou sobre o peito ofegante de Kade, sentindo o próprio corpo estremecer sem controle.

— Eu nunca... isto foi... — gaguejou Asha, tentando colocar em palavras a forma como se sentia, sem sucesso. — Eu não sabia que podia ser assim

— terminou ela, ainda sem fôlego.

— Também nunca foi assim para mim, querida — respondeu Kade com voz rouca.

Kade acariciou as costas dela enquanto os dois recuperavam o fôlego. As palavras eram inadequadas e Asha desistiu de tentar verbalizar as emoções intensas. Ela ficou deitada com Kade, em silêncio, saboreando o resultado de uma experiência tão incrível que mudara seu mundo. Quando conseguiu respirar novamente, ela disse em tom malicioso: — Vi você fazer muito mais exercícios e nunca suar.

— É você — respondeu ele. — O seu corpo incrível quase me fez ter um ataque do coração. Você faz um estrago no meu ego. Tenho orgulho da minha resistência, mas o que acabou de acontecer vai além da força física.

Asha deu uma risada. A ideia de um homem ter um desejo tão intenso pelo seu corpo era uma coisa quase inconcebível. Mas obviamente Kade tinha. Da mesma forma como ela o desejava. O que acabara de acontecer fora uma experiência mútua. Ela tinha certeza disso. — Acho que você terá que se exercitar mais para melhorar — disse ela ainda um pouco ofegante.

Kade deu um tapa brincalhão no traseiro dela. — Você está ficando muito mandona e metida. Agora está realmente ferindo meu ego. Preciso melhorar?

Ela ergueu a cabeça e olhou para ele. — Não. O que acabou de acontecer foi a coisa mais maravilhosa que senti na vida. Foi perfeito — disse ela com sinceridade.

Sem qualquer traço de humor, ele respondeu: — Concordo, querida. —

Ele afastou os cabelos do rosto dela e beijou-a de forma doce e lenta, como se tivesse todo o tempo do mundo e aquela fosse a coisa mais importante que tinha a fazer.

Asha retribuiu o beijo, sabendo que sua vida tinha acabado de mudar radicalmente e que nunca mais seria a mesma.

Mais tarde, naquela noite, ela refez a tatuagem de henna. Dessa vez, a borboleta emergira um pouco mais.



Capítulo 9



—Quero que vocês me ajudem a encontrar o ex-marido de Asha e os pais temporários dela — disse Kade com uma calma mortal, olhando de um homem para os outros sentados na sala de estar de sua casa no dia de Ação de Graças. As mulheres tinham expulsado os homens da cozinha e dado a eles a tarefa de limpeza. Max, Sam, Simon e Travis o olharam perplexos.

— Por quê? — perguntou Max curioso, tomando um gole da cerveja que tinha na mão e olhando para Kade com expressão confusa. — Achei que ela não tivesse mais nada a ver com eles.

Kade estremeceu. As emoções que ele tentava conter o atacavam para chegarem à superfície. Brevemente, ele tentou explicar parte dos abusos de que Asha fora vítima enquanto os homens à sua volta ouviam atentamente.

Kade tomou um longo gole de cerveja antes de terminar: — Eu vi as cicatrizes no corpo dela e lembro quando o médico disse que vira no raio-X

do peito, quando ela teve pneumonia, o que pareciam antigas fraturas nas costelas. Não pensei nada demais naquele momento, achando que talvez ela tivesse sofrido algum acidente. Mas agora, acho que não foram causadas por um acidente. — Só de pensar no ex-marido de Asha batendo nela com força suficiente para quebrar suas costelas e deixar algumas das cicatrizes que vira naquele corpo maravilhoso fez com que ele apertasse ainda mais a garrafa de cerveja que tinha na mão. Por um segundo, achou que quebraria a garrafa.

— Eu ajudarei você — respondeu Max em tom perigoso. — E nem vou perguntar como você viu as cicatrizes no corpo dela.

— Mate o imbecil — resmungou Simon.

— Pode contar comigo — disse Sam em voz baixa e ameaçadora.

— Não vai acontecer — discordou Travis casualmente.

Quatro pares de olhares furiosos viraram na direção dele.

— Mas que diabos? Eu teria achado que você seria o último a ter qualquer problema com isto! — Kade bateu a garrafa vazia na mesinha, sem se importar se deixaria alguma marca.

Travis deu de ombros, parecendo relaxado e em total controle de si mesmo. — Não tenho. Ele merece morrer pelo que fez com Asha. Mas você não está fazendo isso por Asha, está fazendo por si mesmo. Admito, não a conheço bem, mas ela não parece ser o tipo de mulher que deseja que o irmão, o cunhado e os amigos parem na cadeia por assassinato. — Travis soltou um

suspiro longo. — Ele pode ser destruído de outras formas, pagar pelo que fez com ela.

Matar. Matar. Matar. Kade não sabia se alguma outra coisa aplacaria sua loucura protetora além da morte do homem que batera em Asha até quase matá-la... mais de uma vez. Enterrando a cabeça nas mãos, ele disse: —

Não acho que eu vá ficar satisfeito com qualquer outra coisa. Só o fato de ele ter batido nela o suficiente para provavelmente deixá-la perto da morte me deixa louco.

— Nem eu — resmungou Max.

— Ele precisa desaparecer da face da Terra — comentou Simon.

— Concordo — ecoou Sam em tom firme.

— Pelo amor de Deus... Estou rodeado por alguns dos homens mais brilhantes e ricos dos Estados Unidos e vocês agem como idiotas. Deixem as emoções de lado e pensem com a cabeça — disse Travis em tom duro. —

Vocês têm muito a perder para fazer qualquer outra coisa. Vocês têm filhos, nascidos ou ainda a caminho, mulheres que amam.

— Não posso deixar por isso mesmo — respondeu Kade em voz hostil.

— Sim, estou pensando em Asha, mas talvez ele mate a próxima mulher com quem se envolver.

Um murmúrio de concordância ecoou pela sala.

— Não estou sugerindo que deixe por isso mesmo. Estou sugerindo que deixe as emoções de lado e use a cabeça — retrucou Travis. — A última coisa de que Asha precisa é mais caos e culpa na vida dela.



A consciência de Kade sentiu uma ponta de remorso. Ele sabia que Travis tinha razão, mas não conseguia controlar a necessidade de buscar justiça

para Asha, uma que envolvesse dor e sofrimento intensos para o ex-marido dela.

Fazia apenas alguns dias desde que Asha lhe dera o corpo pela primeira vez e transformara seu mundo, mas eles compensavam o tempo perdido tocando um no outro sempre que podiam. Ele não conseguia não tocá-la quando ela estava por perto. Na verdade, a vontade de se levantar naquele momento e ir até a cozinha só para vê-la, ter certeza de que estava bem, foi quase irresistível.

— Imagino que tenha um plano — disse Max lentamente, olhando friamente para Travis.

Travis lançou um olhar superior a Max. — Geralmente tenho —

respondeu ele arrogantemente. — Acontece que uso a cabeça de cima quando se trata de mulheres, diferentemente de vocês.

— Nem sempre — lembrou Kade. — Não quando se trata de Mia. —

Além de Travis, só Max entenderia aquilo. Ele era o único que sabia que Travis sempre estaria mais do que disposto a matar para garantir a segurança de Mia.

— Foi um acidente infeliz — respondeu Travis. — E a segurança de Mia estava ameaçada.

Simon e Sam o encararam confusos, mas não fizeram comentários.

Acidente infeliz, que nada. Kade não tinha dúvidas de que Travis soubera exatamente o que estava fazendo quando o homem que perseguia Mia sofrera um “acidente infeliz” que resultara, de forma conveniente, na morte dele, sem que pudesse nunca mais incomodar a irmã. — Estou ouvindo. Mas não garanto que não vou matar o imbecil — disse Kade. Suas entranhas lhe diziam que precisava machucar o homem que machucara Asha.

Max cruzou os braços e olhou para Travis com uma expressão teimosa.

— Vamos ouvir seu plano.

Sam e Simon rosnaram, mas concordaram em ouvir Travis.

Com um sorriso satisfeito, Travis começou a falar.

Asha colocou o telefone da equipe de segurança de volta no suporte ao lado da porta e abraçou Ginny, a bebê, um pouco mais forte. Ginny Helen Hudson dormia pacificamente em seus braços. Ela adorava o cheiro da garota, a confiança que o minúsculo ser depositara nela ao pegar no sono enquanto Asha a balançava. Asha achava que Ginny, que recebera o nome das duas avós, era a criança mais adorável que já vira.

— Por que alguém iria querer falar comigo? — murmurou ela para a menina adormecida, como se a bebê fosse respondê-la. — Não conheço ninguém aqui.

Afastando-se da porta, ela foi até a sala de estar, onde as mulheres conversavam enquanto os rapazes faziam a limpeza depois de terem comido gananciosamente o jantar de Ação de Graças. Lutando contra o instinto de ir para a cozinha e ajudar, pois ela ainda não se sentia confortável com a ideia de homens na cozinha, ela relutantemente entregou Ginny para Kara, franzindo a testa. — Uma mulher quer falar comigo. Uma médica. O agente de segurança de Kade disse que verificou a identidade dela e que é legítima.

Pelo jeito, ela conhecia o meu pai e quer me dar algo que pertenceu a ele.

— O que você vai fazer? — perguntou Mia preocupada.

Asha deu de ombros nervosamente. — Eu disse a ele que a deixasse vir até aqui. Ela está sozinha. Não posso deixá-la ir embora se ela alega ter conhecido meu pai biológico. Sei muito pouco sobre ele. Se ela o conheceu, pode me dar algumas informações, contar um pouco sobre ele e, talvez, sobre a minha mãe.

— Ela pode ser uma repórter disfarçada — comentou Maddie, soando um pouco desgostosa.

— Ou apenas curiosa. Houve uma grande cobertura nos tabloides sobre a sua descoberta — murmurou Kara ao reposicionar Ginny no colo.

A campainha tocou e Asha se encolheu ligeiramente, sentindo-se nervosa. A mulher realmente conhecera seu pai biológico? E, se conhecera, provavelmente conhecera também sua mãe. Por que, depois desses anos todos, ela apareceria ali?

— Eu atendo — disse Mia apressada, saltando do sofá e correndo até a porta.

Asha sabia que poderia ter atendido a porta, mas a confusão manteve seus pés plantados no carpete. As outras três mulheres a olharam ansiosamente.

Mia voltou alguns momentos depois, seguida de uma indiana mais velha.

A mulher estava vestida com elegância casual, em tons de outono, e tinha os cabelos presos em um coque frouxo no topo da cabeça. Era difícil julgar a idade dela, mas Asha viu alguns cabelos grisalhos entre os fios pretos.

Ela parou em frente a Asha com um sorriso acolhedor e reconfortante.

— *Namastê* — cumprimentou Asha suavemente em hindi, o idioma nacional da Índia. Ela não sabia ao certo o que dizer à mulher nem se ela sabia falar telugu.

Sorrindo ainda mais, a mulher respondeu: — *Namastê*. — Ela fez uma pausa breve e continuou em inglês: — Você parece muito com Navin e é tão bonita quando Alice. — Ela colocou a mão no rosto de Asha e acrescentou:

— Desde que era bebê, eu sabia que você cresceria para ser uma linda mulher. Roubava o coração de todos.

— Nós nos conhecemos? — perguntou Asha curiosa.

— Sim. Mas você não se lembraria de mim. Ainda era uma criança. —

O inglês da mulher era perfeito, apesar do sotaque leve.

— Então você realmente conheceu meu pai — disse Asha em tom suave, oferecendo uma cadeira à mulher e sentando-se à frente dela.

— Sim. Posso falar na frente de suas amigas? — A mulher olhou em volta para Maddie, Kara e Mia.

Asha assentiu e apresentou a irmã, a cunhada e Kara, explicando que o marido de Mia, Max, e Maddie também eram filhos de Alice.

— É maravilhoso conhecer vocês. Sou Devi Robinson. — Olhando para Maddie, ela acrescentou: — Ouvi falar de você, dra. Hudson, e do trabalho incrível que faz em sua clínica.

Maddie acenou com a cabeça em agradecimento e respondeu: —

OceanofPDF.com

Também ouvi falar de você. É psiquiatra, e muito boa. Li muitos dos seus artigos e estudos de caso.

— Sou doutora em psiquiatria, um sonho que nunca teria se tornado realidade se não fosse pelo pai de Asha — reconheceu ela com voz terna.

— O quanto você sabe do trabalho do seu pai para ajudar mulheres estudantes indianas, Asha?

Atônita, Asha a encarou. — Ele era engenheiro — respondeu ela, chocada pelas palavras da mulher.

Devi assentiu. — Ele era. Mas também era ativista pelos direitos das mulheres indianas. E sua mãe o apoiava na causa. Eles nunca formaram

uma organização oficial, mas ele ajudou muitas alunas aqui nos Estados Unidos, incluindo eu mesma. Navin Paritala foi um dos melhores homens que já conheci. Ele ajudava muito as indianas aqui em várias circunstâncias ruins. O único pedido era que todas nós, algum dia, déssemos o dinheiro de volta para a filha dele quando chegasse o momento da educação dela. — A mulher vasculhou a bolsa, tirando um envelope. — Nenhuma de nós conseguiu localizar você. Foi levada para uma família adotiva muito depressa depois da morte dos seus pais e não tínhamos permissão de saber onde estava. Nós a procuramos durante anos, mas nunca conseguimos encontrá-la. Quando vi o artigo dizendo que era meia-irmã da dra. Hudson e do sr. Hamilton, eu tinha que encontrá-la. Nós lhe devemos isso. — Devi entregou o envelope a Asha com um sorriso. — Éramos dez e sempre mantivemos contato umas com as outras. Acabou sendo uma soma substancial.

Asha olhou para o envelope e abriu-o com os dedos trêmulos. O cheque do banco era de mais de duzentos mil dólares. A cabeça dela começou a girar e o coração bateu mais forte. — Isto não é meu — negou ela, tentando devolver o cheque a Devi.

A mulher empurrou a mão de Asha, recusando-se a receber o cheque de volta. — Pertencia ao seu pai e à sua mãe. Ele nos ajudou financeiramente

quando estávamos com dificuldades. O dinheiro agora pertence a você.

Sinceramente, estamos todas aliviadas por finalmente podermos pagar essa dívida. Seu pai nos deu liberdade. E isso era muito mais valioso do que o dinheiro. Quando terminamos a faculdade, colocamos o dinheiro em uma conta para você. Ele ficou lá por muitos anos. Nenhuma de nós precisa do dinheiro, Asha. E ele é seu.

— O que o pai de Asha e a minha mãe fizeram para ajudar você, dra.

Robinson, se não se importa que eu pergunte? — questionou Maddie baixinho.

— Eu não me importo nem um pouco — respondeu Devi, abrindo um sorriso. — Eu me apaixonei por um homem norte-americano e meus pais descobriram. Eles ameaçaram me tirar da escola aqui e levar-me de volta para a Índia para me casar com alguém de nossa casta, um homem mais velho e conhecidamente cruel. Navin e Alice pagaram a faculdade para mim e ajudaram-me a ficar aqui. Dennis e eu nos casamos e temos dois

filhos maravilhosos, um casal. Eles são uma mistura de sangue norte-americano e indiano, como Asha. Dennis é arquiteto.

— Essa mistura, é difícil para os seus filhos? — perguntou Asha curiosa sobre outros como ela.

— Não — respondeu Devi. — Eu ensino a eles as coisas boas sobre o meu país, mas eles são, no fim das contas, norte-americanos muito progressistas. Os dois pretendem seguir a carreira médica — concluiu ela com orgulho. — Conte-me o que aconteceu com você depois que perdemos seu rastro, Asha. Você foi para a universidade? O que faz?

Os olhos de Asha se encheram de lágrimas ao olhar para Devi, sabendo agora que seu pai não ficaria muito orgulhoso dela. Ela tentou falar, mas não conseguiu.

Maddie, Mia e Kara contaram a Devi sobre a vida de Asha e o casamento arranjado.

— Ai, Asha — exclamou Devi com os olhos cheios d'água. — Eu lamento tanto. Não é o que o seu pai e a sua mãe teriam desejado. Parece tão injusto que você tenha sido tratada assim depois que o seu pai nos deu a liberdade. — A voz de Devi estava triste e ela se ajoelhou ao lado de Asha, prendendo-a em um abraço. — Graças a Deus que você ainda é jovem e rompeu os laços. Pode seguir seu próprio caminho com o dinheiro que conseguimos pagar de volta.

Asha retribuiu o abraço da mulher com cautela, perguntando baixinho:

— O que acha que meu pai teria desejado para mim?

Devi lentamente soltou Asha e voltou à cadeira ao dizer em tom firme:

— Ele teria desejado que você buscasse o sonho de seu coração, qualquer que fosse. Ele queria sua felicidade. — Ela olhou para Maddie, acrescentando: — Ele sabia que sua mãe tinha dois outros filhos do primeiro casamento e que tivera que desistir deles. Navin e Alice procuraram você e o sr. Hamilton, mas nunca conseguiram descobrir onde vocês estavam. Não acho que queriam tirá-los de seus pais adotivos, mas queriam saber se estavam bem. Nunca conseguiram encontrar seus registros nem qualquer informação sobre vocês.

— Nós sobrevivemos. E finalmente nos encontramos — respondeu Maddie com um sorriso, parecendo não ter mais nada a dizer à mulher mais velha. — Então, nossa mãe finalmente encontrou uma vida feliz com o pai de Asha?

Devi assentiu. — Durante o tempo que tiveram juntos... sim. Navin e Alice se amavam muito. Acho que amar Navin mudou sua mãe de forma bem profunda. Eu me lembro de Alice dizendo que não gostava da mulher que fora antes. Navin foi o terceiro casamento dela. Não acho que ela queria ter desistido de você e de Max, mas achou que teriam uma vida melhor sem ela. Alice disse que não tinha dinheiro nem para comprar comida para vocês dois. Espero que consiga perdoá-la, dra. Hudson. No final, ela era uma mulher boa que ajudou o marido a lutar pelas mulheres com dificuldades. O

amor de um homem bom pode mudar uma mulher e acho que, no caso da sua mãe, foi exatamente isso que aconteceu.

— Não acho que ela fosse realmente ruim — disse Maddie em tom triste.
— Só oprimida. Ela e o meu pai eram pobres e acho que ela fez o que era necessário para sobreviver quando ele morreu. Não sei muito sobre o segundo casamento dela, mas suponho que também não tenha sido bom.

Fico feliz por ela ter tido sorte na terceira vez e por isso ter resultado em uma irmã — disse Maddie, sorrindo para Asha.

— Meus pais não teriam orgulho de mim — sussurrou Asha para si mesma. Descobrir que o pai fora tão progressivo, tão enfático sobre o tratamento igual para as mulheres, fez com que ela ficasse arrasada ao perceber que o teria desapontado. O que ele teria pensado de seu passado, dos abusos que sofreu nas mãos de Ravi, do tratamento que aguentara dos pais temporários e do ex-marido por achar que merecia? Ele teria ficado muito desapontado.

— Ele teria ficado muito orgulhoso — respondeu Devi em tom sério, pois ouvira o comentário de Asha. — Você sobreviveu, mesmo nas piores circunstâncias. Sei que Navin teria ficado triste por não poder ajudá-la, mas teria ficado orgulhoso por ter escapado e sobrevivido.

— Não tenho certeza de quem eu sou — respondeu Asha, encarando Devi diretamente nos olhos. — Fui criada como indiana de forma muito convencional, mas nasci nos Estados Unidos. Minha mãe era norte-americana e meu pai, um indiano progressista. Sou norte-americana, mas não me sinto assim.

— Você encontrará o seu caminho. Eu a ajudarei — disse Devi suavemente, tirando um cartão da bolsa e entregando-o a Asha. — Se não conseguir falar comigo sobre isso, pode falar com a minha colega. Ela é mais jovem, mas tem a mesma mistura de sangue que você. Talvez seja

mais fácil conversar com alguém que não conheceu o seu pai. — Devi se levantou. — Lamento por ter interrompido seu dia de Ação de Graças, mas eu não podia esperar mais para vê-la e pagar essa dívida. Preciso voltar para casa. Meu marido está preparando o nosso jantar.

— Mais um homem na cozinha — murmurou Asha.

Devi riu. — Sim. E meu filho está ajudando.

Asha balançou a cabeça. — Como você se acostumou com isso? Foi criada na Índia.

— Um pouco de cada vez — respondeu Devi. — É muito fácil se acostumar quando você tem a chance de ser uma parceira igual, mas leva tempo para se sentir assim. Dê tempo a si mesma, Asha.

Asha se levantou, percebendo que, em algum momento, os homens tinham se juntado a elas. Depois que todos se apresentaram rapidamente, Max e Maddie levaram Devi até a porta, fazendo mais algumas perguntas sobre a mãe deles. Asha começou a segui-los, mas foi puxada por Kade, que colocou o braço firmemente em volta de sua cintura.

— Você está bem? — perguntou ele sério.

Ela estava bem? Demoraria um pouco para que processasse tudo o que acabara de descobrir. Ela levantou o cheque que recebera de Devi. — Eu tenho dinheiro — respondeu ela, sem conseguir acreditar completamente que o dinheiro realmente era dela.

— Ouvi dizer. Nós tentamos lhe dar um pouco de privacidade, mas ouvimos a campainha tocar da cozinha e bisbilhotamos sem a menor vergonha — disse Kade.

— Meus pais me amavam, Kade. Eles se importavam — comentou ela emocionada. Minha nossa, aquela fora a coisa mais incrível de toda a tarde.

— Meu pai era progressista. Ele ajudava mulheres indianas com problemas.

Era um homem bom.

— Eu sei, querida. Você já não sabia que ele era um homem bom? —

perguntou Kade, puxando Asha contra o peito e abraçando-a com força.

Se fosse honesta consigo mesma, Asha teria presumido que provavelmente tinha pouca importância para o pai por ser mulher e que ele era igual aos outros indianos em sua vida.

O pai dela tomara como missão ver as mulheres serem bem tratadas, até mesmo de forma igual, e tivera valores liberais. Ele, um indiano, ajudara mulheres com dificuldades para que elas pudessem seguir seus sonhos. Ela

balançou a cabeça contra o peito de Kade. — Não assim. Nunca imaginei que ele fosse tão bom.

Enquanto Kara, Simon, Sam, Travis e Mia assistiam, Asha encostou a cabeça no peito de Kade e chorou.



Capítulo 10



Asha dobrou a última camisa que comprara e colocou-a no topo da mala nova com um suspiro. Ela não colocara na mala as roupas que Maddie e Mia tinham comprado, pois as resolveria com elas mais tarde. Eram extravagantes demais e ela uma mulher bem casual. Calças, sandálias e camisetas eram o que normalmente usava. Ela era pintora e aquelas não eram roupas que usava no dia a dia. Se conseguisse fazer com que Maddie as devolvesse, a irmã poderia ser reembolsada. Exceto pela camiseta vermelha, ela não vestira nenhuma outra.

As paredes de Kade estavam prontas e ela não podia mais se enganar sobre partir. Não havia mais nenhuma parede que pudesse pintar na casa dele sem fazer com que ficasse decorada em excesso. Desde o dia de Ação de Graças, duas semanas antes, ela aproveitara cada momento que passaram juntos, mas chegara a hora de ir embora. Ele nunca mencionava nada além do momento em que estavam juntos, nada sobre o futuro, e ela ainda tinha

problemas. Kade merecia coisa melhor, precisava de mais do que ela podia lhe dar.

Ela se consultara com a colega de Davi, a dra. Miller, uma vez por semana nas duas semanas anteriores e visitara Devi e a família dela informalmente como amiga várias vezes. Lentamente, ela percebia como sofrera uma lavagem cerebral durante a criação e o casamento. Mesmo depois de sair do lar temporário e do casamento com Ravi, aquela programação não deixara seu cérebro. Era preciso um esforço consciente todos os dias para reprogramar os pensamentos, para perceber que era uma

mulher forte que merecia muito mais. Isso não aconteceria da noite para o dia, mas Asha gostava de pensar que fizera um pouco de progresso.

Depois de atualizar o *site* da internet e publicar o novo número de telefone, ela recebera muitos telefonemas de novos trabalhos, a grande maioria da Flórida. Sem dúvida, tinha algo a ver com a notícia de ser irmã de Max e Maddie, mas seu calendário estava cheio, pois aceitara todos os trabalhos na Flórida. Agora que tinha dinheiro, queria um lugar onde plantar os pés, juntar coisas e parar de fugir.

Sua alma estava completamente despedaçada e afastar-se de Kade seria a coisa mais difícil que já fizera, provavelmente a mais difícil que algum dia teria que fazer, mas sabia que precisava. Talvez algum dia conseguisse lentamente reconstruir a alma e tornar-se inteira novamente. No momento, os pedaços eram tão pequenos que ela não conseguia enxergá-los. Havia apenas um vazio escuro que já a assombrava e ela nem saía ainda da casa de Kade.

— O que está fazendo? — perguntou uma voz suave da porta.

Asha se virou, com o coração pulando para a garganta ao ver Kade. Ele estava com o quadril apoiado na porta, os braços cruzados e um olhar confuso. Vestia apenas uma calça *jeans* de cintura baixa, deixando a parte superior do corpo à vista. Parecia ter acabado de sair do banho, pois os cabelos estavam úmidos. — Nada... só estava juntando as minhas coisas.

Acabei com a sua casa. Não há mais parede sobrando para pintar. — Ela desviou o olhar, sem conseguir observá-lo atravessando o quarto sem ter vontade de se jogar em seus braços.

— Então só está planejando ir embora. Por quê? — perguntou ele, parando atrás dela e envolvendo-lhe a cintura com os braços.

Porque eu amo tanto você que não aguento.

Porque tenho medo de que, se não for embora agora, perderei completamente o resto de dignidade que sobrou depois do meu passado.

Porque preciso que me ame de volta.

Asha se afastou dele, andando na direção da porta. — Eu ia preparar o café da manhã — disse casualmente, ignorando a pergunta dele.

Kade a segurou quando ela chegou à porta. Empurrando-a contra a parede, ele a prendeu lá com o corpo. — Por quê? — perguntou ele bravo.

— É sobre essa coisa de infertilidade? Droga... fale comigo. Vou lhe contar um segredo: eu nunca tive certeza de que queria um filho. Meu pai era um

louco e meus genes são uma porcaria. Eu poderia muito bem adotar. Ter um filho com o meu DNA não é tão importante para mim. Na verdade, nunca pensei seriamente em ter um filho. Duvido que eu fosse um pai decente.

Asha ficou imóvel, atônita. Ela olhou para a expressão feroz de Kade, para os olhos azuis em chamas. Aquilo não mudava nada, mas a veemência dele a deixou chocada. Ela sabia que ele estava falando sério, que não precisava de um filho com o próprio DNA, mas isso ainda a deixou surpresa. — Kade... não estou mais desamparada. E não estou quebrada.

Posso me virar.

Ele entrelaçou os dedos nos dela e ergueu as mãos sobre a cabeça de Asha, pressionando o corpo contra o seu. Asha sentiu o pênis rígido sob o tecido da calça ao encostar em seus quadris. A ideia de dê-lo dentro de si fez com que ela engolisse um gemido. Kade a manteve cativa enquanto descia a

língua quente pela pele sensível do pescoço e mordida de leve o lóbulo da orelha. — Não quero que você esteja quebrada nem desamparada

— disse ele com voz rouca. O hálito quente soprou em sua orelha, fazendo com que ela estremecesse de desejo. — Só quero que seja minha.

O corpo inteiro de Asha derreteu contra o de Kade porque ela queria ser dele. Ela não tinha defesa alguma em se tratando daquele homem. Ele fazia com que seu corpo sentisse prazeres incríveis que nunca sentira e ela queria mais. Ela encostou a cabeça na parede, dando a ele acesso livre ao que quisesse. — Kade — gemeu ela, sem conseguir pensar, sem conseguir fazer nada além de sentir.

— Isso mesmo, querida. Diga meu nome. Lembre-se de qual é a sensação de se abrir para mim — disse Kade em tom ardente. Ele soltou as mãos para tirar a camiseta dela e abrir sua calça. — Que merda, você não vai me deixar. Nunca. Está tentando me matar, Asha? Porque você vai me matar se for embora. Ficarei tão vazio que não ligarei para mais nada.

Asha gemeu quando Kade tirou a calça *jeans* e a calcinha por suas pernas e rapidamente tirou a própria roupa, libertando o pênis rígido. —

Trepe comigo, Kade. Preciso de você. — Asha precisava senti-lo dentro de si naquele instante.

Só mais uma vez. Eu preciso dele.

Ele colocou a mão entre as pernas dela, abrindo suas dobras com os dedos ásperos, e a carne úmida se abriu com facilidade. — Diga-me que não irá embora — insistiu ele, beliscando o clitóris com força suficiente

para lançar ondas de prazer pelo corpo inteiro. — Diga que precisa de mim tanto quanto preciso de você.

— Não posso. Eu preciso ir embora. Isso é tão bom, mas precisamos ter mais do que só isso. É confuso — disse Asha ofegante, colocando os braços em volta do pescoço de Kade para que ficassem o mais perto possível um do outro. Saber que nunca mais estaria com ele fez com que o desejo fosse

ainda mais urgente. Os mamilos encostaram no peito dele, aumentando a necessidade que sentia.

Kade acariciou a pele sensível com mais força e sem a delicadeza normal. Asha nunca o vira tão primitivo e intenso. Normalmente, ele fazia as coisas com calma, abanando as chamas da paixão até que ela perdesse o controle. Mas, agora, ela já não raciocinava e agia por puro instinto, reagindo à necessidade de Kade. Desesperada, ela passou as pernas em volta da cintura dele, mas isso só fez com que ele a torturasse mais facilmente. Ela estava aberta para ele, que tirou vantagem da situação, penetrando-a com os dedos enquanto acariciava o clitóris.

— Diga — insistiu ele.

A força que ele usava lançava o desejo dela a novas alturas. Kade sempre fora muito masculino, mas agora era como um macho alfa completamente descontrolado. Ele nunca a machucaria, mas aquilo era algo carnal e erótico, uma nova dimensão do ato sexual que a deixou querendo ainda mais.

— Não — gritou ela, desafiando-o deliberadamente, apesar de saber que ainda não poderia dizer que ficaria com ele.

— Aqui vai um aviso, querida. Às vezes, gosto de ser bruto e você está me provocando. — A voz dele tinha um tom gutural de advertência.

— Ótimo — respondeu ela, enterrando as unhas nas costas dele e flexionando os quadris contra a mão entre as pernas. — Não tenho medo de você. Pode ser bruto. Quero que seja.

— Diga que ficará comigo. — Ele beliscou o clitóris, variando a pressão.
— Você foi minha desde o minuto em que a vi pela primeira vez.

Torne isso oficial. Diga que precisa de mim tanto quanto preciso de você.

— Ai, meu Deus — gemeu Asha, encostando a boca no ombro de Kade e mordendo a pele, tentando incentivá-lo a fazê-la gozar. — Sim —

sussurrou ela de forma agonizante. Era um murmúrio de prazer e não uma resposta afirmativa à exigência de Kade.

— Serve — respondeu Kade abruptamente, dando a ela o prazer que queria, as carícias brutas que a levaram ao clímax.

Ele tomou a boca de Asha na sua quando ela gozou, devorando seus gritos de êxtase, conquistando-a enquanto estremecia nos braços dele.

Kade colocou as mãos sobre o traseiro dela, posicionando-a para penetrá-la profundamente. Afastando os lábios, ele comandou: — Segure-se em mim, Asha.

Ela estava contra a parede e ele a penetrou repetidamente com investidas rápidas. Asha se agarrou nos cabelos dele, sentindo as ondas de prazer que lhe invadiam o corpo, mal conseguindo respirar. Era um ato sexual primitivo, uma união feroz dos dois corpos que a deixou trêmula com uma necessidade desesperada. — Sim, sim, sim — disse ela com cada investida do pênis rígido, sentindo-se totalmente possuída. Era o que queria, era daquilo que precisava. Estranhamente, com aquela posse selvagem, ele a libertava. O desejo intenso que ele sentia por ela fazia com que se sentisse querida, necessária, um afrodisíaco muito potente.

Kade a penetrou com força, gemendo enquanto Asha se contraía em volta dele. De forma implacável, ele continuava investindo, levando o prazer a um crescente violento.

— Puta merda! — Kade recuou, deixando-se cair na cama com Asha sobre ele. Eles recuperaram o fôlego em silêncio. Por vários minutos, apenas o som da respiração ofegante dos dois encheu o quarto. Ele ergueu a cabeça e encarou-a nos olhos. — Diga-me que não pertencemos um ao outro. Quero ouvi-la dizer isso, se é no que acredita.

Asha quase se afogou nos olhos azuis, sem conseguir mentir. — Não posso dizer isso. — Sinceramente, ela não sabia se pertencia ou não a Kade, mas estava insegura sobre os sentimentos dele e confusa sobre os próprios sentimentos. Era o sexo incrível que fazia com que acreditasse que realmente o amava? E talvez o sexo o levasse a acreditar que precisava

dela. Seria somente um amor louco que nascera do desejo? Ela nunca conhecera o amor e, se o amor que sentia por Kade era real, não era correspondido. Ela estaria destinada a ser destruída quando o brilho do sexo intenso desaparecesse.

— Então como pode sequer pensar em me deixar? — perguntou Kade em tom gutural.

Afastando-se de Kade, Asha deitou ao lado dele. — Você nunca me pediu para ficar — murmurou ela baixinho. *E nunca disse por quanto tempo queria que eu ficasse nem que me amava.*

Kade chutou a calça para fora dos pés, prendendo Asha sob ele. —

Então estou pedindo, neste momento. Fique agora porque quer, não porque tem que ficar. Eu sei que você tem dinheiro para ir embora, mas fique mesmo assim porque é o que quer.

Asha olhou para o rosto bonito acima do seu. Ele parecia um pouco selvagem, mas também vulnerável. Asha sentiu o coração apertado ao perceber que ele achava que ela o deixaria agora porque tinha dinheiro. Ele achava mesmo que aquele era o único motivo pelo qual ficara com ele, que somente o usara?

— Mas que merda, Asha! Será que ainda não percebeu que é mais do que apenas uma hóspede? — resmungou Kade.

— Então o que eu sou? — perguntou ela curiosa, estudando o rosto dele atentamente.

Sua amiga?

Sua amante?

Namorada? Asha sabia que era um exagero, mas Kade não era uma pessoa que falava muito sobre o futuro nem sobre as emoções.

— Você é a minha sanidade — disse Kade. — Você é o motivo pelo qual eu parei de usar os remédios para dor como fuga.

Asha soltou a respiração devagar, olhando para Kade surpresa. — Achei que tivesse parado antes de me conhecer.

— Parei. Assim que comecei a procurar você. Não podia deixar que meus sentidos ficassem prejudicados. Eu precisava estar com o pé no chão.

Você era inteligente. Você me desafiou, apesar de eu não saber na época que estava fugindo porque estava com medo.

— Mas o desafio acabou — respondeu Asha confusa.

— Claro que não — disse Kade em tom seco. — Você me desafia todos os dias. Observar a mulher que você é, toda a energia e alegria que coloca em cada projeto que faz e que dá a cada pessoa que conhece, faz com que eu queira ser um homem melhor.

Colocando a palma da mão no rosto dele e acariciando o maxilar com a barba por fazer, ela disse em tom firme: — Você já é bom. — Kade começava a encontrar um propósito na vida sem ela e estava errado ao

achar que Asha tinha alguma coisa a ver com a decência inerente dele. Era apenas... ele. E ela não tinha dúvidas de que tivera muito pouca relação com a volta de Kade à realidade. Ele era forte, teimoso e determinado. Talvez tivesse usado remédios como uma fuga temporária, mas teria se libertado deles no momento certo.

— Acho que acabamos de encontrar outra coisa em que sou bom na vertical — disse Kade em tom rouco e com um sorriso malicioso. —

Machuquei você? — perguntou ele ansioso.

Kade estava tendo alguns problemas emocionais no momento, mas Asha não conseguiu evitar um sorriso. — Não. Foi incrível.

— Então, você gosta das coisas um pouco safadas de vez em quando.

Quem diria? — comentou Kade, fingindo estar chocado. Rolando o corpo para ficar deitado de costas, ele a deixou novamente por cima, segurando-lhe as nádegas para que não caísse.

Asha suspirou. A sensação de pele contra pele fez com que tivesse vontade de ronronar como uma gata feliz. — Um pouco? — questionou ela.

— Querida, há muito mais do que o que acabamos de fazer — respondeu Kade sério.

— É mesmo? — A voz de Asha tinha um toque de empolgação. —

Talvez seja melhor eu conseguir alguns livros ou DVDs de instruções. Acho que perdi boa parte da minha educação sexual. Nunca nem vi o Kama Sutra

— brincou ela.

Kade apertou suas nádegas, puxando-a completamente sobre o próprio corpo. — Não é preciso. Eu li. E terei o maior prazer em corromper e instruir você, srta. Paritala. Você tem sido boazinha demais.

No mesmo tom divertido, ela respondeu: — Tenho que ser boazinha, senão o Papai Noel me trará um pedaço de carvão de presente.

— Ele já fez isso antes? — perguntou Kade pensativo.

— Nunca ganhei nada de Natal — respondeu Asha com sinceridade. —

Na verdade, nunca celebrei o Natal. E essa foi a primeira vez que comemorei o dia de Ação de Graças. Só reconhecíamos os feriados indianos e eu não participava das festas da minha família temporária.

— Não, é claro que não — resmungou Kade furioso. — Você era uma empregada para eles.

Asha não podia negar aquilo. Só estava grata pela liberdade. Sua vida estava mudando e era o suficiente. — Vou começar do zero este ano.

Montarei uma árvore de Natal e pendurarei uma meia na lareira. — O Natal podia ser uma festa religiosa e ela não tinha certeza ainda que religião gostaria de seguir, mas poderia celebrar só pela alegria.

Kade se sentou abruptamente e puxou-a para o colo. — Serei o seu Papai Noel. Sente-se no meu colo nua assim e diga ao Papai Kade tudo o que quer. Garanto que ganhará tudo o que pedir e um pouco mais.

Asha riu, contente com a súbita mudança no humor dele. — Eu gostaria que me ensinasse os pontos mais detalhados de ser safada.

Os olhos de Kade estavam em chamas quando ele olhou para ela. — O

Papai Kade recompensa a safadeza — disse ele com voz rouca. — Pode se comportar mal.

Asha o encarou. — Não é assim que funciona. Posso não ter comemorado o Natal antes, mas eu moro nos Estados Unidos. — Kade era adorável quando ficava brincalhão e Asha não conseguiu resistir à tentação de implicar com ele. Não teria muito mais tempo com ele e queria se lembrar daquele dia com carinho. Podia pelo menos dar aquilo a si mesma.

Sabia que precisava ir embora por causa de Kade e de si mesma. Os dois precisavam de tempo e distância para entender o que sentiam. E ela precisava se tornar uma pessoa completa.

— Minhas regras. Meu Natal. — Ele abriu um sorriso malicioso.

— Está bem, Papai Kade. Vamos começar a acumular alguns pontos de recompensa — retrucou ela em um sussurro sensual.

Kade rosnou ao cair de costas na cama e rolar o corpo para que ela ficasse por baixo. — Não é legal ficar provocando — avisou ele com voz grave.

Asha sentiu o corpo quente quando Kade a segurou indefesa sobre a cama, parecendo que queria devorá-la inteira. — Não estou provocando.

Quero que me ensine — respondeu ela, com o corpo ansiando pelo dele.

Quero viver tudo isso hoje... com você.

— Talvez demore um pouco — avisou ele, abaixando a cabeça para beijá-la. — Você ainda é muito inocente.

O beijo de Kade a deixou sem fôlego, mas Asha não reclamou.

Descobrir exatamente o quanto Kade podia ser safado valeu cada respiração ofegante que saiu de sua boca enquanto Kade a levava ao paraíso.



Capítulo 11



Asha partiu no dia seguinte. Enquanto Kade estava no trabalho, ela reuniu o restante de suas coisas e saiu pela porta. Foi uma das coisas mais difíceis que já fizera, mas ela se forçou a sair com a pequena mala, passar pela segurança de Kade e entrar no táxi que a aguardava. As lágrimas desceram pelo seu rosto quando o táxi se afastou, mas ela sabia que estava fazendo a coisa certa. As emoções estavam à flor da pele e a confusão era enorme.

O sexo entre eles era incrível e ela estava grata a Kade, mas não sabia se o que sentiam era amor ou apenas desejo. Os dois estavam em posições vulneráveis e o desejo mútuo não seria suficiente para nenhum deles.

Asha já alugara um apartamento minúsculo no outro lado da cidade.

Apesar de ter dinheiro, queria ser cuidadosa. Ainda precisava comprar um carro e mobílias para o apartamento e tinha que ter cuidado com o dinheiro.

Depois de algum tempo, ela entraria em contato com Maddie e Max. Mas não ainda, não enquanto as emoções ainda estavam tão frágeis e não antes de aprender a sobreviver sozinha.

Isso deixará Kade magoado.

As lágrimas escorreram mais depressa e ela as limpou com dedos impacientes. Uma mágoa curta e temporária era melhor do que machucá-lo mais no futuro.

Ainda tenho problemas.

Estou confusa.

Não estou pronta e não mereço um homem como Kade.

Ah, mas ela queria estar e queria que isso acontecesse imediatamente. A última coisa que queria era deixá-lo, mas se importava demais com ele para que deixasse que ficasse preso a uma mulher pela metade... uma mulher que não sabia quem era nem o que queria.

Vou começar essa jornada de descoberta hoje mesmo!

E havia uma coisa que Asha queria e que nunca tivera.

Depois de pedir que o motorista do táxi desse uma parada rápida, ela saltou do táxi e entrou em uma joalheria. O preço do ouro era alto, mas ela comprou o conjunto de pulseiras mesmo assim, abrindo um pequeno buraco em suas economias.

Voltando ao táxi, ela mexeu as pulseiras, adorando o som dos círculos finos. Mulheres indianas adoravam aquelas pulseiras e ela não era diferente.

Quando era mais jovem, quisera muito um par de pulseiras, mesmo que baratas, mas nunca as tivera. Os pais temporários mal a alimentavam e o ex-marido nunca achara que ela merecera tê-las porque não conseguia engravidar e, por isso, não era uma mulher de verdade.

A dra. Miller e Devi tinham recomendado que ela adotasse as coisas de que gostava e que queria da herança indiana e que se livrasse das coisas ruins. Afinal, ela era norte-americana. E uma coisa que sempre quisera foram as pulseiras. Talvez isso estivesse embutido em seu DNA, mas sempre as quisera. Fora-lhe negado o direito de usá-las, apesar de ter sido criada como indiana. Agora, ela podia decidir o que queria para si mesma.

Aquela ideia a deixou tranquila e aterrorizada. Ela passara de uma família temporária exigente e controladora para um marido abusivo. E, mesmo nos dois anos anteriores, as decisões eram apenas para sobreviver.

Quem sou eu?

O que eu quero?

Seus pensamentos foram interrompidos quando o táxi chegou ao prédio do apartamento. Depois de pagar rapidamente o motorista, ela saiu do táxi e andou em direção ao prédio, sentindo-se nervosa e apreensiva, mas mais forte do que nunca.

Eu queria poder dizer a Kade como me sinto.

Repreendendo-se pelo pensamento, ela percebeu que levaria muito tempo para que deixasse de sentir falta de Kade. Além de ser um amante incrível, ele se tornara seu primeiro amigo de verdade, o único homem que a tratara com respeito e gentileza. Ele era especial e, bem no fundo, Asha



sabia disso. Mas ele era mais do que um amigo. E ficar na vida dele teria tornado tudo mais confuso. Talvez o fato de sair da casa dele fora parcialmente para proteger a si mesma. Ela acreditava que Kade merecia mais do que uma mulher confusa e cheia de problemas, mas ela estava lutando contra emoções com as quais não podia lidar no momento. Kade era demais e ela não era forte o suficiente ainda para lidar com aqueles sentimentos intensos.

Entrando no apartamento, ela fechou a porta e trancou-a atrás de si.

— Lar, doce lar — disse ela para si mesma, olhando em volta para o apartamento com pouca mobília. Ela tinha um sofá e uma cama, além de alguns outros itens básicos, mas precisava comprar o restante do que precisaria. Ela alugara o apartamento alguns dias antes e a família de Devi a ajudara a levar para lá as poucas coisas que comprara. Agora, estava na hora de criar um lar para si mesma.

Ela apoiou a mala no sofá e observou as paredes brancas nuas. Uma das primeiras coisas de que precisava era pintar. Ela era indiana e precisava de

cores. Cobriria as decorações antes de sair do apartamento algum dia para não irritar o proprietário, mas as paredes eram deprimentes.

Tenho trabalhos que começam depois de amanhã. Hora de botar a mão na massa.

Ela levou a mala para o quarto. Ao abri-la, viu bem em cima o computador que Kade lhe dera. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela sentiu ondas imensas de solidão que ameaçavam esmagá-la.

Faça isso por ele. Não deixe que a bondade dele tenha sido em vão.

Sucesso! Sucesso! Sucesso!

Naquele momento, Asha encontrou um novo mantra que estava determinada a manter.

— Você fez um trabalho incrível com Holderman — comentou Travis casualmente ao se sentar na cadeira em frente à mesa de Kade no escritório da Harrison. — Muito melhor do que eu teria conseguido.

Kade deu de ombros. — Ele é um idiota, mas queríamos a aquisição.

— Não sei se eu teria continuado. A empresa teria perdido dinheiro porque eu não tenho paciência para lidar com ele — retrucou Travis, endireitando a gravata. Obviamente, ele queria dizer alguma coisa, mas parecia relutante ou incapaz de abrir a boca.

— Então você precisava de mim — disse Kade, brincando. Em tom mais sério, acrescentou: — Não foi nada demais. Tive que lidar com muitos idiotas na vida. Aprendi a não deixar que me atinjam. Vencer o jogo é mais importante.

— Fico feliz por estar aqui, Kade. Só queria que soubesse disso —

resmungou Travis, parecendo um pouco desconfortável. — Você tem pontos fortes que eu não tenho. Nós nos complementamos.

Kade olhou surpreso para o irmão gêmeo. — Quem é você e o que fez com o meu irmão? — O comentário era tão incomum vindo de Travis que Kade ficou em dúvida se tinha ouvido direito. O irmão gêmeo nunca admitia ter pontos fracos.

— Só estou declarando um fato. A Harrison está melhor com a sua presença aqui. — Travis mudou de posição na cadeira, endireitando a gravata já perfeita. — Só queria que você repensasse as camisas e as gravatas.

Kade deu uma risada. Aquele comentário era típico de Travis, mas ele ficou emocionado ao saber que o irmão o queria lá. — Achei que você tinha tudo sob controle. Nunca achei que precisasse de mim.

— Não preciso — retrucou Travis na defensiva. — Se quer fazer outra coisa na vida, pode deixar a Harrison comigo.

Kade estudou Travis, tentando entendê-lo, mas isso era quase impossível. Por sorte, eles eram gêmeos e Kade sentia certas coisas sobre o irmão. No momento, Travis estava tentando libertá-lo para fazer o que quisesse, pois o irmão mais velho sempre assumira todas as responsabilidades na Harrison, deixando que os outros irmãos perseguissem seus sonhos. Kade nunca pensara nos sacrifícios que Travis fizera pela família, mas perguntou: — Você gosta de estar aqui? Gosta de administrar a Harrison? Se tivesse continuado, teria sido um excelente piloto de corrida.

Mas não podia fazer isso, não é? Só sobrou você para cuidar da empresa. —

As entranhas de Kade se contorceram de culpa. — Você foi o único que nunca foi livre para fazer o que queria. Ficou preso aqui porque Mia se envolveu com a arte e eu estava jogando futebol. — Kade nunca pensara na

injustiça daquilo até aquele momento. Sempre presumira que Travis estava exatamente onde queria.

— Foi justo — disse Travis. — Eu não fui reprimido. Fiz exatamente o que eu queria. Gosto de correr, mas é um *hobby*. Nunca senti a vontade de fazer isso profissionalmente. Eu queria estar aqui. Portanto, não tente fazer com que eu pareça um herói. Adoro esta empresa e a forma como ela me desafia.

Você gosta da forma como ela ocupa todo o seu tempo, como o ajuda a esquecer. Kade sabia que Travis se enterrara no trabalho. Mas estava aliviado por não ter tido um desejo ardente de fazer alguma outra coisa. —

Eu quero estar aqui, Travis. Só achei que não precisava de mim porque cuidava de tudo, porque estava tudo certo.

— E está — respondeu Travis em tom arrogante. — Mas não me importaria em ter sua ajuda.

Kade reprimiu uma risada, sabendo que ele não conseguiria nada além daquela admissão de Travis. Mas era o suficiente para ele. Kade realmente se sentia necessário ali. Lentamente, as obrigações que atingiam os pontos fracos de Travis eram passadas para ele, que descobriu que conseguia ser muito bom em coisas que o irmão não era. Os funcionários começavam a procurá-lo em busca de orientação naquelas áreas e ele passara a se sentir como o capitão do próprio time de futebol. — Estou aqui e não vou a lugar algum.

— Ótimo — respondeu Travis em tom frio, levantando-se e alisando rugas imaginárias na roupa.

— Mas não vou mudar a forma como me visto, a não ser que seja para uma função necessária que exija que eu seja entediante — avisou Kade, tentando conter uma risada.

— Concordo — disse Travis relutante. Parando com a mão na maçaneta e de costas para Kade, ele fez uma pausa. — Sabe, algumas vezes, eu morro de medo, mas estou começando a gostar de ver suas camisas com coelhos fofinhos e gravatas com bananas dançantes todos os dias.

— Ora, ora — disse Kade baixinho. — Acho que ele sentiu a minha falta. — O comentário do irmão fora o mais próximo que ele ouvira de uma confissão de que Travis queria se aproximar mais de Kade, vê-lo com mais frequência.

Travis se moveu para sair, mas virou-se novamente. — Por falar nisso, descobrimos algumas práticas comerciais não muito legais do ex-marido de

Asha. Ele emprega estudantes indianos ilegalmente e faz com que trabalhem como cães. Paga quase nada a eles, que estão tão desesperados que aceitam. Como não deveriam trabalhar aqui com um visto de estudante, eles ficam de boca fechada. Dizem que as mulheres são os piores casos, mas não podem denunciá-lo quando ele as trata mal ou as ataca porque têm medo de ficarem encrencadas por trabalharem ilegalmente.

— Filho da puta — disse Kade com desgosto.

— Ele terá o que merece, Kade. Seja paciente. Isso ajudará mais pessoas do que apenas Asha — disse Travis com cautela, observando Kade intensamente.

Kade balançou a cabeça, tentando reprimir a raiva que sentia sempre que imaginava alguém machucando Asha. Mas agora que sabia que o idiota estava ferindo outras pessoas, sabia que precisava achar uma forma de se controlar. Afinal de contas, Asha estava segura. — Eu esperarei —

respondeu ele com voz dura.

O telefone de Travis começou a tocar uma música alta. Ele tirou o telefone do bolso, encarando-o como se fosse seu pior inimigo. — Mas que merda! Como ela conseguiu o número do meu telefone dessa vez?

— A srta. Caldwell? — perguntou Kade, sorrindo para Travis.

— Ela é um saco. Desta vez, será demitida. — Travis saiu do escritório, batendo a porta atrás de si.

Kade riu, olhando para a porta fechada, nem um pouco receoso por Ally.

Travis ameaçava demiti-la pelo menos uma vez por dia e ela ainda estava lá. O irmão podia bufar e ficar furioso o quanto quisesse... nunca se livraria de Ally. Precisava demais dela. Sinceramente, Kade não sabia o que Travis faria sem ela. Podia deixá-lo extremamente irritado, mas ela o mantinha equilibrado.

Olhando para o relógio, ele decidiu que estava na hora de ir para casa.

Ao sair do escritório, ele sorriu para a secretária, Karen, que sorriu de volta. Os dois ouviram a troca acirrada de palavras entre Ally e Travis no outro escritório. Kade duvidava que alguém levasse aquilo a sério, pois acontecia diariamente.

— Tenha uma boa noite, sr. Harrison — disse Karen.

— Você também — disse ele com um aceno.

Todas as noites eram boas, agora que ele tinha Asha. Não esperava que aquela fosse diferente.

Ele dirigiu para casa mais depressa do que deveria, ansioso para chegar e ver o rosto sorridente de Asha, perguntando-se como se tornara tão dependente dela em tão pouco tempo. Mas isso acontecera e tê-la em sua vida mudara a forma como olhava para tudo. O futuro não era mais vazio e ele seguira a vida. Finalmente, começava a pensar cada vez menos na carreira de jogador de futebol que perdera e mais sobre o que o futuro lhe reservava. Ele estacionou na frente da casa com um sorriso no rosto.

Kade foi invadido pela sensação de vazio no momento em que entrou em casa.

Asha não está aqui.

Era estranho, mas ele sempre conseguia sentir a presença dela. Havia uma sensação de leveza e alegria na casa sempre que Asha estava presente.

Quando não estava, o lugar ficava vazio e opressivamente solitário.

— Asha? — Ele chamou o nome dela ansioso ao verificar a cozinha, encontrando-a vazia. Em seguida, subiu a escada correndo, tirando o casaco no caminho.

Ele notou imediatamente dois desenhos grandes sobre a cama e chegou mais perto para estudá-los.

Ele reconheceu o primeiro desenho. Era o autorretrato que vira quando pegara as coisas de Asha pela primeira vez, o desenho do desejo dela por

um homem e o rosto masculino nas sombras. Olhando para o outro, ele se reconheceu imediatamente e identificou Asha como a mulher com a cabeça deitada em seu ombro. Uma mulher que parecia incrivelmente feliz e satisfeita.

Dois desenhos.

Os dois da mesma pessoa.

Mas as emoções eram completamente diferentes.

Segurando-os, Kade os estudou lado a lado. Ele entendeu a mensagem dela imediatamente. Teria que ser um completo idiota para não compreender que ela lhe dizia que ele satisfazia suas necessidades. Ele recolocou os desenhos sobre a cama, sentindo o coração bater mais forte e incrivelmente feliz por Asha lhe dizer que a fazia feliz. Porque, na verdade, era tudo o que ele queria.

Havia um bilhete ao lado dos desenhos, que ele pegou e abriu. O bilhete tinha apenas um parágrafo:

Querido Kade,

Eu queria dizer adeus pessoalmente, mas acho que sou muito covarde.

Talvez seja uma das muitas coisas que preciso trabalhar em mim mesma.

Não podia partir sem agradecer por tudo o que fez por mim. Você salvou a minha vida, mas não posso ficar. Não sou forte o suficiente para isso no momento e estou confusa. Preciso de tempo e espaço para trabalhar nos meus problemas. Você não merece uma mulher tão cheia de problemas como eu sou no momento. Por favor, perdoe-me por não lhe dizer isso pessoalmente, mas acho que é melhor assim. Telefonei para o hospital em Nashville para saber o valor total da conta. Meu trabalho não cobre este valor e deixei um cheque do restante sobre sua cômoda. Você nunca saberá o quanto adorei nosso tempo juntos. E eu nunca me esquecerei de tudo o que fez por mim.

Seja feliz,

Asha

Kade andou até a cômoda em uma névoa, incapaz de processar o que Asha escrevera. Ele pegou o cheque, notando de forma ausente que ela precisava cobrar mais pelo seu trabalho. Era quase o valor total da conta do hospital. Ao lado do cheque, estava o telefone que ele lhe dera e o motivo por tê-lo deixado lá era óbvio.

Ela quer ter certeza de que não possa encontrá-la.

— Ela não pode ter ido embora de verdade — garantiu ele para si mesmo em um tom incrédulo.

Ele foi até o quarto no outro lado do corredor, encontrando as roupas que Maddie e Mia tinham comprado para ela. O quarto parecia o mesmo, mas a sensação era diferente. O computador que ele lhe dera de presente não estava sobre a mesa. As gavetas da cômoda onde ela guardava as roupas que usava estavam vazias e a mala desaparecera.

— Não — negou ele enfaticamente, balançando a cabeça ao lançar um olhar vazio para a gaveta que acabara de abrir. — Ela não iria me deixar.

Ela disse que não faria isso.

No final, a realidade caiu sobre ele, deixando-o imóvel no meio do quarto com o corpo inteiro trêmulo.

A incredulidade se transformou em frustração e desapontamento... e, finalmente, desolação. — Por quê? Por que ela iria embora? — perguntou ele, já sabendo a resposta. Ela simplesmente não queria ficar com ele.

Ele bateu com o punho na cômoda com força suficiente para deixar uma marca. — Mas que merda! Achei mesmo que ela seria feliz comigo? —

gritou ele, com o desespero devorando a alma. — Sou um imbecil sem nada a oferecer além de dinheiro e ela não precisa mais de dinheiro. —

Completamente destruído, ele deu um chute na cômoda com a perna ferida.

A dor foi intensa, mas a agonia de perder Asha era ainda mais aguda, uma dor ardente no peito que ameaçava consumi-lo.

Mancando até a cama, ele se sentou, olhando para o desenho que Asha pintara na parede. Era uma praia, com as ondas batendo na praia e um céu que parecia se estender até o infinito. Naquele momento, Kade desejou entrar no desenho, deixar que ele o devorasse.

Você não pode deixar que isso o destrua.

Ele procurou dentro de si mesmo uma última reserva de força ou resistência, mas não encontrou. Não havia mais nada.

Kade dormiu na cama de Asha naquela noite, com o perfume leve de jasmim torturando-o até que desaparecesse, levando consigo o último vestígio de felicidade.



Capítulo 12



As primeiras seis semanas de liberdade total de Asha acabaram sendo os momentos mais difíceis de sua vida. Não falar com Kade, não ver o rosto bonito todos os dias era uma agonia. O desejo de telefonar para ele era quase irresistível. Ela pegava o telefone novo várias vezes por dia, mas jogava-o de volta dentro da bolsa com um suspiro. Aquela ligação fora quebrada e a probabilidade era de que não receberia uma reação positiva dele. Ela derrubara aquela ponte em um esforço de dar a Kade a chance de procurar uma parceira melhor e precisava ficar fora da vida dele.

Finalmente, ela admitiu para si mesma que não estivera realmente confusa sobre o que sentia por ele. Ela o amava. Provavelmente sempre o amaria. A

maioria dos medos surgira da incerteza de como ele se sentia a seu respeito e da certeza de que ele merecia uma mulher muito melhor.

O Natal chegou e passou e ela teve que montar uma árvore, mas decidiu não pendurar a meia. Ela terminaria tão vazia quanto a vida dela na manhã de Natal.

Ela continuou a terapia com a dra. Miller, tentando se libertar das correntes invisíveis que a deixaram imobilizada durante a vida inteira.

Trabalhava praticamente todos os dias e comprou um carro compacto usado. Dirigir era um desafio. Apesar de ter carteira de habilitação, ela dirigira muito pouco. Ela xingava os outros motoristas com frequência, mas receava que, na realidade, não dirigia tão bem assim.

No entanto, a cada dia ela ficava mais confiante em tudo de novo que fazia e começou a perder o medo de viver. Algumas vezes, tentar se livrar

da culpa e da vergonha que a assolavam parecia uma batalha inútil, mas ela continuava dando pequenos passos à frente. Em algum momento, chegaria lá.

— Tenho uma confissão a fazer — disse Tate Colter, seu vizinho, ao servir outra xícara de café.

A voz dele interrompeu seus devaneios. Tate fora um raio de luz para Asha. Ela o conhecera uma semana depois de se mudar para o apartamento.

Ele morava do outro lado do corredor e, no dia em que se mudara, os dois literalmente tropeçaram um no outro. Ela entrava no elevador enquanto Tate saía. Ele usava muletas por causa da perna quebrada, mas ela não vira, pois estava com pressa. Ela literalmente o jogara no chão, deixando o pobre rapaz caído no elevador. Mortificada, ela o ajudara a se levantar e seguiu-o até o apartamento, querendo garantir que não machucara a perna dele. Tate assegurara que estava bem. Depois, ele se convidara para tomar um café no apartamento dela.

— Não sou *gay* de verdade — admitiu ele com um pouco de culpa na voz.

Asha sorriu ao tomar um gole do café na cozinha de Tate. Quando ela hesitara no primeiro dia em convidá-lo, ele garantira que não era uma ameaça, pois não estava interessado em mulheres, exceto como amigas. —

É mesmo? — perguntou ela em tom pseudo inocente, pois já imaginara a verdade algum tempo antes.

— Você parecia nervosa e eu não quis assustá-la. Então, foi a melhor coisa em que consegui pensar naquele momento — disse Tate com remorso.

— Você me perdoa?

Asha olhou para ele e para o sorriso quase irresistível em seu rosto. Tate era incrivelmente atraente. Com os olhos cinzentos, os cabelos loiros curtos e uma pequena covinha no lado da boca sorridente, Asha tinha certeza de que não havia uma mulher no mundo que não se derreteria ao olhar para ele. Ela suspirou, desejando conseguir sentir um pouco de atração por Tate, o que não acontecia. Ela adorava a companhia dele, mas estava começando a achar que ninguém que não fosse Kade serviria. — Eu já perdoei.

Semanas atrás.

— Você sabia? O que me denunciou? — perguntou Tate curioso.

— Hmm... acho que a primeira dica foi a morena atraente que entra e sai do seu apartamento. Ela sempre tem uma expressão adoradora no rosto

sempre que a vejo chegando no seu apartamento ou indo embora.

Tate deu de ombros. — Não é nada sério.

Asha lhe lançou um olhar recriminador. — Acho que ela pensa que é.

— Não, ela sabe como é — respondeu ele em tom um pouco frio. — Ela também não quer nada sério. Ela se divorciou recentemente e só está procurando algo casual.

Asha discordava, mas não era de sua conta e resolveu não comentar. —

Preciso voltar ao trabalho. — Tate era seu cliente mais recente e ela precisava terminar a parede do apartamento dele. — Você sabe que terá que repintar o apartamento quando se mudar, não é?

— Sim. Mas vale o esforço para ver o seu trabalho incrível todos os dias.

Já parece incrível. Está ficando tarde. Você pode trabalhar nele amanhã.

Parece cansada.

Asha estava cansada e não faltava muito para terminar o projeto de Tate.

Ela estava trabalhando em uma cena com um caminhão antigo do corpo de bombeiros que estava ficando muito bonita. Tate lhe dera as fotos e ela criava a cena com a ajuda delas. Ele lhe dissera que colecionava coisas antigas e tinha uma fascinação por caminhões e equipamentos antigos de bombeiros.

— Está bem — concordou ela, terminando de tomar o café. — Preciso fazer uma coisa amanhã de manhã. Posso vir à tarde para terminar? — Ela se levantou e pegou sua chave, que estava sobre a mesa.

— Sim, sem problemas — concordou ele, seguindo-a até a porta.

— Asha?

— Sim? — Ela se virou para olhar para Tate.

— Desculpe por ter mentido para você. Gosto muito de você e não deveria ter feito isso. Sinto-me culpado, pois você teve bastante trabalho para cuidar de mim enquanto eu estava com o gesso. — Ele se aproximou e deu-lhe um beijo leve na testa em um gesto de desculpas.

Tate parecia tão sincero que Asha sorriu. — Não faço mais nada que eu não queira fazer. Você não deveria ter mentido, mas entendo por que mentiu. Não sei se eu teria ficado sua amiga na época se não tivesse dito que era *gay*.

— Teve um relacionamento ruim? — perguntou ele com preocupação na voz.



— Há alguns anos, sim. Minha confiança nos homens não é muito grande.

— Nem todos os homens são idiotas — respondeu Tate com um sorriso.

— Eu sei. Conheci alguns homens bons depois disso — disse Asha ao abrir a porta.

— Estou incluído nesse grupo? — perguntou Tate esperançoso.

— O tempo dirá — respondeu ela. — Acho que depende se você continuará ou não com aquela morena e se partirá o coração dela.

Asha ouviu um rosnado exagerado de Tate ao fechar a porta e voltar ao próprio apartamento com um sorriso divertido no rosto.

Asha tentou controlar o nervosismo ao parar o carro em frente ao portão da casa de Maddie, pedindo ao guarda que avisasse a irmã que estava lá. Ela quisera visitar Maddie tantas vezes, mas não conseguira se convencer a ir até lá.

O guarda abriu o portão e Maddie a recebeu nos degraus da casa. A irmã mais velha não disse nada quando Asha se aproximou. Maddie simplesmente puxou Asha para seus braços e apertou-a com força, de forma reconfortante. Elas ficaram assim por alguns momentos. Asha retribuiu o abraço, saboreando o conforto dos braços da irmã.

Finalmente, Maddie disse com voz trêmula: — Eu estava com medo de nunca mais ver você de novo.

— Desculpe, Maddie. Eu deveria ter entrado em contato com você. Só que... não pude. — Ouvindo a voz preocupada da irmã, Asha percebeu que deveria pelo menos ter telefonado para ela. Mas não estava acostumada a ter alguém que se preocupasse em saber se estava bem ou não.

— Aconteceu alguma coisa com Kade. — Era uma declaração de Maddie, não uma pergunta.

Asha se afastou lentamente dos braços de Maddie e deixou que a levasse até a cozinha. — Não foi ele. Fui eu. Eu me apaixonei por ele. E tive que ir embora.

Maddie parou ao lado da cafeteira e serviu duas xícaras de café. Em seguida, virou-se para Asha e ergueu a sobrancelha interrogativamente. —

Você teve que deixá-lo porque o ama? — Acenando com a cabeça para as xícaras de café, ela disse: — Desculpe, é descafeinado. Não posso tomar cafeína até que os bebês nasçam.

As mulheres se sentaram, cada uma com uma xícara. Asha colocou açúcar e creme na sua. — Eu bebo muito chá de ervas, portanto, também não tomo muita cafeína.

— Eu tinha tanto medo de que não fosse entrar em contato comigo. Saiu o resultado do exame de DNA. Foi positivo, como eu sabia que seria.

Somos irmãs, Asha. Oficialmente — disse Maddie com voz emocionada.

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dela ao olhar para Asha.

Asha abaixou a cabeça. — Eu sei. Acho que sempre soube. Eu só estava com medo, Maddie. Desculpe. — Ver a irmã chorar quase fez com que ela perdesse o controle. Maddie estava chateada. Por causa dela. Estava mais do que claro que a irmã mais velha se importava com ela, o que fez com que Asha sentisse uma dor no peito. — Eu precisava de algum tempo.

Nunca estive por conta própria, nunca tomei nenhuma decisão. Eu tenho problemas sérios, Maddie. Preciso acertar minha cabeça, aprender a tomar minhas próprias decisões e ser independente. Eu não tinha intenção alguma de magoar você. Não estou acostumada a ter alguém que se importe comigo.

A expressão de Maddie suavizou. — Ai, Asha. É claro que as pessoas se importam. Max e eu amamos você. E você tem amigos. Acho que terá que se acostumar com pessoas que se importam com você. — Ela hesitou e acrescentou: — Kade também ama você. Ele está arrasado desde que você foi embora. Não fala muito no assunto, mas não está bem. Disse a Max que você não quis ficar com ele.

— Ele não está bem? O que há de errado com ele? — perguntou Asha ansiosa, preocupada que houvesse algum problema com Kade. E a suposição de que ela não queria ficar com ele não podia estar mais longe da realidade.

— Max o vê mais do que eu. Disse que Kade anda como se fosse um zumbi, como se não se importasse com nada.

Asha tomou um gole do café, com a mente acelerada. — Ele ainda está trabalhando com Travis na Harrison todos os dias?

Maddie assentiu. — Sim. Mas até mesmo Travis está preocupado com ele. E Travis raramente fala ou mostra que está preocupado, mesmo se estiver.

A aflição de Asha quase fez com que ela se levantasse e corresse até Kade para ver se ele estava bem. Mas Kade desejaria vê-la? Naquele momento, ela não sabia. Ele realmente estava tão arrasado por tê-la perdido? Ela achava que ele se recuperaria bem depressa depois que fosse embora. Ela não se achava nenhum prêmio. Eles tiveram sexo fenomenal e a bondade de Kade fez com que se sentisse protetor em relação a ela. Mas seria possível que tivesse sentido a falta dela tanto quanto ela sentira falta dele? — Qual você acha que é o problema?

— Acho que ele está com o coração partido. Primeiro Amy o deixou, e agora você. A recuperação do acidente foi longa e dolorosa. Acho que ele está no fundo do poço. Não acho que Amy tenha afetado nada, exceto o orgulho dele. Mas ele ficou muito arrasado com a sua partida.

— Não sei o que fazer. — Asha enterrou o rosto nas mãos, sem saber que ação tomar. A última coisa que queria era ver Kade sofrer, mas não sabia se vê-lo melhoraria a situação em algum aspecto.

Maddie estendeu a mão sobre a mesa e apertou a mão de Asha. — Você precisa cuidar de si mesma primeiro, Asha. Tire o tempo que for necessário para se curar. Você sofreu demais. Você disse que o seu casamento foi ruim, mas o seu ex-marido era abusivo, não era?

— Muito — respondeu ela. As comportas se abriram e ela começou a contar a Maddie toda a verdade sobre sua criação e o casamento, sem conseguir parar até terminar a história. Ela não queria mais colocar distância entre si mesma e os irmãos e queria que Maddie soubesse da verdade. Não era um segredo sujo que precisasse esconder. Pela primeira vez, ela começava a perceber que não tivera culpa.

— Ai, meu Deus. Eu sinto tanto — disse Maddie em tom triste depois que Asha contara todas as provações que sofrera durante o casamento.

— Não sinta — respondeu Asha. — Não foi culpa sua. E eu tive sorte de conseguir sair. Acho que é difícil entender como a cultura indiana é tão motivada pela vergonha e pela culpa. Saber quem era meu pai e como ele era, eu queria ter me rebelado e não ter me casado. Queria ter lidado com tudo de forma diferente. Nunca me ocorreu fazer nada diferente até perceber que eu não queria morrer.

— Não é a única cultura em que as mulheres sofrem maus tratos, Asha.

Pode ser muito mais frequente e aceitável na cultura indiana, mas mulheres norte-americanas ficam em relacionamentos abusivos, ficam presas nesse ciclo. Quando você entra nele, é difícil sair. Fico feliz por você estar escapando. Saiba que eu e Max vamos ajudar você. Estamos aqui para dar o apoio de que precisar. Está consultando alguém?

— Sim, uma das colegas de Devi. Mas sei que tenho que me responsabilizar pelas mudanças. A dra. Miller abre meus olhos para a realidade e eu faço o possível para mudar. — Asha fez uma pausa e acrescentou: — Tenho um

apartamento pequeno e meus negócios estão indo muito bem. Eu estou conseguindo, Maddie.

— Mas sente falta de Kade? — perguntou Maddie em tom suave.

— Tanto que chega a doer — admitiu Asha para a irmã. — Estou apaixonada por ele. No começo, eu me perguntei se estava confundindo amor com desejo. O sexo foi incrível. Mas sinto falta de tudo que diz respeito a ele. Acho que percebi que o sexo foi incrível porque eu o amo.

— E porque ele o ama? — questionou Maddie.

— Os homens são diferentes — retrucou Asha, pensando nas circunstâncias de Tate com a morena. — Acho que conseguem ter excelente sexo sem deixar que os sentimentos sejam envolvidos.

Maddie riu. — É verdade. Mas não é tão excelente assim.

Asha olhou para Maddie, com o coração espelhado nos olhos. — O que eu deveria fazer?

— Isso é uma decisão sua. Agora é você quem toma suas próprias decisões — disse Maddie ternamente.

— É, acho que sim — respondeu Asha com um sorriso leve. — É difícil me acostumar com isso.

— Você conseguirá se acostumar. Estou tão orgulhosa de você, Asha. É preciso ser uma mulher muito forte para sobreviver ao que sofreu e depois assumir o controle da própria vida. — Maddie olhou para ela com uma expressão amorosa.

O coração de Asha flutuou. Ninguém nunca sentira orgulho dela. —

Obrigada. Ainda sou um trabalho em andamento.

— Todos nós somos. — Maddie tomou um gole do café e colocou a xícara sobre a mesa. — Todos nós temos problemas. Mas admitir que eles existem

e querer mudar as coisas é o maior passo.

— Obrigada pelo apoio — disse Asha com sinceridade. — Fico muito feliz por ter uma mulher tão incrível como irmã.

— Obrigada por deixar que eu a apoie — respondeu Maddie rapidamente.
— Max também lhe dará todo o apoio.

— Obrigada, Maddie. — Asha se levantou e foi até a irmã para abraçá-la, percebendo como ajudara saber que tinha o apoio dela. — Preciso ir embora. Tenho um trabalho hoje à tarde.

Maddie se levantou e passou o braço em volta de Asha. — Estou de folga hoje. Sam está ansioso demais e não gosto de vê-lo estressado. Só estou trabalhando meio expediente até que os bebês nasçam. Talvez possamos passar algum tempo juntas. Por favor, não me exclua. Quero ajudar, mesmo que seja só para escutar.

Asha fez planos de visitar Maddie alguns dias depois, desejando ter ido vê-la antes. A verdade era que fora um ato egoísta de sua parte. Maddie queria apoiar sua independência, mas Asha sabia que seria doloroso toda vez que visse alguém que a lembrasse de Kade.

Comece a perceber que as pessoas se importam e cultive essa afeição.

Em outras palavras, ela precisava se acostumar com aquilo e aceitar como verdade. Agora, havia pessoas que se importavam com ela e precisava cuidar com os sentimentos delas. Antes, as ações dela nunca tinham afetado ninguém. Agora elas afetavam e Asha tinha a capacidade de magoar pessoas que gostavam dela.

Ela saiu da casa de Maddie e pensou naquela verdade quase inacreditável até chegar em casa.



Capítulo 13



Asha visitou Max na manhã seguinte, esperando que ele não estivesse trabalhando, pois era sábado. Ela estacionou o carro na frente da casa dele e aproximou-se hesitante do guarda no portão, tirando a carteira de habilitação da bolsa.

— Pode entrar — disse o segurança quando ela lhe entregou a identificação.
— Fomos instruídos pelo sr. e pela sra. Hamilton a deixá-la entrar imediatamente sempre que visitar. Você é da família. Todos nós reconheceremos seu rosto em algum momento — continuou ele, abrindo um sorriso tímido quando ela passou pelo portão.

Sou da família. Tenho mesmo um irmão e uma irmã.

Asha sorriu de volta para o homem, ainda tentando aceitar o comentário dele. Algum dia ela se acostumaria com o fato de ser parente de Maddie e Max?

— Parece que o pneu do seu carro está quase vazio, srta. Paritala —

gritou o guarda enquanto ela andava até a casa.

Acenando para indicar que o ouvira, ela fez uma anotação mental para perguntar a Max se havia alguém que pudesse ajudá-la a trocar o pneu. Ela sabia que o carro precisava de pneus novos, mas ainda não os comprara. O preço do carro compacto fora adequado, mesmo precisando de pneus novos.

Max morava em frente à praia e ela sentiu as ondas e o cheiro da água salgada invadirem seus sentidos. Ela nunca estivera dentro da casa dele, mas passara pela área antes com Kade, que lhe mostrara onde ficava a casa

de Max. Era difícil acreditar que um membro de sua família morava em uma residência tão opulenta.

Talvez visitar Max e Maddie em um intervalo tão curto fosse uma péssima ideia. Ver como os irmãos eram tão bem-sucedidos em dois dias seguidos era intimidador. Mas ela realmente precisava falar com Max.

Depois de ver como Maddie ficara chateada por não ter entrado em contato com ela, Asha queria encontrar com Max também.

Asha apertou a campainha com um suspiro, tentando separar os pensamentos, tentando pensar em Max como irmão, não como bilionário.

Era estranho, mas ela nunca se sentira intimidada por Kade ser bilionário.

Provavelmente porque eu estava ocupada demais admirando as outras coisas dele!

Kade era um homem incrível e a fortuna dele nunca fora algo com que ela se preocupara. Além do mais, ele a mantivera estonteada de prazer e desejo para pensar em dinheiro ou status.

— Asha — disse Mia com voz surpresa e alegre ao abrir a porta. Uma expressão rápida de preocupação cruzou seu rosto antes de se transformar em um sorriso genuíno. Ela puxou Asha para um abraço entusiasmado, segurando-a firmemente ao dizer: — Estávamos preocupados com você.

Asha retribuiu o abraço, adorando a sensação de conforto. — Desculpe.

Eu consegui um lugar para mim, um apartamento pequeno — disse ela, tentando fazer com que soasse que estava bem.

Mia se afastou e sorriu para ela. — Eu sei. Max acompanha você.

Sabíamos que estava em segurança.

— Vocês sabiam onde eu estava? — perguntou ela, entrando na casa enquanto Mia segurava a porta aberta.

— É claro. Não achou que Max deixaria a irmã desaparecer sem saber onde ela estava morando, achou? Mas fico feliz por ter vindo. Ele estava preocupado com você.

— Como ele descobriu onde eu morava? — O poder e os recursos do irmão eram um pouco assustadores.

Mia ergueu a sobrancelha. — Ele a encontrou quando não sabia nada sobre você. Desta vez, foi mais fácil.

Asha achou que deveria ficar chateada por saber que o irmão a espionara, mas ele estivera cuidando dela, preocupado. E ela não entrara em contato com ele. Não podia recriminá-lo por se importar. — Eu ia entrar em

contato com vocês. Eu queria fazer isso. Só precisava de um pouco de tempo.

— Maddie me telefonou ontem à noite. Eu entendo — disse Mia em tom reconfortante. — Você está bem?

Ela assentiu lentamente. — Sim. Estou bem. Estou muito ocupada com o trabalho e fiz inscrição em algumas aulas de arte.

Asha parou na porta do aposento para onde Mia a levava, ouvindo vozes que soaram familiares. — Vocês têm companhia? — perguntou ela a Mia, preocupada por ter interrompido outra visita.

Ela ouviu a voz furiosa de Max, mas não conseguiu entender o que ele dizia.

— Asha... seus pais temporários estão aqui — respondeu Mia, soando tensa e frustrada.

Fora por isso que o tom das vozes soara familiar. — P-por quê? —

gaguejou ela. — Por que eles viriam aqui?

— Estão procurando você — respondeu Mia em tom seco. — De alguma forma, eles ouviram dizer na Califórnia que você é irmã de Max e Maddie.

Queriam falar com você. Acho que Max está dando uma bela bronca neles neste momento.

O mundo de Asha balançou por um momento até se estabilizar novamente. Por alguns instantes, ela era novamente uma adolescente, com medo de desagradar os pais temporários e de perder o único lar que tinha.

— Meu ex-marido está com eles?

— Não. Se estivesse, certamente não estaria falando. Max já o teria matado — respondeu Mia ferozmente. — Max deixou seus pais temporários entrarem para que pudesse dizer a eles o que achava da forma como a trataram. Eles serão dispensados em breve.

Asha passou os braços em volta do corpo, cambaleando um pouco por causa da aflição. — Não sei o que eles querem de mim — retrucou ela com a voz repleta de vulnerabilidade.

— Nada de bom — respondeu Mia, acenando para que Asha entrasse.

Asha sabia que aquele era um momento crucial, um curto período em que poderia escolher o caminho mais fácil de evitar os pais temporários ou confrontar seus demônios. Ela poderia fugir e esconder-se... ou lidar com eles pessoalmente. Não era mais uma criança. Na verdade, não era algo com que Max tivesse que lidar. E ele não precisava fazer isso.

— Eu falarei com eles — disse ela a Mia, olhando para o rosto preocupado da cunhada com uma expressão determinada. — Não preciso mais ter medo deles nem ser obediente. Quero que eles saiam da sua casa imediatamente e não quero que incomodem você e Max de novo.

Ela se virou e seguiu as vozes, o que não foi difícil, pois Max gritava a plenos pulmões. — Estão falando sério? Não foi Asha quem fez a reclamação, fui eu. Nenhum de vocês é adequado para ser pai nem mãe temporários e nunca mais abrigarão outra criança.

Asha parou na entrada da sala de estar atônita. Max registrara uma reclamação? Em nome dela?

Mia a deteve colocando a mão em seu ombro e sussurrou perto de seu ouvido: — Não foi só você, Asha. Depois que foi embora, eles receberam outra criança com cerca de dez anos. Estão preparando tudo para casá-la com outro parente deles na Índia, por um preço muito alto. E acabaram de se candidatar para mais uma criança. Outra menina. Max bloqueou a inscrição deles com uma reclamação. Talvez isso se torne desagradável.

— Eles fizeram isso de novo? — perguntou Asha incrédula, sentindo a raiva invadi-la, raiva pela garota que estava prestes a se casar com um homem com quem provavelmente não queria se casar. — Precisamos impedir o casamento, a não ser que ela queira.

— Max já impediu. Ela não queria, mas estava na mesma situação em que você esteve na época. Ela quer ir para a faculdade e ser professora. Max já a colocou lá e instalou-a no alojamento. Estamos ajudando a garota, não se preocupe. E Max garantirá que nunca mais recebam outra criança adotiva.

Lágrimas de raiva e alívio encheram os olhos de Asha. — Obrigada —

sussurrou ela. — Vocês não têm ideia de como isso mudará a vida dela. —

Apesar de a adolescente provavelmente ter crescido mergulhada nos mesmos sentimentos de culpa e vergonha que Asha, a vida da garota mudara por causa de Mia e Max.

Mia apertou a mão dela e Asha se virou para enfrentar os pais temporários, que ainda discutiam com Max. Soltando a mão de Mia, ela ergueu o queixo e entrou na sala. A conversa parou enquanto ela se aproximava dos pais. Todos os olhares se voltaram para ela.

— Saiam da casa do meu irmão e nunca mais cheguem perto de ninguém da minha família — disse Asha aos pais temporários de forma

abrupta, com a fúria ainda fervendo dentro de si.

A mãe adotiva deu um passo à frente, com as pulseiras de ouro fazendo barulho. Ela não mudara muito, mas estava diferente para Asha, agora que

ela a via pelos olhos de adulta. Ela olhou para a roupa de seda fina que a mãe usava e para o ouro e as pedras preciosas que adornavam seu corpo.

Por que ela acreditara um dia que os pais temporários tinham problemas financeiros? A mãe temporária usava ouro suficiente para sustentá-la até o fim da vida.

Eu era uma empregada e fui vendida, exatamente como Kade me disse.

Não havia dificuldades financeiras, nenhum motivo para o que fizeram, exceto lucro.

— O quê? Você não fala mais telugu? — recriminou a mãe.

— Sou norte-americana e moro nos Estados Unidos. Eu falo inglês. Meu irmão e a esposa dele falam inglês. Eu não seria grosseira a ponto de falar em um idioma que eles não entendem — respondeu ela furiosa.

— Como ousa? Nós a alimentamos, nós a criamos e você fala desse jeito com a minha esposa? — perguntou o pai furioso.

— Vocês me receberam e depois me venderam. Enquanto isso, fui uma empregada sem pagamento para vocês. Até mesmo as coisas do meu pai foram vendidas por vocês — respondeu Asha, avançando para se aproximar do pai. — Como ousa? — Respirando fundo, ela continuou: — Vocês sabiam que Ravi me batia? Sabiam do que ele fazia comigo?

— Ele estava tentando disciplinar você. E ficou desapontado por você nunca ter lhe dado um filho — respondeu a mãe, como se fosse natural que aquilo acontecesse.

Asha soltou um suspiro longo, recebendo a resposta que esperara, mas que torcera para não receber. Eles sabiam e deixaram que acontecesse. —

Vocês dois são pessoas horríveis. Meu pai trabalhou para proteger os direitos das mulheres e vocês as vendem como se fossem bichos. Não tem nada a ver com cultura, e sim com vocês dois serem indivíduos egoístas e

cruéis. Mas precisam abrir os olhos e ver que as indianas estão cansadas dos maus tratos, cansadas de serem surradas e sujeitadas à vontade dos homens.

Eu não consegui ter um filho, mas isso não significa que eu merecia ser surrada por algo que não era culpa minha.

— Seu pai, seu pai... — O pai temporário levantou a mão e soltou uma exclamação de desgosto. — Ele era um sonhador que morreu pobre por causa dos ideais idiotas que tinha.

— O carma dele era rico — retrucou Asha.

— Você precisa voltar para o seu marido — disse a mãe em tom firme.

— Agora, pode ajudá-lo financeiramente.

— Só porque meus parentes são ricos, acha que parte do dinheiro deles deveria ir para Ravi? — Asha estava furiosa por realmente acreditarem que ela devia alguma coisa a um homem que quase a matara em várias ocasiões.

Provavelmente achavam que os parentes ricos dela deveriam dividir o dinheiro com eles. — Eu pago as minhas dívidas. Não me aproveito dos outros nem vendo pessoas para ganhar dinheiro. E eu preferiria morrer antes de voltar novamente para a prisão de um homem violento.

— Ele é o seu marido — retrucou o pai.

— Ele não é nada meu. Nós nos divorcamos. E, se e quando me casar de novo, será com o homem que eu escolher.

— Vagabunda! — O pai ergueu o braço para bater nela. Asha se moveu rapidamente, abaixando-se e recuando, quando um corpo grande se colocou entre ela e o pai. Uma mão grande desceu rapidamente para segurar o pulso do homem. Asha perdeu o equilíbrio e caiu sentada no carpete.

— Ela está desonrando o marido. É uma vagabunda — disse a mãe.

Max deu um passo à frente e olhou para a mulher com expressão desgostosa. Em seguida, agarrou o pulso dela. — Vocês vão embora. E não diga mais nenhuma palavra. Nunca bati em uma mulher na vida, mas, senhora, você é a primeira que me faz desejar poder fazer isso.

Asha olhou para cima, um pouco tonta, primeiro para Max, que segurava sua mãe temporária. E, em seguida, para o pai, que era segurado por alguém que deixou seu coração acelerado e fez com que prendesse a respiração.

Kade!

Os dois homens estavam virados de lado, mas ela conseguiu ver a fúria no rosto de Kade, as veias pulsando em seu pescoço. A respiração dele estava pesada e o olhar que ele lançava ao pai dela era de pura ira. Ele parecia uma serpente um momento antes de atacar com intenção mortal.

— Nós iremos embora. Você está morta para nós — disse a mãe, fungando.

Para Asha, aquilo não era novidade. Ela sempre estivera morta para eles e, se Ravi a tivesse realmente matado, os dois não o teriam culpado.

Os guardas de Max entraram na sala, tirando a mulher das mãos de Max e levando-a em direção à porta.

— Kade. Não. Nenhum deles vale a pena — disse Asha suavemente, tentando evitar que Kade perdesse o controle. Ela viu a determinação dele, o que a deixou assustada. Não queria que ele se envolvesse em seus problemas.

Asha se levantou rapidamente e colocou a mão no ombro de Kade. —

Por favor — sussurrou ela.

— Ele ia bater em você — retrucou Kade, com a respiração entrando e saindo dos pulmões rapidamente como se ele estivesse prestes a perder o controle.

— Mas não bateu. Você me salvou. Deixe-o ir embora.

O pai temporário dela estava em silêncio, tentando passar por Kade, mas sem conseguir se soltar.

— Está bem. Ele pode ir. Logo depois disto. — Kade recuou o braço musculoso e enterrou o punho no rosto do homem mais velho. A força foi suficiente para deixar o homem de joelhos.

— Você quebrou o meu nariz — choramingou o homem mais velho, colocando a mão sobre o nariz que sangrava.

Os guardas passaram por Kade e levantaram o pai de Asha.

Olhando para ele friamente, Kade disse: — Não espere que eu busque um lenço. Você é um covarde e, se ficássemos sozinhos por cinco minutos, eu quebraria mais do que só o seu nariz. Se algum dia chegar perto dela de novo, terá que lidar comigo.

— Achei que você fosse um herói do futebol — disse o pai dela com desgosto.

— No momento, sou só um homem muito furioso. Tirem-no de perto de mim — disse Kade para os guardas que seguravam o homem.

Max estava com os braços em volta de Mia e a sala ficou vazia, exceto por eles, Kade e Asha.

— Você está bem? — perguntou Kade, subindo e descendo as mãos nos braços dela e estudando seu rosto. — Merda! Eu queria matar aquele imbecil, mas você já testemunhou violência suficiente na vida.

— Eu não vi você chegar — comentou ela baixinho, ainda tentando acalmar a situação.

— Eu entrei alguns minutos antes que aquele idiota erguesse a mão para você.

— Você ainda é rápido — disse Max, olhando para Kade com gratidão.

— Eu não teria conseguido ser rápido o suficiente. — Ele saiu de perto de Mia para abraçar Asha, sussurrando: — Estou muito orgulhoso de você. Sei que não foi fácil enfrentá-los. Você foi incrível.

Estranhamente, não fora tão difícil, mas ela corou com o elogio de Max.

Talvez estivesse desenvolvendo alguma iniciativa ou talvez conseguisse finalmente definir a linha entre o certo e o errado. — Já estava na hora.

Obrigada por ajudar a garota que eles pretendiam casar. Eu gostaria de lhe dar um pouco de dinheiro para ajudá-la.

Max recuou e balançou a cabeça negativamente. — Nem pensar. Ela é uma garota doce e será uma excelente professora. Estou feliz por poder ajudá-la. Já lhe dei tudo de que precisa para os estudos e as despesas. Ela está bem, Asha.

— Então eu quero criar uma organização. Para ajudar a libertar outras mulheres que sofrem maus tratos. Era algo sobre o qual eu queria conversar com você. Você é um excelente investidor. Pode me ajudar a investir o dinheiro que o meu pai me deu para que eu continue o trabalho dele? —

perguntou ela a Max.

— Isso já foi feito. Inclusive, a fundação recebeu o nome do seu pai. —

Foi Kade quem falou desta vez. — E está bem suprida no momento.

— Mas eu quero fazer alguma coisa — objetou Asha. — Quero dar alguma coisa.

— A Harrison fundou a organização, que é financiada por vários bilionários. Mas, se quiser, pode ser voluntária — disse Max.

— Você fez isso? — perguntou Asha a Kade, com o coração batendo forte ao olhar para ele. Kade parecia cansado, com olheiras fundas e linhas de tensão no rosto.

Kade deu de ombros. — Todos nós fizemos. Max, Travis, Sam, Simon e eu somos os principais doadores.

— Isso é incrível. Não sei como agradecer a todos vocês. — Ela olhou de Mia e Max para Kade, com lágrimas de gratidão nos olhos. — Mas e o meu dinheiro? Não vai ajudar?

Max sorriu para ela. — Temos outros doadores na fila. Acho que você precisa investir no seu futuro.

— Eu vou ajudar você — disse Kade.

Max assentiu. — Você é bom. Talvez melhor do que eu — concordou Max um pouco ressentido.

— Quero aprender a fazer isso por minha conta — comentou Asha em tom teimoso.

— Eu ensinarei você — disse Kade. — Vou só aconselhá-la enquanto aprende.

Asha assentiu. — Obrigada.

A tensão entre ela e Kade era quase palpável e, apesar de querer encontrá-lo, era difícil ficar perto dele. — Preciso ir embora. Tenho certeza de que veio visitar Max. — Ela abraçou Mia e deu um beijo no rosto de Max. — Obrigada. Por tudo.

— Somos família. Sei que não está acostumada a ter família, mas acostume-se. Nós nos meteremos na sua vida o tempo inteiro — respondeu Max com a arrogância e a confiança de um homem que planejava ser seu protetor para o resto da vida.

Mia deu uma cotovelada nas costelas de Max. — Mas de uma forma boa

— acrescentou ela.

Asha riu. A alegria de ter pessoas que realmente se importavam com ela era difícil de segurar. — Vou me acostumar — concordou ela. — Ah, eu me

esqueci. Você tem alguém que pode me ajudar a trocar o pneu do meu carro? Acho que está furado. Tenho estepe, mas não sei se tenho as ferramentas para trocá-lo.

— Aquele carro velho na frente da casa com o pneu furado é seu? —
perguntou Kade irritado.

— Sim — admitiu ela.

— Eu ajudarei você. Vamos. — Ele pegou a mão dela abruptamente e saiu da casa, obrigando-a a correr para acompanhá-lo.

Asha suspirou, sabendo que teria o segundo confronto crucial do dia.

Exceto que aquele não iria ferir apenas os seus sentimentos. Iria partir seu coração.



Capítulo 14



Asha parou abruptamente, batendo no corpo enorme de Kade quando eles chegaram do lado de fora. A porta se fechou silenciosamente atrás deles.

Ele parara inesperadamente e prendera-a contra a parede. Ele se aproximou dela, com o peito ofegante, apoiando na parede uma mão de cada lado do corpo dela, deixando-a presa.

— Eu jurei que não faria isto — disse ele com voz rouca e desesperada, com os olhos mergulhados nos dela. A testa dele estava molhada de suor. —

Jurei que não reagiria quando a visse novamente. Por que diabos eu deveria me importar com uma mulher que não dá a mínima para mim? — Uma das

mãos se fechou e bateu contra a madeira em um gesto de frustração.

Asha olhou para ele, com o coração apertado ao ver a exaustão e o tormento no rosto de Kade. — Eu me importo, Kade.

— Mentira. Você foi embora. Nem mesmo disse adeus. Nunca telefonou para me dizer como estava, se estava bem. Eu não era nem mesmo um ponto em seu radar — explodiu ele com ressentimento.

— Não houve um dia, nem mesmo uma hora, em que eu não tenha pensado em você. — *Nem um momento, na verdade.* Kade a assombrava constantemente. — Senti sua falta.

O tempo parou enquanto Kade estudava seu rosto, como se tentasse descobrir exatamente o que ela estava pensando. — Deu para perceber — respondeu ele sarcasticamente. — Você tentou muito manter contato...

— Eu não podia, está bem? — gritou ela. — Tudo em você me deixa confusa. Você entrou na minha vida, extremamente gentil, gostoso e sexy.

— Ela respirou fundo e acenou com a mão na direção dele. — Depois, você me cobriu de cuidados, encheu-me de comida e fez com que eu gozasse até achar que estava perdendo o juízo. — Ela bateu com o dedo no peito dele.

— Você me transformou em nada além de hormônios femininos sempre dispostos a saltar sobre a sua... a sua... testosterona — terminou ela. — Eu não conseguia pensar em nada além de você e ainda não consigo. Então, não diga que não senti a sua falta. Perdi a conta de quantas vezes por hora eu disco metade do seu número e desligo o telefone.

— Talvez devesse ter discado a outra metade também — disse Kade com voz rouca.

Asha revirou os olhos. — Eu não podia. Eu sabia que, se fizesse isso, ia querer encontrar você, mesmo que não quisesse me ver. — Ela empurrou o peito dele, tentando fugir da prisão de seus braços.

— Então me encontre, Asha. Por favor. Porque eu quero ver você —

argumentou Kade em tom persistente, sem deixar que ela escapasse.

— E depois? Acabariamos simplesmente fazendo sexo incrível —

acusou ela ansiosa.

Kade torceu a boca ao olhar para ela. — E por que exatamente isso é uma coisa ruim?

— Porque eu não consigo pensar quando isso acontece. É preciso haver mais do que apenas sexo bom — respondeu ela, ainda tentando desesperadamente fazer com que Kade entendesse.

— Nunca foi só sexo bom — retrucou Kade com raiva. — O sexo é bom porque há mais do que isso entre nós.

Asha estremeceu ao se lembrar de ter relações com o ex-marido e da falta de emoção, da forma como se desprendia do ato. Ela sabia que Kade tinha razão. O problema era que não podia dizer a ele o quanto o amava. E

sua preocupação era com o que ele sentia por ela. — É diferente para você?

Quero dizer... conosco?

— Se está perguntando se alguma vez eu trepei e senti o que sinto com você, a resposta é não — respondeu ele. — Você me abala tanto quanto eu a abalo. A diferença é que não tenho medo disso. Merda, eu quero me sentir assim. É inebriante e empolgante, e faz com que eu me sinta mais vivo do que me senti em um longo tempo... talvez do que nunca me senti. E com certeza não quero fugir disso.

— Então talvez eu seja apenas covarde. — Asha afastou os olhos do rosto dele e baixou a cabeça. — Talvez eu não consiga lidar com isso.

— Mentira. Não foi uma covarde que acabou de mandar os pais temporários para o inferno. É preciso muita coragem para fazer algumas das coisas que você fez. E fica mais corajosa o tempo todo. Na verdade, acho que você está desenvolvendo um temperamento forte. — Kade colocou a

mão sobre o queixo dela, ergueu seu rosto e sorriu. — Você realmente me acusou de tentar controlá-la com o meu corpo *sexy*?

— É verdade — disse ela teimosamente. — Não que você possa controlar, mas é uma distração muito grande.

Kade assentiu. — Ótimo. Quero ser uma distração para você porque me deixa totalmente maluco. — Ele baixou a cabeça e beijou o pescoço dela, acariciando sua orelha com os lábios ao sussurrar: — Só o seu cheiro já me deixa de pau duro. E basta ouvir sua voz ou ver seu rosto para perder o controle. Deixe-me encontrar com você, Asha. Deixe-me mostrar como pode ser bom estarmos juntos. Fugir não resolverá isso para nenhum de nós.

Não vai desaparecer.

Asha estremeceu ao sentir o hálito quente no lado do rosto, os lábios dele acariciando-lhe gentilmente a pele. Ela sabia que ele tinha razão e teria que viver aquilo com Kade ou continuar fugindo. E ela não queria mais fugir, especialmente de Kade. Queria correr na direção dele, jogar-se em seus braços onde tudo parecia certo e continuar a amá-lo com todas as forças como já acontecia. Estar com Kade também fazia com que se sentisse viva, exceto que ele lhe dera vida pela primeira vez. — Sim —

sussurrou ela baixinho, colocando os braços em volta do pescoço dele. —

Se quer me ver... então me veja.

Kade segurou o rosto dela com as mãos grandes ao responder com convicção apaixonada: — Eu já vejo você, querida. Sempre vi.

Asha suspirou feliz quando ele capturou seus lábios, abrindo a boca para sentir o gosto dele. Kade tinha gosto de café e pecado, e ela o saboreou. Um beijo longo levou a outro até que ele finalmente puxou a cabeça de Asha contra o peito e abraçou-a com tanta força que ela quase gritou.

— Graças a Deus — resmungou ele ferozmente, acariciando-lhe as costas. — Eu sei pelo que você passou e sei que a pressionei demais, mas a sua

partida quase me matou. Eu queria procurar você, mas não conseguia aceitar o fato de que não me queria.

— Eu queria você — murmurou Asha contra o peito dele. — Como poderia me procurar se não sabia onde eu estava?

Kade se afastou, colocando um braço possessivo em volta da cintura dela e conduzindo-a pela escada da casa de Max. — Eu sabia exatamente onde você estava.

Asha fez um gesto de revolta. — Há alguém que não sabe onde eu moro?

Kade abriu um sorriso. — Não dentre as pessoas que se importam com você. E elas têm algumas influências e conexões bem assustadoras.

— Eu notei — resmungou ela baixinho. — Meu carro...

— Precisa ir para o lixo — interrompeu Kade irritado. — Os pneus estão carecas e sabe-se lá que outros problemas mecânicos ele tem. Não podia ter comprado alguma coisa mais nova?

— Não estava no meu orçamento. Estou economizando. E não há nada de errado com ele. Só precisa de pneus novos — retrucou Asha na defensiva. — Meu vizinho deu uma olhada. Ele disse que o carro está bom, exceto pelos pneus.

— Ele estava olhando para o carro ou para você quando disse isso? — resmungou Kade. — É um garoto?

— Tate tem mais ou menos a sua idade. E conhece carros.

— Ele é um idiota — murmurou Kade, levando Asha até a motocicleta que estava estacionada. — Vou levar você em casa e depois mando colocar pneus novos no seu carro. E vou levá-lo a um mecânico, apesar de o seu vizinho especialista já ter dito que ele é seguro.

Asha abriu a boca para discutir, mas Kade levantou a mão e interrompeu-a. — Nem comece. Pode me dar isso. Deixe-me saber que você está em

segurança.

Ela soltou a respiração e sorriu. Sim... podia. Ele estava tentando ajudá-la e ela aceitou de bom grado. Olhando para a motocicleta, que parecia um veículo de alta tecnologia, ela admitiu: — Nunca andei em uma destas. —

E, sinceramente, nunca quisera.

— Então você não viveu de verdade. — Ele abriu a bolsa da motocicleta, tirou um capacete e pegou o outro que estava sobre o banco.

— Ela parece... chique. É rápida?

Kade tirou um casaco de couro da bolsa e fechou-a. — É uma motocicleta BWM. Não é tão rápida quanto a minha de corrida, mas é

rápida o suficiente — respondeu ele com um sorriso infantil. — Vista isto.

— Ele segurou o casaco para que ela colocasse os braços.

— Está quente hoje — argumentou Asha, sem gostar muito da ideia de colocar um casaco de couro enquanto Kade usava uma camiseta marrom de mangas curtas, calça *jeans* e botas pretas. Ela vestia algo semelhante, mas usava tênis em vez de botas.

— O casaco é leve e não é para esquentar. É como proteção — disse ele em tom firme.

Ela suspirou e colocou os braços nas mangas do casaco, deixando que ele engolisse metade de seu corpo. Obviamente o casaco era de Kade. —

Ele tem o seu cheiro — disse ela em tom sonhador.

— Querida, se eu ouvir você dizer mais alguma coisa nesse tom de

“trepe comigo”, serei obrigado a fazê-la gozar bem aqui na entrada da casa de Max — ameaçou Kade.

As entranhas de Asha se contraíram em reação àquilo e ela sentiu um pulso de eletricidade descendo da barriga para o sexo. A calcinha ficou molhada quando ela puxou o colarinho do casaco até o rosto e cheirou sem dizer nada.

— Mulher, você está me provocando — avisou Kade com voz baixa e vibrante ao enrolar as mangas do casaco e fechar o zíper.

O casaco era imenso e chegava até o meio das coxas. Estava quente demais, mas ela não reclamou. Asha adorou a forma como Kade a protegia e cuidava dela. — Então, o que faço agora? — perguntou ela, ligeiramente intimidada pela motocicleta enorme.

— Espere — disse Kade brincando, mas deu a ela as instruções básicas.

Quando estavam sobre a motocicleta, Asha passou os braços em volta de Kade e encostou-se nele.

— Com mais força — comandou ele. — E não solte.

Os capacetes tinham Bluetooth e Kade já explicara, mas o som da voz dele em seus ouvidos ainda a assustou.

Quando a motocicleta começou a se mover, Kade não precisou lhe dizer para se segurar firmemente. Ela o agarrou com força, mas tentou relaxar e ficar neutra na posição como ele lhe pedira. A maior parte do medo desapareceu quando ela viu como Kade era competente na direção. Os movimentos dele eram suaves e fluidos, e ele pilotava com a confiança de um homem que fazia isso havia muito tempo.

— Você está bem? — perguntou Kade baixinho.

— Sim. Isso é incrível. Podemos ir mais depressa? — Asha confiava em Kade e a sensação de liberdade que teve ao andar ao ar livre foi incrível.

Ela ouviu Kade rir. — Não, não podemos, sua apressadinha. Estou no limite da velocidade. E estou carregando uma carga preciosa. — Ele hesitou por

um momento. — Podemos ir para a estrada. Conheço um lugar onde podemos ir mais depressa com segurança.

— Sim — concordou ela prontamente. — Vamos.

A velocidade na estrada era maior e Asha se agarrou a Kade, desfrutando do passeio com abandono irrestrito.

— Vou pegar a próxima saída — avisou ele depois de terem saído da cidade, avisando-a que reduziria a velocidade e pararia.

— Onde estamos? — perguntou ela curiosa.

— Você verá — respondeu ele misteriosamente.

Depois de pilotar por cerca de cinco minutos, eles chegaram ao que parecia ser uma arena grande. Kade parou nos portões e digitou um código em um painel, esperando que eles se abrissem o suficiente para que passassem. Eles desceram uma passagem estreita que se abria para uma pista de corrida.

— Você sabe quem é o dono deste lugar? — perguntou ela com a voz empolgada.

— Sim, conheço bem. Ele é o meu irmão. Esta é a pista de Travis. Ele pilota carros de corrida como *hobby*. É um excelente piloto.

— Ele não parece ser o tipo de pessoa que gosta de fazer esse tipo de coisa — respondeu Asha, atônita ao saber que um homem tão conservador como Travis tinha um *hobby* perigoso.

— Uma das peculiaridades dele — respondeu Kade em tom de brincadeira.
— Está pronta? Não vamos fazer nenhuma loucura. E, se ficar com medo, basta me dizer. — Ele posicionou a motocicleta na pista e começou a acelerar.

— Está bem — concordou Asha, com o coração acelerando no mesmo ritmo da motocicleta. A pista tinha longas retas, onde Kade acelerava, e

curvas em que reduzia a velocidade. Mesmo assim, Asha riu de puro prazer, pois ele a fez sentir como se estivesse voando.

— Está com medo? — perguntou Kade ao desacelerar em uma curva.

— Não, eu confio em você — admitiu ela.

— Puta merda! Você não sabe há quanto tempo eu queria que dissesse isso — respondeu Kade em voz séria.

— Podemos ir mais depressa? — pediu Asha.

— Não. Nós não estamos com roupas adequadas e esta motocicleta não foi feita para corridas, mulher destemida. Acho que você precisa de uma viagem para a Disneyworld. Você adoraria — comentou Kade ao reduzir a velocidade até parar na lateral da pista.

— Nunca fui a um parque de diversões — confirmou Asha, tentando ajeitar com os dedos os cabelos sob o capacete.

— Por que será que não fico surpreso com isso? — resmungou Kade em tom infeliz.

Asha desceu primeiro e Kade segurou a motocicleta firmemente enquanto ela desmontava. Ele tirou o próprio capacete e o dela, guardando tudo, inclusive o casaco de couro, nas bolsas do veículo. — Podemos beber alguma coisa. Travis mantém a geladeira estocada.

— Kade?

Ele pegou a mão dela e levou-a em direção do que pareciam ser garagens.
— Sim?

— Obrigada por isso. Foi maravilhoso — disse ela em tom genuíno. —

Foi uma das melhores coisas que já fiz. Uma das poucas coisas.

— Eu ia gostar de saber das outras? — perguntou Kade, parando em frente à porta do prédio.

— Só consigo pensar em uma coisa que foi mais incrível. — Asha sorriu para ele. — E também foi com você.

— É mesmo? — perguntou ele perigosamente, prendendo-a contra a porta com o corpo.

Asha passou os braços em volta do pescoço dele, precisando desesperadamente sentir a pele de Kade contra a sua. — Sim. — Ela olhou para os olhos azuis ardentes e seu coração deu um salto. Ele parecia tenso e as olheiras estavam mais pronunciadas. Ela queria confortá-lo, fazer com que ele se perdesse em algo que não fossem as emoções negativas que sentira nos meses anteriores. Naquele momento, ela odiou o que precisara fazer para se recompor. Era óbvio que Kade se importava com ela. Podia não amá-la, mas certamente se preocupava com ela. E ela lhe causara dor.

— Lamento tanto ter magoado você — disse ela suavemente, acariciando as manchas sob seus olhos e as linhas de tensão em seu rosto.

— Eu não queria fazer isso. — A mão dela desceu pelo peito de Kade, passou sobre o abdômen e finalmente parou sobre a calça *jeans*, acariciando a ereção que tentava sair pelas costuras. — Você está tão duro.

— Caralho! — Kade agarrou a mão dela e entrou na garagem, puxando-a atrás de si. — Preciso daquela bebida para esfriar. Não comece algo que eu não possa terminar — resmungou ele em tom ameaçador.

Eles passaram por vários veículos até chegar a um escritório que Asha supôs pertencer a Travis. — Eu terminarei — disse ela baixinho, sentindo-se constrangida por ser sexualmente agressiva. Mas ela queria ser, queria fazer coisas com Kade que nunca quisera com nenhum outro homem.

Apesar de adorar a sexualidade apaixonada de macho alfa de Kade, ela queria lhe dar prazer.

E estava mais do que pronta para abrir um pouco mais as asas e tentar.



Capítulo 15



Kade engoliu em seco, tentando se livrar do nó na garganta. Um olhar entre desejo e determinação irradiava da expressão dela e ele sabia que Asha tinha alguma coisa em mente, algo que provavelmente o viraria do avesso... de novo.

Olhando em volta, ele notou que não havia muita coisa no escritório além de um sofá gasto, uma mesa com uma cadeira e a geladeira. O carpete estava longe de parecer limpo, com manchas de graxa em vários pontos no chão. — Não vou fazer nada com você aqui — disse Kade. — Não está limpo.

Asha abriu um sorriso sensual e abriu o botão da calça dele. — Não tem problema. Não estou preocupada com a sujeira.

— Asha, eu...

— Por favor, deixe-me fazer isso — disse Asha em tom vulnerável. —

Nunca tentei seduzir um homem antes e nunca senti o seu gosto, mas quero sentir. Nunca tive coragem suficiente.

Putá merda! Kade quase gozou ali mesmo enquanto Asha lentamente abria o zíper e passava os dedos sobre o pênis sobre o material sedoso da cueca. Tudo dentro dele queria tirar a roupa dela e enterrar-se nela, mas ele não fez nada. Era um momento que ele queria saborear. Sua pequena borboleta confiava nele e tentava sair do casulo. Kade prometeu a si mesmo que não se mexeria, não estragaria o momento. Mas, minha nossa, seria difícil e ele não sabia quanto tempo aguentaria antes de perder o controle.

— Assuma o controle, Asha — disse ele, quase engasgando quando os dedos inexperientes dela tocaram no pênis que acabara de tirar da cueca.

— Quero dar prazer a você — sussurrou ela. A incerteza fez com que a voz dela ficasse trêmula.

Ela lhe dava prazer com o simples fato de existir e ter suas mãos nele era puro êxtase. Ele cobriu a mão dela com a sua, mostrando como acariciá-lo.

— Beije-me — pediu ele, sem conseguir passar mais um momento sem estar de alguma forma dentro dela.

Afastando o olhar do pênis, ela ergueu a cabeça e colocou a boca sobre a dele, com a língua passando pelos lábios e procurando a dele.

Não assumo o controle. Este é o momento de Asha.

Kade continuou repetindo aquilo mentalmente enquanto a língua de Asha explorava sua boca, entrando e saindo, acompanhando o ritmo da mão sobre o pênis. Ela colocou a mão na nuca dele, segurando-o com firmeza e enterrando os dedos em seus cabelos.

Quando ela finalmente afastou a boca, ele estava ofegante e encorajando com a própria mão movimentos mais rápidos no pênis. Ele não aguentaria por muito mais tempo sem estar dentro dela.

Asha afastou a mão subitamente e ele a deixou livre com um esforço sobre-humano. Ele só queria usar a própria mão até gozar, liberar um pouco da tensão que se acumulara até deixá-lo prestes a explodir.

Ela estava puxando a camiseta dele. — Tire — comandou ela em tom firme, puxando-a para cima.

Kade a tirou, deixando-a cair no chão, mas perguntou a si mesmo se fizera a coisa certa ao descartá-la. As mãos de Asha estavam por toda parte, acariciando as tatuagens e tocando cada centímetro de pele nua que encontrava. Quando ela começou a chupar um de seus mamilos, ele gemeu, sentindo o corpo todo estremecer de desejo. — Asha — rosnou ele em um

aviso baixinho. — Estou tentando. Mas, se não parar de me provocar, estarei dentro de você em uns cinco segundos. — Havia um limite para o que podia aguentar e, fosse ou não experiente em sedução, Asha era a mulher mais *sexy* do planeta para ele. Aquela boca precisava parar.

— Você é tão lindo, Kade. Tão perfeito. — A voz dela era baixa e sensual, mas o tom de admiração era sincero. Ela acariciou os bíceps musculosos e moveu os dedos para o peito dele, tocando-o por inteiro até

chegar aos pelos do abdômen. Enquanto a mão descia em direção à virilha, Asha ficou de joelhos, com a boca seguindo a exploração dos dedos.

Nunca ninguém lhe dissera que era lindo, nem mesmo bonito. Sim, ele fazia exercícios e o corpo era razoável, exceto pela perna ferida, mas as palavras de Asha fizeram com que se esforçasse muito para tentar se controlar. Ele cerrou os punhos, forçando-se a deixá-la explorar, ignorando os tendões tensos na nuca e a sensação do sangue latejando na cabeça.

Seus joelhos quase cederam quando a boca doce de Asha encostou no pênis, lambendo a ponta. — Aí é muito sensível — disse ele por entre os dentes. Puta merda, todas as áreas do corpo estavam supersensíveis no momento.

Kade olhou para baixo no momento em que ela colocou o pênis inteiro na boca, com a sensação e o visual quase fazendo com que gozasse. Sem conseguir se conter, ele enterrou os dedos nos cabelos dela e guiou sua cabeça em um movimento rítmico, gemendo de prazer quando a língua de Asha deslizou pela parte debaixo do pênis enrijecido. — Querida, não vou aguentar muito mais. — As palavras saíram entrecortadas pela respiração ofegante e o coração batia tão furiosamente que parecia que teria um ataque do coração.

Quando ela gemeu em volta do pênis... ele perdeu o controle.

— Preciso estar dentro de você. Agora. — Ele a puxou para cima e abriu a calça dela, puxando-a para baixo até que estivesse presa somente em uma das pernas.

Ela olhou para ele confusa. — Não foi bom? — perguntou ela hesitante enquanto ele a puxava para o sofá.

— Foi bom demais. Mas não vou gozar sozinho, querida — disse ele em tom firme. Ele queria que Asha gozasse tanto quanto precisava gozar.

Queria ouvir os gemidos de prazer dela quando gozasse, precisava dar aquilo a ela. Ele esqueceu completamente o fato de que o lugar estava sujo.

A paixão deles não esperaria até que tivessem o luar e os lençóis de seda. A tempestade ardente do desejo estava prestes a desabar e os arredores não importavam mais. Kade simplesmente a queria, do jeito que fosse possível.

Ele estava desesperado.

— Seu gosto é tão delicioso quanto o seu cheiro — disse ela, lambendo os lábios ao olhar para ele.

— Mulher, você é perigosa. — Kade olhou para a expressão inocente de Asha e rosnou. Apesar de as palavras dela não terem a finalidade de seduzir, foram sedutoras. E ele sabia que tinha chegado ao limite do controle sobre si mesmo.

Posicionando as mãos dela sobre o braço do sofá, ele colocou a coxa entre as pernas dela, abrindo-a. O gemido de desejo dela foi música para os ouvidos de Kade quando ele deslizou os dedos entre as coxas dela e acariciou o clitóris. Ela estava quente, molhada e pronta para ele.

Hipnotizado pela sensação do calor úmido, ele a penetrou com dois dedos, sentindo um fogo sedoso. — Você é tão gostosa, tão apertada — gemeu Kade, lentamente tirando os dedos e enterrando-os novamente de forma mais profunda.

— Por favor — gemeu Asha, baixando a cabeça. Os cabelos caíram sobre seu rosto como uma cortina de seda.

As entranhas de Kade se contraíram em satisfação primitiva. Ela o queria dentro de si. Nada mais serviria. Os dois sentiam a mesma coisa.

Mas ele adorava ouvir a prova do desejo dela. Ele nunca se sentira tão desesperado para estar dentro de uma mulher. Ainda assim, ele esperou para saborear o prazer dela, passando o polegar sobre o clitóris, deixando seu corpo mais sensível, pronto para gozar.

— Kade! — gritou ela. — Agora.

Não.

Ainda.

Não.

Ele apreciou a exigência dela, emocionado pelo nível de confiança e pela habilidade de se entregar a ele sem restrições. Ela pediu o que queria naquele momento. Ela o queria. E, por Deus, ela receberia tudo o que ele pudesse lhe dar.

Ao mover o polegar mais depressa e com mais força sobre o clitóris, Asha empurrou os quadris, fazendo com os que os dedos dele fossem mais fundo dentro de si. Ela jogou a cabeça para trás, com os cabelos ainda cobrindo-lhe o rosto, e gemeu, um som longo e estrangulado que sinalizou o orgasmo iminente.

Kade tirou a mão que estava entre as pernas dela e penetrou-a o mais fundo que conseguiu. A junção dos dois corpos foi quente e primitiva. —

Goze para mim, Asha. — Ele não aguentaria muito mais tempo e queria que ela estremecesse com a força do orgasmo ao mesmo tempo.

— Então enfie bem fundo, com força — pediu ela com voz rouca.

Kade fez o que ela pediu, penetrando-a com força, totalmente perdido em seu calor. Os dois gozaram juntos, uma sensação quente e colorida que ameaçou consumi-los.

Ele encontrou a liberação no momento em que Asha implodiu. O corpo dela estremeceu e a vagina se contraiu em volta do pênis. Kade dobrou o corpo e passou os braços em volta de Asha, deitando-se sobre as costas dela e

segurando-a enquanto ela estremecia, saboreando a intimidade. Naquele momento, só havia ele e Asha, com os dois vivendo as mesmas emoções e sentindo o mesmo prazer.

Instantes depois, ele se deitou no sofá, levando-a consigo. Ela ficou deitada sobre ele, mas Kade achou que era melhor do que deitá-la sobre o sofá, que não sabia se estava limpo.

Ele passou os braços em volta dela, segurando-a contra o próprio corpo, saboreando a sensação da pele dela contra a sua. Os meses anteriores sem ela foram uma agonia, uma dor que nunca mais queria sentir. A mente dele voltara a ser sombria, sem a luz que Asha lançara em seu interior. E ele nunca mais queria passar por aquele inferno. Dormira pouco e vivera muito pouco, mal existira. Talvez ele tivesse sido assim antes de conhecer Asha, mas não se lembrava. Agora, conhecia a dor de perdê-la e não deixaria que acontecesse novamente.

Asha murmurou algo em telugu contra seu peito e ele não entendeu as palavras, mas a voz dela era gentil e doce.

— Não entendi uma palavra do que disse — comentou ele baixinho. —

Espero que tenha sido algo bom.

Ela ergueu a cabeça e sorriu para ele, fazendo com que seu coração batesse mais forte dentro do peito. — É bom — concordou ela. — Senti sua falta.

Kade também sentira falta dela, mas teve medo de assustá-la se lhe dissesse o quanto. — Também senti sua falta. — Ele beijou a testa dela e segurou sua cabeça contra o peito. — Agora, terei alguém que gosta de mais algumas das coisas que eu gosto — disse ele com um sorriso. Ficara muito feliz por Asha ter gostado de andar de motocicleta.



— Ah, sim — disse ela empolgada. — Adorei. Pode me ensinar a pilotar?

Kade fez uma careta, sem gostar da ideia de Asha sobre uma motocicleta. — Veremos. Podemos começar com alguma coisa fácil —

respondeu ele sem se comprometer. *Como uma bicicleta com rodinhas.*

Suspirando feliz, ela disse: — Eu gostaria muito.

Ai, merda. Se isso a deixar feliz, ensinarei em alguma coisa segura.

Quem teria pensado que a Asha Paritala solene que conhecera alguns meses antes teria adorado andar de motocicleta?

— A borboleta já consegue voar livremente? — perguntou Kade com voz rouca, torcendo para que ela dissesse que sim. Ele só queria que ela fosse feliz, livre, amada e que não tivesse medo de nada. Consequia perceber que ela lentamente percebia que era... mais. Ele duvidava que ela já percebesse como era uma mulher incrível, sexy e talentosa, mas perceberia. Ele garantiria que percebesse.

Ela ergueu a cabeça e sorriu para ele. — Ainda não. Mas estou me esforçando.

Kade sorriu de volta, com um sorriso bobo que saía diretamente do coração.

Kade deixou Asha no apartamento dela, combinando de levar o carro de volta no dia seguinte. Ao levá-la até a porta, Asha contemplou pedir a ele que ficasse. Ela sabia que, no momento em que ele fosse embora, sentiria sua falta. Mas também sabia que precisava pensar e crescer muito antes que pudesse fazer mais do que namorar Kade. Fazer sexo com ele era inevitável. Os dois não conseguiam ficar no mesmo aposento sem que sentissem a necessidade de estarem juntos.

Kade, sendo como era, parara para alimentá-la antes de levá-la para casa.

Ela não estava mais tão magra, mas, a julgar pela reação dele a alguns de seus antigos hábitos, ele nunca deixaria de tentar alimentá-la. Apesar de já estar saciada, ela comeria. Kade tinha um instinto protetor que não

desapareceria e não valia a pena entrar em uma discussão por algumas coisas pequenas.

— Estive pensando em abrir uma escola de futebol para crianças com potencial que não têm dinheiro para participar de escolas de verdade. Tenho alguns amigos que se aposentaram e estão dispostos a trabalhar comigo. A Harrison financiaria o programa.

Asha olhou para Kade quando chegaram à porta do apartamento. Ele tinha o braço protetoramente em volta de sua cintura. — Acho que é uma ideia maravilhosa — respondeu Asha, nem um pouco surpresa por Kade querer financiar um projeto para crianças carentes. — Você gosta de trabalhar com crianças?

Kade deu de ombros. — Trabalhei um pouco em escolas de futebol no passado, mas foram apenas visitas como convidado. Nada meu. Foi divertido. E há muitas crianças que não podem pagar.

— E você sente falta do futebol — acrescentou Asha, sabendo que Kade sentia falta de estar envolvido com o esporte. — Você tem muito a dar, Kade. Há tanto que poderia ensinar às crianças. Acho que é uma ideia fantástica.

— Não sei o quanto eles gostariam de aprender com um cara que nem consegue mais correr direito — respondeu Kade.

Asha se virou para ele, encarando-o. Ela agarrou a camiseta dele para puxá-lo para perto e olhou em seus olhos.

Ele acha mesmo isso. Acha que não vale tanto quanto no passado por causa do acidente.

— Acha mesmo que aquelas crianças se importariam? Aprender com o grande Kade Harrison deixaria qualquer garoto que gosta de futebol incrivelmente empolgado. E você não precisa conseguir correr. — Asha suspirou, soltando a camiseta dele, mas sustentando o olhar. — Cinco garotos pediram o seu autógrafo enquanto estávamos comendo. Você é reconhecido por cada garoto que deseja jogar futebol. Pode ser um modelo

para eles. O futebol é mais do que apenas a habilidade física e você sabe disso. Também depende disto aqui — ela bateu com o dedo na própria têmpora. — Você pode ensinar isso a eles, Kade. E não ninguém mais que poderia fazer isso tão bem.

Kade colocou os braços em volta da cintura dela, torcendo a boca. —

Você não gosta de futebol. Como sabe disso?

— Tenho uma confissão a fazer — disse ela, passando os braços em volta do pescoço dele. — Assisti a quase todos os jogos das últimas duas

temporadas em que você jogou. Quando ia para o escritório, eu assistia e aprendia com os jogos gravados. Você era incrível. Eu quase conseguia ver as engrenagens girando em seu cérebro, a sua concentração enquanto jogava. Enquanto muitos dos outros estavam lá, deixando que a testosterona voasse, você planejava. Acho que nunca vi você perder o controle.

Ele sorriu para ela visivelmente contente. — Eu não podia perder o controle. Muita coisa dependia de eu me manter concentrado. Mas acredite, não me falta testosterona. Só não podia deixá-la solta no campo. Você assistiu mesmo aos meus jogos?

— Acredite em mim, já sei que você tem uma quantidade exagerada de hormônios masculinos, mas você estava no controle. Fiquei maravilhada —

admitiu Asha. — E aprendi muito. Há muita estratégia no jogo e você era um mestre. Ainda tem todas aquelas informações, Kade. E estou disposta a apostar que ainda pode atingir o alvo com o braço de lançamento. Então, pare de se torturar por causa da perna. Você tem muito conhecimento que pode dividir com jogadores jovens.

— É claro que consigo acertar o alvo — disse Kade em tom rabugento, mas ainda estava sorrindo. — Fiquei um pouco hesitante por causa da minha perna, mas quero fazer isso.

— Então faça. Você ainda é o grande Kade Harrison. E aposto como seu traseiro ainda fica magnífico naquelas calças apertadas — disse ela em tom

provocante. Ela adorava aquele traseiro firme e não conseguia evitar admirá-lo sempre que o via de costas. Kade ainda era uma poesia em movimento quando se mexia, mesmo com a perna machucada.

Kade riu, um som alto que ecoou pelo corredor. — Não pretendo usar aquelas calças. Estarei lá para ensinar.

— Ah... que pena — disse Asha desapontada. — E eu estava até pensando em oferecer aulas de ioga para você na escola se fosse para vê-lo usando aquela roupa — brincou ela.

— Nunca vi você fazendo ioga. Usarei as calças de futebol se puder vê-la naquelas calças de ioga — disse Kade esperançoso.

Asha ergueu a sobrancelha. — Não tenho essas calças.

— Vou comprar uma de cada cor para você — respondeu Kade.

Ela bateu de leve no braço dele. — Meus vizinhos eram indianos e praticavam ioga e meditação. Apreendi desde cedo com eles. Faz tempo que

não pratico, mas, como você, ainda tenho o conhecimento aqui. — Ela colocou um dedo na testa.

— Acredite ou não, acho que ioga é extremamente benéfico para um jogador de futebol. Fiz um pouco de ioga antes do início das temporadas.

Isso me ajudou a manter o movimento e a flexibilidade — disse Kade com uma piscadela. — Ainda assim, eu adoraria ver você praticando.

— Para sua informação, normalmente pratico quando estou sozinha e usando apenas roupas íntimas ou nua — comentou ela em tom inocente.

— Esqueça as calças de ioga. Prefiro essa visão privada — respondeu ele com um sorriso malicioso. — E aceito a oferta para ensinar fundamentos de ioga aos garotos, mas vou comprar umas calças folgadas para você. Não quero que os outros jogadores que me ajudarão fiquem olhando para o seu traseiro. Jogadores de futebol costumam ser safados.

Asha revirou os olhos, achando divertido o fato de Kade pensar que todos os homens a olhariam com desejo nos olhos, como ele fazia.

Sinceramente, nenhum outro homem a olhava como Kade olhava. — Você será um excelente professor — disse ela, sabendo que também seria um excelente pai. Ele era um macho alfa protetor, mas também tinha muita paciência e gentileza.

— Obrigado — respondeu Kade, encostando a testa na dela. — Tem tanta confiança assim nas minhas habilidades?

— Sim — respondeu ela depressa e com firmeza. Ela não achava que houvesse algo que ele não conseguiria fazer se quisesse. Tinha uma tenacidade teimosa que sempre fazia com que tivesse sucesso.

— Eu já lhe disse hoje como acho que é maravilhosa? — perguntou Kade com voz rouca.

O coração de Asha deu um salto. A voz dele era sincera e ele obviamente achava, por algum motivo desconhecido, que ela era excepcional. Isso fazia com que Asha se sentisse mais leve. — Não, não disse.

— Então vou dizer agora. Asha... você é uma mulher incrível. Minha mulher incrível. — Ele baixou a cabeça e beijou-a, um beijo lento e langoroso, que a fez se sentir valorizada e querida. Foi sensual, mas era um abraço que não se destinava a deixá-la excitada. Era um compartilhamento de emoções, um beijo de comunicação e intimidade.

Aquilo a deixou sorridente, com os pés fora do chão por um longo tempo depois de abrir a porta do apartamento e entrar sozinha.



Capítulo 16



— Parece incrível — disse Tate Colter para Asha ao observar a parede terminada do apartamento. — Parece ainda melhor do que achei que ficaria.

Eu queria... — Ele se interrompeu, deixando o comentário inacabado.

Asha olhou para Tate com curiosidade, imaginando o que ele pretendia dizer. Ela terminara a parede dele naquele dia, depois de fazer os toques finais na cena. — Querida o quê?

Tate balançou a cabeça. — Nada. Esqueci o que eu ia dizer.

Asha sabia que ele estava mentindo, mas não insistiu. Ela e Tate tinham se tornado bons amigos em um período curto, mas não se sentia confortável o suficiente para perguntar. — Eu gostei de pintar esta parede.

— Ela inclinou a cabeça, examinando o antigo carro de bombeiros e os outros equipamentos que colocara na pintura. — Como você se interessou por equipamentos antigos dos bombeiros? — perguntou curiosa.

— Fui bombeiro voluntário por algum tempo no Colorado e comecei a me interessar pelos equipamentos antigos — respondeu Tate, virando-se de costas para ela e andando para a cozinha. — Quer ficar para o jantar?

Tate tirara o gesso e Asha apreciou o traseiro firme e o corpo sólido e musculoso dele. Tate era incrivelmente bonito e ela o admirava de uma forma estética. Os cabelos eram ligeiramente mais claros que os de Kade e os olhos cinzentos pareciam olhar dentro da alma das pessoas. Mas, apesar de ser lindo, Tate não tinha o menor impacto nela. Era como se seu corpo reagisse e criasse vida apenas para um homem. — Não posso, tenho um

encontro para o jantar. Kade vai me levar a um restaurante de fondue hoje à noite.

— Comida fresca — disse Tate brincando. — Eu ia fazer uns bifês.

— Fui eu que escolhi — disse Asha indignada. — Uma das mulheres no meu curso de artes falou nele e eu quis experimentar.

Asha começara as aulas naquela semana e eram muito básicas, mas ela gostava de cada momento. Finalmente conseguiu colocar nome em suas técnicas e a professora era uma artista incrível. Asha sabia que poderia aprender muitas coisas novas e estava ansiosa para absorver conhecimento.

Kade a mimara muito desde o momento em que o encontrara novamente durante aquele confronto horrível com os pais temporários três semanas antes. Eles foram à Disneyworld e ela gritara de alegria em cada atividade.

De fato, ele provavelmente a levava a todas as atrações turísticas na Flórida e sempre parecia inventar algo novo sempre que o via. Normalmente, não se passava um dia sem que o encontrasse. E eles enviavam mensagens de texto um para o outro como adolescentes, mensagens sedutoras como duas pessoas... completamente apaixonadas.

Asha suspirou e pegou a bolsa, pronta para voltar ao seu apartamento e preparar-se para sair com Kade para jantar.

— Você vai sair com aquele cara que usa as camisas horríveis? —

perguntou Tate ao entrar na sala de estar. — Eu o vi saindo do elevador ontem. Um cara que se veste daquele jeito deve ter algum problema.

— Acontece que eu adoro as camisas dele — respondeu Asha em tom defensivo e com sinceridade. — Elas são coloridas, vibrantes e maravilhosas. — *Como ele!*

— Elas são horrorosas — resmungou Tate, balançando a cabeça.

Asha foi até a porta, mas virou-se e olhou novamente para Tate. — Você gosta de futebol. Não o reconhece?

— Sim. Kade Harrison — respondeu Tate imediatamente. — Ele era um excelente jogador, mas precisa trabalhar no estilo pessoal.

Asha sabia que Tate estava implicando com ela. Ele não era esnobe nem se vestia de forma muito elaborada. — Acho que ele é muito bonito. Ontem foi a camiseta com pimentas. E ele certamente parecia... gostoso.

Tate rosnou quando ela abriu a porta. — Ele precisa trabalhar isso.

Asha olhou para ele e disse com firmeza: — Ele não precisa de nada. É perfeito do jeito que é.

— Está apaixonada por ele, não está? — perguntou Tate ao parar ao lado de Asha. — Somente uma mulher apaixonada poderia pensar isso de um homem com camisas horríveis.

Divertindo-se com a discussão, ela respondeu: — Pelo menos, Kade sabe como tratar uma mulher, diferentemente de alguns homens que conheço. — Ela ergueu a sobrancelha, referindo-se à morena que saía sorrindo do apartamento dele todos os dias e que Tate insistia que não era nada sério. — Não a vejo tem algumas semanas. Você terminou com ela?

Tate deu de ombros, parecendo desconfortável. — É, terminamos.

— Você está triste? — perguntou Asha curiosa, sentindo-se mal por ter sido dura com ele.

— Não, era para acontecer. Ela voltou para o ex-marido. Eu lhe disse que não era nada sério.

Asha olhou para Tate, mas ele evitou seu olhar.

— Lamento. — E ela lamentava. Se a mulher terminara com ele, mesmo se Tate não tivesse se apegado tanto a ela, provavelmente ficara magoado.

— Não lamente — disse ele apressado. — Talvez eu possa dar ao seu jogador de futebol alguma concorrência. Estou livre — disse ele brincando.

— Eu não — respondeu ela, sabendo que Tate estava interessado nela de verdade. Pegando a chave da bolsa, ela atravessou o corredor até o seu apartamento.

— Não estou vendo nenhum anel. Você ainda não é dele — gritou Tate.

Asha destrancou e abriu a porta. Ela fez uma pausa por um momento e encarou Tate de onde estava. — Ele tem o meu coração — declarou ela com simplicidade, fechando a porta com um sorriso leve.

Olhando para o relógio de parede do apartamento, Asha percebeu que teria que se apressar para o encontro com Kade. Uma onda de adrenalina a invadiu quando ela correu para o banheiro para tomar um banho. Não que Kade fosse se importar se ela se atrasasse. Ele esperaria pacientemente, entendendo que Asha tivera que terminar um trabalho, agindo como se estivesse perfeitamente feliz por estar no mesmo espaço que ela. Apesar de ser um bilionário que comandava uma das empresas mais prestigiadas do mundo, ele nunca tratava as obrigações dela como se fossem menos importantes que as dele. Era uma das muitas coisas que ela amava nele.

Kade a fazia se sentir como se fosse importante, que o que ela valorizava também era significativo para ele. Na maior parte do tempo, ele colocava as

necessidades dela à frente das suas e as coisas ficavam cada vez menos confusas para ela. Kade se importava com ela e protegia as pessoas de quem gostava, tratando-as com consideração. Antes, isso fora estranho para ela, mas começava a se acostumar a ser tratada como uma mulher de valor, não só por Kade, como por outros como Maddie, Max, Devi e pessoas que conhecera e aos poucos se tornavam amigas. Ainda era incrível para Asha que, à medida que as pessoas a valorizavam, ela começara a desenvolver a autoestima.

Ela suspirou ao sair do banho e enrolar-se em uma toalha. Asha foi até o armário, vasculhou as roupas e escolheu um vestido leve da coleção que Maddie e Mia tinham comprado para ela quando chegara à Flórida. Depois de incontáveis discussões sobre as roupas, Maddie aparecera em sua porta uma semana antes com um homem enorme para levar todas as roupas para que fossem penduradas no armário do quarto. Maddie dera a Asha um olhar de não-discuta-com-a-grávida e ela não dissera nada. A irmã podia ser doce, mas era muito teimosa quando queria algo. E ela quisera que Asha aceitasse o presente. O sorriso brilhante e feliz de Maddie quando Asha concordara valera o fato de ter engolido o orgulho. Ela deixara Maddie genuinamente feliz por finalmente ter aceitado as roupas. Era uma coisa quase simbólica, como se Asha finalmente a tivesse aceito como irmã. Se Asha tivesse

percebido que isso significaria tanto para Maddie, teria aceitado antes. Mas não fora tão perspicaz. Agora... estava começando a entender Maddie, a vê-la pelos olhos adoradores de irmã. A última coisa de que Maddie precisava no momento era conflito. Ela esperava gêmeos e o estresse da gravidez era suficiente. Asha também queria dar todo o apoio a Maddie.

No mesmo dia em que Maddie levava as roupas, acabara de descobrir que ela e Sam teriam um casal de filhos. O coração de Asha ficou apertado primeiro de alegria por Maddie quando a irmã contou a novidade e depois por si mesma, pois seria tia de um casal em poucos meses. Ela e Maddie tinham chorado lágrimas de alegria juntas e fora naquele momento profundo que finalmente Asha compreendeu que realmente tinha uma família. Não importava mais o que Max e Maddie tinham nem o quanto eram bem-sucedidos. Eles estavam todos irrevogavelmente ligados e o status significava muito pouco perto da afeição que sentia pelos dois. Com ou sem dinheiro, Asha não poderia ter pedido irmãos melhores e sentia-se grata todos os dias por tê-los. Ela conversava com Maddie e Max

praticamente todos os dias e passava algum tempo com eles sempre que podia, lentamente conhecendo os irmãos.

O almoço com Maddie, Mia e Kara se tornara um evento semanal e Asha ainda se sentia um pouco maravilhada com as três mulheres e o relacionamento que tinham com três homens alfa e muito poderosos. Elas eram independentes e fortes, mas adoravam os maridos possessivos, protetores e mandões, pois eles as queriam seguras e felizes. Não se tratava de controle, apenas de um amor tão grande que não conseguiam evitar.

— É verdade, só se trata de amor — sussurrou Asha para si mesma ao alisar o vestido sobre as curvas do corpo. Ela não adorava o fato de Kade ser superprotetor e possessivo? E não sabia que era só porque ele se importava com ela? Maddie dissera que havia uma grande diferença entre ser alfa e ser um idiota e Asha entendia exatamente o que a irmã quisera dizer. O fator de distinção era o que motivava o comportamento.

Olhando-se no espelho, Asha aplicou uma maquiagem leve e começou a trançar os cabelos. Ela sorriu, sabendo que Kade os soltaria mais tarde.

Aquilo quase se tornava um ritual sensual para eles e ela estremeceu ao trançá-los, sabendo que seriam os dedos de Kade que deixariam os cachos livres novamente.

Ao terminar, ela deu uma última olhada em si mesma, notando como o vestido de seda verde acariciava suas curvas. A saia terminava logo acima dos joelhos, mas uma fenda pequena revelava partes das coxas quando ela andava. Kade gostaria do vestido, mas resmungaria sobre como as pernas estavam expostas e encararia friamente qualquer homem que olhasse para elas. Sorrindo, ela pegou as sandálias de tiras e a bolsa, feliz por não precisar usar meia-calça. Apesar de ter sangue misturado, a pele era escura suficiente para que fosse totalmente desnecessário usá-las.

Asha se forçou a ignorar a voz da mãe temporária em sua cabeça dizendo-lhe para cobrir o corpo, que estava expondo pele demais. Criada para ser incrivelmente modesta, o vestido estava um pouco fora de sua zona de conforto sobre o que vestir em público. Sacudindo-se mentalmente, ela lembrou a si mesma que ele era bem comportado para os padrões norte-americanos. Ainda assim, era difícil se livrar da criação e da ideia de que expor a pele a tornava uma “garota ruim” que pedia para ser atacada ou abusada por um homem.

Ela colocou um par de brincos e as pulseiras de ouro, declarando-se pronta. Em seguida, foi para a sala de estar.

Sete horas.

Kade deveria chegar a qualquer momento. Ele dissera que chegaria às sete e meia, mas normalmente chegava cedo.

Asha estava prestes a se abaixar para prender as sandálias quando um braço gordo envolveu seu pescoço, fazendo com que soltasse um grito de pânico.

— Cale a boca. Você está vestida como uma vagabunda, Asha — disse veementemente uma voz masculina com sotaque forte.

Asha soubera que era Ravi desde o momento em que o braço forte a prendera pelo pescoço. Ela estivera na mesma posição muitas vezes antes e

reconheceu o aperto doloroso e o cheiro de suor do corpo grande. — Como você entrou aqui? Como me encontrou?

Ele apertou ainda mais e Asha começou a ver estrelas. — Você é minha esposa, uma mulher indiana casada. Ainda assim, sai com outro homem, um norte-americano — respondeu Ravi furioso em telugu. — Não foi difícil encontrar você. Só precisei segui-lo até aqui. Você me desonra.

Antes, ela teria estremecido de medo, esperando o primeiro golpe, que teria sido o primeiro de muitos, deixando-a ferida e chorando no chão.

Agora, a fúria começou a se acumular, a raiva do homem que quase a matara. — Não sou mais sua esposa. E sou uma mulher norte-americana com sangue indiano. Solte-me ou farei com que seja preso.

Lute! Lute! Lute!

Pela primeira vez, Asha sentiu o instinto de lutar pela própria vida, por sua sanidade. Anteriormente, ela só se preocupava em não deixar Ravi mais furioso, o que estenderia a surra. Agora, ela queria se libertar, sem conseguir ignorar os sentimentos de ódio e fúria que tinha pelo homem que a mantinha prisioneira.

Ele riu amargamente antes de anunciar: — A polícia já está tentando me prender. Seus amigos e sua família decidiram meter o nariz nos meus negócios, inclusive nos pessoais. Não irei para uma prisão norte-americana.

Eu morrerei. Mas você morrerá comigo, minha esposa. Você decidiu o seu destino. — A voz de Ravi era furiosa e desesperada, e o hálito cheirava a álcool.



O estômago de Asha se contorceu, tentando entender o que Ravi dizia. A família dela o perseguiria? Havia um mandado para a prisão dele? Por quê?

Seu cérebro se encheu de perguntas, mas o instinto de sobrevivência era mais forte. — Não sou mais sua esposa. Solte-me — disse Asha

desesperada. Ela puxou o braço que pressionava sua traqueia, pois não conseguia falar nem respirar direito.

— Você morre comigo — respondeu Ravi em tom maníaco. — Somos casados até o fim da vida. Você me traiu.

Empurrando o braço para trás, Asha enfiou o cotovelo no corpo dele com a maior força que conseguiu, torcendo para machucar Ravi o suficiente para que afrouxasse o aperto. Em seguida, bateu com o calcanhar no pé dele, mas já sabia que não causaria muito dano sem os sapatos.

— Você ousa tentar me atingir? — gritou Ravi, abaixando o braço para prender os ombros e os braços dela.

Lute! Lute! Lute!

Asha respirou fundo várias vezes, grata por ele ter tirado o braço de sua garganta... até sentir a ponta afiada de uma faca espetar a pele do pescoço.

Todos os anos de luta, de pobreza, tentando obter a liberdade, fora tudo em vão? Era assim que tudo terminaria? No fim das contas, ela morreria nas mãos do ex-marido?

Primeiro, voltando aos antigos hábitos, ela fechou os olhos em resignação silenciosa, esperando o corte fatal.

Mas quase imediatamente, ela decidiu que a própria vida e as pessoas que passara a amar valiam pelo menos que morresse lutando. Em um *flash*, ela viu Kade, Max, Maddie e todas as outras pessoas que a ajudavam a encontrar valor em si mesma.

Ela lutou por eles.

E batalhou pela própria vida.

Porque finalmente sentiu que tinha valor.

Ela não merecia morrer.

Infelizmente, não tinha certeza de que sua determinação seria suficiente.

— O que diabos quer dizer? Ele desapareceu? Onde? — gritou Kade para Travis enquanto dirigia, erguendo a voz frustrado ao falar com o irmão pelo telefone do carro.

— Não sabemos — respondeu Travis em tom grave. — A polícia foi buscá-lo com um mandado de prisão e ele tinha desaparecido. Ninguém o vê há dias. Obviamente, ele ficou sabendo que seria preso e fugiu.

Removemos as duas mulheres que ele estuprou e surrou, que estavam na propriedade dele, para ajudá-las. Isso provavelmente foi uma dica para ele.

— Merda! — Kade bateu com a mão no volante. — Precisamos encontrar esse imbecil. Ele precisa ir para a cadeia.

— Ele pode ter voado de volta para Índia. Nós o estamos procurando.

Mas ele pode ter ido embora há algum tempo — respondeu Travis em tom infeliz.

— Asha e aquelas mulheres merecem que a justiça seja feita —

respondeu Kade furioso. — O mundo seria um lugar melhor sem ele.

— Você precisa ficar de cabeça fria até que ele seja encontrado —

avisou Travis. — Vai contar a Asha?

Kade segurou o volante com força, com o ódio pelo homem que machucara Asha totalmente fora de controle. — O quê? Que o ex-marido dela estuprou e surrou duas de suas funcionárias? Ou que está solto por aí depois de fazer isso? — Ele respirou fundo, tentando acalmar o desejo de violência. — Sim. Não vou mentir para ela. Contarei a verdade. Eu a conheço e sei que o fato de ele ter machucado outras mulheres a assombrará, mas ela merece saber.

— Isso não mudará nada — comentou Travis racionalmente.

— Não — concordou Kade. — Mas não vou manter segredos entre nós dois. E ela provavelmente se envolverá no caso. Talvez seja testemunha.

— O cara é louco. Se souber que a polícia está atrás dele, provavelmente saberá que a investigação original foi nossa — disse Travis em tom distraído.

O corpo de Kade ficou tenso quando a mente subitamente se fixou em um cenário de pesadelo. — Acha que ele iria atrás de Asha? — Ele mal conseguiu dizer aquilo em voz alta.

— Duvido — respondeu Travis imediatamente. — Ele está fugindo. Mas acho que você deveria ficar de olho nela até que ele seja encontrado.

— Estou quase lá. Vou levá-la para casa comigo. O lugar dela é ao meu lado — disse Kade, pressionando o pé no acelerador do Lamborghini para chegar ao apartamento de Asha o mais depressa possível. Alguma coisa naquela situação toda não parecia certa e um instinto primitivo lhe dizia para encontrar Asha.

— Kade, eu sei que você gosta dessa mulher, mas...

— Eu não gosto dela. Eu a amo — interrompeu Kade furiosamente. —

Eu a amo tanto que não consigo pensar direito. Quero matar qualquer um que a machuque e não consigo aguentar a ideia de que ela tenha um só momento de infelicidade depois de tudo pelo que passou. Penso nela o dia inteiro e sonho com ela à noite. Não há mais esperança, Trav. Ela é minha.

Ela é minha vida agora. Estou bem ao lado de Simon, Sam e Max. — Era um lugar em que nunca sonhara que estaria, mas não se arrependia.

Travis suspirou. — Merda — resmungou ele irritado. — Então serei o único sobrevivente, o único cara são em nosso grupo?

— Não sei bem se ser são é tão bom assim — retrucou Kade. — É solitário e sombrio. Prefiro ser maluco e ter Asha na minha vida.

— Não espere que eu visite o sanatório depois que ela terminar com você. Ainda não encontrei uma mulher que valha a pena perder meu bom senso — disse Travis em tom sombrio.

Kade sabia que Travis estava mascarando as emoções que se escondiam por trás do cinismo. Ele deu a Travis a resposta comum. — Você é um idiota.

— Eu sei — concordou Travis.

Kade fez uma curva fechada, com a mente concentrada em Asha. —

Estou quase lá. Telefone para você mais tarde — disse ele a Travis impacientemente.

— Alguma coisa está acontecendo. Consigo sentir. Tenha cuidado — disse Travis em tom sério.

Kade não questionou a intuição de Travis. Eles eram gêmeos e algumas vezes conseguiam sentir as emoções um do outro. E, apesar de Travis nunca admitir, tinha uma capacidade assustadora de ver e sentir eventos futuros.

Somente Travis sabia se era apenas uma intuição incrível ou algo mais. Ele se recusava a falar muito no assunto.

— Até mais tarde — respondeu Kade, pressionando o botão para desligar quando entrou no estacionamento do prédio de Asha. Ele saltou do carro no momento em que desligou o motor.

Os sons de sirene, como se estivessem indo naquela direção, deixaram o corpo de Kade tenso enquanto ele corria para o prédio, sabendo que não relaxaria até que visse com os próprios olhos que Asha estava segura.

— Merda! Ela vai comigo para casa hoje à noite e ficará lá para sempre

— sussurrou Kade para si mesmo ao chegar o elevador, apertando o botão impacientemente.

A paciência de Kade chegou ao fim e ele só conseguia pensar em manter Asha ao seu lado antes que perdesse o juízo.

Determinado, a porta do elevador se fechou e ele apertou o botão para o andar de Asha, mais do que pronto para jogá-la sobre o ombro e levá-la para casa, estivesse pronta ou não.



Capítulo 17



Asha colocou toda a raiva dos anos de opressão na batalha de vida ou morte contra Ravi, mas não foi o suficiente. Ele a prendera no chão, com o fedor pungente do corpo quase fazendo com que ela engasgasse. O ex-marido sempre tivera um temperamento explosivo, culpando o mundo por seus problemas e descontando-os nela. Mas alguma coisa estava diferente.

O olhar selvagem em seus olhos dizia a ela que ele perdera totalmente o juízo. Era óbvio que não tomava banho havia dias e que sua prioridade era vê-la morta. Antigamente, ela teria medo de ele a matar durante uma surra.

Agora, matá-la parecia ser a única intenção dele.

Com os braços presos no lado do corpo pelo peso de Ravi, Asha tentou empurrá-lo para longe, mas mal conseguiu movê-lo. O peso substancialmente maior e a força dele resistiram aos seus esforços. Ele agarrou a trança dela, usando-a como arma para manter a cabeça de Asha parada ao encostar a faca no pescoço vulnerável. Xingando em telugu, Ravi aumentou a pressão e a faca começou a cortar a pele, mas ele não fez o corte final.

Asha sabia exatamente o que ele queria e parte dela queria implorar pela sua vida, mas não faria diferença. Ela não implorava o perdão dele no passado por erros que não cometera? Isso não a salvara de surras horríveis e

implorar não a salvaria agora. Permanecendo em silêncio, ela encontrou os olhos escuros e loucos dele com uma expressão desafiadora, algo que nunca teria feito no passado. Ele a mataria, mas ela nunca mais pediria desculpas por quem era e pelo que era.

Ela era Asha Paritala, filha de um indiano progressista que ajudara mulheres indianas a ter sucesso nos Estados Unidos.

E o homem acima dela era o seu assassino.

Preparada para um golpe fatal, Asha ficou atônita quando Ravi foi erguido mais depressa que os olhos poderiam acompanhar. O corpo dele foi jogado para trás e caiu no chão perto dos pés dela. Sentando-se, ela rastejou para trás, observando com horror fascinado quando Tate Colter tirou a faca afiada da mão de Ravi com facilidade e deixou-o deitado no chão sangrando com um soco incrivelmente forte no rosto. Virando o indiano de bruços, Tate apoiou o joelho nas costas dele, mantendo-o imóvel enquanto telefonava para a polícia de um celular que tirara do bolso.

— C-como v-você sabia? — perguntou Asha quando Tate guardou o telefone no bolso e olhou para ela. Ele estudou o corpo dela clinicamente, como se estivesse procurando ferimentos.

— Travis me mandou uma mensagem — respondeu ele de forma vaga.

— Travis? — Asha tentou absorver o fato de que Tate e Travis se conheciam, mas o corpo tremia muito em reação à proximidade da morte.

— Você é policial?

— Amigo. E ex-integrante das forças especiais — respondeu Tate. —

Você está bem? — A voz dele ficou mais gentil e preocupada. — Seu pescoço está sangrando.

— Acho que sim — respondeu ela, sabendo que tinha sorte de ainda estar respirando. Considerando a alternativa, ela estava bem. Asha colocou a mão no pescoço e viu que ficara cheia de sangue. — Foi só um arranhão.

Tate acenou com a cabeça em direção ao banheiro. — É melhor você se limpar antes que...

— O que diabos aconteceu? — O rugido de Kade reverberou na sala.

— ...Kade chegue aqui — terminou Tate em tom solene.

Asha se virou e olhou para Kade, com o coração ainda batendo forte por causa do estresse da experiência de quase morrer e o corpo tremendo.

Passando os braços em volta de si mesma, ela abriu a boca para responder, mas Kade a puxou para que ficasse de pé e começou a examinar o corte antes que Asha pudesse dizer alguma coisa.

— O imbecil cortou você. — Enfurecido, Kade inclinou a cabeça dela para trás gentilmente, olhando para o corte. Em seguida, olhou para o



homem que Tate mantinha imóvel. — Por acaso ele está morto? —

perguntou Kade a Tate em tom perigoso.

— Não, só o deixei atordoado. A polícia está a caminho. — Tate lançou a Kade um olhar dubio. — É preciso limpar o corte dela.

— O banheiro fica ali. Acho que você deveria levá-la até lá. Conhece primeiros socorros melhor do que eu — disse Kade. A voz dele estava alarmantemente baixa e gutural.

— Não vou deixá-lo sozinho com ele. Prometi a Travis. Entendo sua raiva, Kade, mas ele pagará pelo que fez — respondeu Tate, aplicando mais força nas costas de Ravi quando o homem acordou, resmungando furioso em telugu.

Ao ouvir a voz do ex-marido novamente, Asha estremeceu. — Tire-me daqui, Kade. Por favor. — O mundo inteiro dela virara de cabeça para baixo e o medo a invadiu.

— Leve-a. Ela precisa de você. Não deixe que sua raiva passe por cima de tudo. Isso arruinará você. Tirar uma vida, boa ou ruim, muda um homem

— disse Tate a Kade com voz dura. Os olhos cinzentos pareciam ligeiramente assombrados. — Deixe que Asha seja sua prioridade agora.

Kade tirou Asha do sofá e pegou-a nos braços. — Ela sempre será minha prioridade — retrucou Kade.

Tate assentiu, observando Kade quando ele pegou Asha para levá-la ao banheiro. Kade deu a volta no sofá, olhando para o homem caído no chão sob o joelho de Tate com ódio visível. Ele pisou no homem com um pé, colocando o outro sobre a mão aberta dele. Usando todo o peso, ele esmagou a mão de Ravi, que gritou de dor. Foi força mais do que suficiente para esmagar vários ossos e quebrar alguns dedos.

— Isto é por Asha e as outras mulheres que você estuprou, seu imbecil doente — rosnou Kade, avançando com Asha ainda em seus braços.

Tate sorriu.

A polícia entrou no apartamento com Ravi ainda gritando de dor.

Com toda a atenção voltada para Asha, Kade não olhou para trás.

Mais tarde naquela noite, Asha estava sentada no meio da cama de Kade devorando um sanduíche e vendo-o andar de um lado para o outro pelo quarto. Ele estivera resmungando por horas e não parecia nem um pouco cansado. Depois de levá-la para a casa dele, de cuidar dela, de garantir que tivesse uma bandeja de comida e de que estivesse sã e salva, ele começara a recitar uma lista de coisas que faria para mantê-la segura.

— Eu sei que você quer se curar e ser independente, mas pode fazer essas coisas bem aqui comigo. Quero você sob a minha proteção — Kade continuou a argumentar.

Asha o observou com um olhar de desejo enquanto mordida o sanduíche.

Usando apenas a parte de baixo do pijama, ele parecia incrivelmente sensual e cem por cento teimoso. — Pessoalmente, eu preferiria estar sob você — sussurro Asha baixinho. Ela usava a parte de cima do pijama dele e sentia o cheiro provocante dele na roupa.

— Você disse alguma coisa? — perguntou Kade impacientemente, virando-se e lançando-lhe um olhar severo.

Asha acenou com a mão. — Não, não. Continue. — Ela cobriu a boca com a mão, escondendo um sorriso. Ela superara o choque da experiência de quase morrer horas antes e não havia lugar em que se sentia mais segura do que no quarto de Kade com ele rodeando-a como um gato enorme e furioso.

Asha sabia que a raiva não era direcionada a ela. Era direcionada a ele mesmo por causa dela. Ela precisava fazer com que ele parasse em breve, acalmá-lo e fazê-lo perceber que nada daquilo era sua culpa. Mas observar o comportamento possessivo e obsessivo dele era um pouco inebriante.

Quando ele parou de falar para respirar, ela perguntou curiosa: — Então, Tate Colter é outro cara rico? Amigo de vocês? — Eles foram à delegacia prestar declarações e Tate estivera lá, mas Asha não conseguira conversar muito com ele. Ainda estava chocada ao ouvir a verdade do que o ex-marido fizera com as duas funcionárias e como era realmente vil.

— Amigo de Travis. Eu o conheci por meio de Travis, mas eles são amigos desde a universidade.

— E ele era seu espião? — perguntou Asha em tom inocente.

— Não foi assim — respondeu Kade irritado. — Colter queria sair do Colorado até que a perna estivesse curada. O inverno lá é brutal e ele estava com o gesso, usando muletas. Travis encontrou um lugar para ele.

— Que, por coincidência, era no outro lado do corredor em frente ao meu apartamento? No mesmo prédio? Por que ele não podia ficar com Travis? Ou pelo menos conseguir um lugar melhor, se é tão rico? — Asha hesitou por um momento e acrescentou: — E como ele encontrou uma mulher em um período tão curto?

Kade sorriu. — Aquela mulher é irmã dele. Ela está noiva, mas queria ver Tate e ter certeza de que ele ficara bem depois do acidente. Está bem, ok. Nós meio que achamos que seria bom ter Tate lá para ficar de olho em você. Saiu daqui sem falar com ninguém. Obviamente, não queria ninguém que conhecesse, nem eu, por perto. Tate se ofereceu e nós preparamos o apartamento para ele. Sim, ele é absurdamente rico, mas morou em vários lugares. O que ele lhe disse sobre ser das forças especiais era verdade.

— Achei que ele era meu amigo — disse Asha, desapontada por Tate só ter ficado perto dela por causa de Travis e Kade.

— Ele é seu amigo. Acredite, se Colter não gostasse de você, teria ficado de olho, mas não teria lhe dado um minuto do tempo dele. Tate é bem direto. Como Travis. — Parando no meio do quarto, Kade olhou para ela com um olhar especulativo. — Você gosta dele?

Asha deu de ombros. — Sim. Gosto dele, apesar de ele ter sido enviado apenas em uma missão de espionagem por você e Travis.

— Ele não era um maldito espião. Estava lá só para ajudar caso você precisasse. Você estava sozinha — resmungou Kade. — Mas ainda quero dar um chute no traseiro dele por ter aprovado aquele carro. — Depois de uma ligeira hesitação, Kade perguntou: — Você gosta muito dele?

Asha o encarou atônita. A voz de Kade irradiava ciúmes e os músculos do maxilar estavam contraídos. Apesar disso, ele parecia vulnerável.

— Gosto dele como amigo. Ele foi gentil comigo. Brincou comigo.

Nunca tive um amigo antes. — Ela suspirou. — Mas ele não é nem nunca será você. — Asha saiu da cama e ficou de pé em frente a Kade, sem afastar os olhos dos dele. — Quando achei que ia morrer, a única coisa de que me arrependi foi nunca ter lhe dito o que sinto por você. Talvez não devesse lhe dizer agora, mas nunca mais quero me sentir daquele jeito. Quero que saiba exatamente o que sinto, sem arrependimentos.

— Então me diga — pediu Kade.

— Eu amo você — sussurrou Asha, mal conseguindo dizer as palavras por causa do nó que tinha na garganta. — Eu sei que você não pediu isso e

provavelmente não quer, mas está lá e estou cansada de esconder. Era você que eu queria naquele retrato que fiz de mim mesma, a fome que nunca achei que seria satisfeita. Acho que quis você minha vida inteira. Só não sabia.

— Diga-me que está falando sério — exigiu Kade. — Mas vou avisar, nunca mais deixarei que vá embora se estiver. De qualquer forma, nunca mais deixarei que vá embora. Mas quero que me diga.

— Estou falando sério. Mas não quero que sinta alguma obrigação porque...

As palavras dela foram interrompidas pela boca de Kade que capturou a sua, com as duas mãos segurando-lhe a cabeça parada para que a devorasse.

O beijo foi cheio de adoração, exigente e generoso, com a língua e os lábios tomando-a, mas dando-se a ela. Ele segurou o traseiro dela, pegando-a no colo, mas sem afastar os lábios.

Asha se viu colocada sobre a cama. Kade removeu rapidamente a bandeja de comida, foi até o armário e voltou com várias gravatas. Ele as soltou sobre a cama e começou a desabotoar a camisa do pijama, deixando-a com os seios nus ao chegar ao último botão. — Você fica muito sexy com o meu pijama, mas preciso que fique nua — disse ele com expressão séria e assustadoramente calma.

Ela o encarou confusa quando ele amarrou uma gravata em seu pulso e segurou-a sobre sua cabeça, fazendo o mesmo com o outro pulso. Chocada demais para reagir enquanto ele a amarrava, ela finalmente perguntou com voz perplexa: — O que você está fazendo?

— Amarrando você à cama — respondeu Kade em tom ausente, testando as gravatas para ver se estavam seguras.

Asha sabia que devia se sentir mortificada, mas a sensação de estar nua e à mercê de Kade fez com que sentisse um calor interno intenso. Ele inclinou

o corpo musculoso sobre ela e puxou a calcinha de forma sensual, deixando que deslizasse pelas pernas até tirá-la completamente.

Kade mal dissera uma palavra desde que ela lhe dissera o que sentia e o silêncio dele estava começando a se tornar desconfortável para a mente, mas as ações elevavam a temperatura de seu corpo a temperaturas perigosas. — Estou vendo. Vai me dizer por quê? — questionou ela nervosamente. Ela literalmente colocara a vida nas mãos de Kade, mas nunca o vira daquele jeito.

— Eu já lhe disse. Nunca mais vou deixar que vá embora. — Ele afastou alguns cachos de cabelo do rosto dela e beijou seu pescoço, subindo para a orelha. — Pretendo lhe dar prazer até que perca o juízo e concorde em se casar comigo. Acho que é a única forma de fazer com que você concorde.

Asha estremeceu quando o sussurro rouco vibrou contra sua orelha. A voz dele era um ronronar sedoso que a lembrou de um gato.

— Não posso me casar com você, Kade — informou ela em tom triste.

Sou infértil. Não posso me casar com ele. Seria injusto.

— Imaginei que fosse dizer isso. Então acho que preciso fazer com que mude de ideia. Em algum momento, entenderá que a única coisa de que preciso é você, querida. Porque eu também amo você. Mais do que tudo e todos neste planeta. E você será minha — avisou ele perigosamente. —

Portanto, depois que eu chupar você até que grite meu nome e que trepar com você até que tenha o orgasmo mais incrível de sua vida, talvez concorde. Se não concordar, tentarei de novo.

Lágrimas correram pelo rosto dela, lágrimas de pura alegria por Kade também amá-la. — Kade — gemeu ela, puxando as gravatas que a prendiam. — Estas são as suas melhores gravatas. — Ela notou a sensação da seda contra a palma das mãos.

— Querida, elas estão cumprindo um excelente trabalho no momento —

respondeu Kade com voz maliciosa. — Tenho a sensação de que, toda vez que usar uma delas daqui em diante, ficarei de pau duro o dia inteiro. Só conseguirei pensar em como você está agora, deitada na minha cama, toda minha para amar e ser satisfeita. E tão linda que nem acredito que realmente me ama.

Ele mal a tocava e a ponta dos dedos ainda acariciava os cabelos de Asha, mas as palavras dele a deixaram louca. Ela conseguia imaginar exatamente como parecia: carente, excitada e pronta para uma trepada. Era como se sentia e ela sentiu as entranhas se contraírem de forma quase dolorosa. — acredite. Eu amo você. — Ela repetiu as palavras que dissera antes. — Mas não vou me casar com você.

— Ah... vai sim, querida — respondeu Kade em tom confiante.

Asha segurou as gravatas quando Kade começou o ataque a seus sentidos, com um dedo circulando os mamilos rígidos langorosamente.

Estar amarrada era ao mesmo tempo frustrante e erótico. Asha queria tocar no corpo quente e musculoso de Kade, mas as amarras a deixaram livre apenas para sentir.

— Nunca mais quero ficar dentro de outra mulher. Não depois de você

— disse Kade antes que a língua seguisse o rastro do dedo. O calor do hálito dele sobre o mamilo sensível fez com que Asha erguesse os quadris de desejo. Logo depois, ele a mordeu gentilmente, lançando ondas de prazer erótico pelo seu corpo.

Ela estava desesperada para sentir o pênis dentro de si. — Por favor — implorou ela, sem conseguir aguentar mais a provocação de Kade.

— Quer se casar comigo? — perguntou Kade, com a mão descendo pelo abdômen dela até chegar entre as coxas, abrindo as dobras molhadas.

— Não — gemeu ela, erguendo os quadris, implorando para que ele friccionasse o clitóris.

Kade não lhe deu o que ela queria. Ele provocou de leve o pequeno agrupamento de nervos, mal encostando o dedo, aumentando o desespero dela até que ela choramingasse: — Mais — pediu ela ofegante.

Kade abriu as coxas de Asha, deixando-a aberta e exposta. Em seguida, pegou um travesseiro e colocou-o sob o traseiro dela, deixando-a ainda mais vulnerável. Asha fechou os olhos ao sentir o hálito quente acariciando a pele e estremeceu de ansiedade.

A provocação terminou quando Kade enterrou a boca em sua vagina, gemendo enquanto a língua, os lábios e os dentes a consumiram como se estivesse faminto. Cada investida da língua tinha a intenção de fazer com que ela gozasse. O prazer foi tão intenso que Asha tentou fechar as pernas por reflexo, mas Kade as empurrou novamente, deliciando-se nos fluidos que criava com o toque erótico.

— Ai, meu Deus, Kade. Não aguento mais — gemeu Asha, virando a cabeça de um lado para o outro sobre o travesseiro e puxando as amarras.

— Vamos, querida — murmurou Kade. — Goze para mim.

Kade fechou os dentes gentilmente sobre o clitóris, passando a língua rapidamente sobre ele. Ele a penetrou com dois dedos, enfiando-os com força e profundamente, enquanto a língua criava ondas de prazer que fizeram com que ela se contorcesse e gemesse, tão desesperada para gozar que estava concentrada apenas em Kade.

O clímax a atingiu como uma locomotiva desenfreada... rápido, intenso e arrebatador. Seu corpo inteiro estremeceu enquanto Kade continuava a provocá-la com a língua e os dedos, extraindo cada gota de prazer que conseguia.

Depois que terminou, Asha ficou deitada, ofegante, sentindo-se exposta, vulnerável e completamente amada. Ela observou Kade subir em seu corpo como um animal perigoso, forte, poderoso e incrivelmente másculo. A expressão dele era quase feroz e Asha sentiu um desejo carnal equivalente dentro de si. — Trepe comigo, Kade. Preciso sentir você. — Ela precisava

estar unida a ele da forma mais primitiva e a urgência vinha do fundo da alma.

— Eu amo você, Asha — gemeu ele, penetrando-a com uma investida longa e profunda.

— Ai... — Ela suspirou, abrindo-se para ele de forma imediata e natural.

— Eu amo você — ecoou ela, sentindo a necessidade de dizer aquilo a ele repetidamente. Ela tivera que reprimir a emoção por tanto tempo que era um alívio finalmente poder dividir aquela parte de si mesma com ele.

Com o traseiro já levantado, Kade só precisou segurar seus quadris e investir. Ele não foi gentil nem devagar. Investiu com a ferocidade de um homem completamente sem controle. — Puta merda, você é tão linda —

disse ele com voz rouca. — Tão gostosa. Tão apertada. Tão minha. Nunca mais terei outra mulher. Você é tudo o que eu quero. Sempre foi destinada a ser minha.

O coração de Asha bateu mais forte e o corpo estremeceu quando Kade disse aquelas palavras apaixonadas e possessivas que foram direto ao seu coração.

Envolvendo a cintura dele com as pernas, ela saboreou o ato selvagem, sentindo que estava finalmente onde deveria estar. — Mais forte — pediu ela, querendo se render completamente a ele.

Kade a penetrou com investidas profundas, dominando seus sentidos até que ela sentiu o orgasmo com uma intensidade enorme. — Kade. Kade.

Kade. — Ela gritou o nome dele enquanto o corpo se contraía em volta dele, fazendo com que ele gozasse e inundasse-a com o esperma quente.

Soltando um gemido estrangulado, Kade estendeu os braços e rapidamente soltou os pulsos dela. — Merda, deixei marcas em você.

A respiração de Asha estava pesada quando ela sentiu a circulação voltando aos dedos. — Valeu a pena — disse ela, sabendo que o único motivo pelo

qual tinha marcas era porque Kade a jogara além da razão.

— Nunca — resmungou Kade, deitando-se de costas e puxando-a para perto. — Nunca mais quero deixar uma marca em você.

Asha olhou para as linhas tênues e sorriu. — São marcas de amor. Eu não consegui aguentar — disse ela sem fôlego. — Precisava me agarrar em alguma coisa.

— Na próxima vez, pode se agarrar em mim — respondeu Kade irritado, beijando as marcas no pulso dela.

— Não sei... foi muito excitante. — Asha suspirou e aconchegou-se ao corpo de Kade.

— Não posso trepar com você para que seja submissa — respondeu Kade, passando os braços em volta dela e puxando-a de encontro a si.

— Você pode. Sempre que quiser — respondeu Asha.

Kade sorriu para ela. — Foi tão bom assim, foi?

Ela assentiu e sorriu. — Mudei de ideia. Minha resposta é sim. Você não pode trepar comigo para que eu seja submissa por qualquer motivo que não seja prazer, mas fez amor comigo até que eu visse a razão. Percebi que pertencemos um ao outro. Acho que nós dois tivemos decepções amorosas suficientes na vida. Só quero ser feliz com você. E ainda posso me curar e descobrir quem sou enquanto estou com você. Você é parte de quem eu sou.

Uma das melhores partes.

— Está falando sério? — perguntou Kade. — Diga-me que vai se casar comigo.

Asha se apoiou no cotovelo e sorriu para ele. — Eu vou me casar com você — respondeu ela obedientemente.

Kade rolou o corpo sobre o dela e prendeu seus pulsos sobre a cabeça.

— Diga de novo — exigiu ele.

Asha olhou para o rosto dele, tão forte e intenso, mas com um toque de vulnerabilidade nos olhos.

— Eu vou me casar com você — disse ela mais alto e com uma convicção ainda maior.

— Era inevitável, sabe disso — respondeu Kade em tom mais convencido.

— Era? — perguntou Asha alegremente. Como podia não se sentir em êxtase quando um homem como Kade a amava e queria se casar com ela tão desesperadamente?

— Sim. Eu teria perseguido você até que dissesse sim. Eu nunca desisto.

Ela sorriu para ele com os olhos brilhando de amor. A tenacidade de Kade era uma das coisas que amava nele e tinha certeza de que realmente teria feito aquilo.

Ele saiu de cima dela e deslizou para fora da cama, voltando com uma caixa de veludo. Ele se sentou na cama, ainda nu, e abriu a tampa. — Você merece um pedido de verdade, com flores, velas e um jantar romântico. E

eu lhe darei tudo isso. Mas, por enquanto, pode dizer mais uma vez que vai se casar comigo?

Asha olhou atônita para o anel dentro da caixa. As pedras aninhadas no ouro quase a deixaram cega.

— Vi alguns solitários, mas não eram parecidos com você. Sei que gosta de cores e escolhi este. — Kade tirou o anel da caixa e pegou a mão dela.

A mão de Asha tremia quando Kade colocou o anel em seu dedo. Era tão inacreditavelmente belo que ela ficou sem palavras. No meio, havia um diamante imenso, mas as pedras em volta era uma profusão de cores. —

Sou indiana. O amor pelas cores está nos meus genes — respondeu ela com voz trêmula. — É lindo.

— Quando você conseguiu estas pulseiras? — Kade passou o dedo sobre as pulseiras de ouro finas no pulso dela.

Asha explicou como sempre quisera as pulseiras, mas nunca tivera permissão para usá-las. — Foi a primeira coisa que comprei — explicou ela, ainda passando maravilhada o dedo sobre o anel de noivado. — Estas pulseiras são importantes para uma indiana.

— Vou comprar uma nova toda semana para acrescentar à sua coleção

— disse Kade. — Você nunca mais precisará querer algo que não possa ter, Asha. Eu juro.

Asha afastou o olhar do anel e encontrou o olhar de Kade. Como uma mulher podia ter tanta sorte? Ele era tudo o que ela sempre quisera e muito mais. Passara de vítima solitária de violência doméstica a noiva de um homem que faria qualquer coisa para não magoá-la. Kade lhe daria tudo o que ela quisesse, mas Asha via tudo de que precisava refletido no olhar dele.

— Não quero mais nada — respondeu ela com sinceridade.

Asha colocou os braços em volta do pescoço de Kade e beijou-o, provando sem palavras que o amor dele seria sempre mais do que suficiente.



Capítulo 18



—Acho que o que Devi tentou fazer com que eu entendesse é que o que aconteceu com Ravi foi além da cultura — disse Asha a Maddie uma manhã. Elas estavam sentadas à mesa da cozinha da casa de Maddie. Kade a pedira em casamento duas semanas antes e ela ainda acariciava o anel

com frequência, sem conseguir acreditar que realmente se casaria com um homem como Kade Harrison.

Asha tomou um gole do chá com leite e Maddie bebeu a limonada.

Maddie olhou para Asha, respondendo: — Você entende isso, não é? Seus pais temporários e Ravi tinham problemas que eram muito mais profundos do que só a cultura. E Ravi tinha problemas com a bebida.

Asha fez uma pausa para absorver o que Maddie acabara de dizer e continuou, assentindo: — Kade vai me levar à Índia. Quero saber mais sobre o país do meu pai em primeira mão para que possa contribuir com a fundação e ajudar. Eu sei que a Índia tem uma desigualdade de sexos e uma taxa muito alta de violência doméstica. Sei que há leis para proteger as mulheres, mas que são raramente seguidas. Acho que algumas mulheres simplesmente aceitam isso como seu destino. Tantos anos de lavagem cerebral serão difíceis de superar, mas sei que é possível.

— É porque elas não conhecem nada diferente — comentou Maddie suavemente. — Vejo um pouco da mesma mentalidade aqui nos Estados Unidos, também, nas questões de abuso doméstico. Mulheres demais o aceitam porque a autoestima foi destruída e manipulada pelos homens na vida delas. Infelizmente, é mais comum na Índia do que aqui.

O entusiasmo de Asha pela nova causa era evidente. — Acho que a geração mais jovem está começando a buscar a igualdade entre os sexos, mas ainda há um longo caminho a percorrer. Devi faz um trabalho lá para ajudar as mulheres a lutar pela igualdade e quero fazer parte disso. Também há muitas coisas belas que eu gostaria de ver no país do meu pai.

— Acho que seu pai ficaria orgulhoso de saber que você quer continuar o legado dele — disse Maddie.

Asha assentiu. — Também acho. Mas não é só por ele. Também é por mim. Eu sei como é ser reprimida e punida só porque nasci mulher. Tive sorte de me livrar disso. Ainda estou trabalhando em me livrar dessa bagagem antiga.

— E Kade? — perguntou Maddie.

— O apoio dele é tão incrivelmente grande que ele me faz chorar quase todos os dias. — Asha abriu um sorriso ao dizer aquilo.

Ela tocou nas duas pulseiras novas que Kade já adicionara à sua coleção, espirais de ouro intrincadas com desenhos delicados, uma delas com uma variedade de cores. As duas eram muito mais detalhadas que as que comprara para si mesma e incrivelmente belas. A única discussão que os dois tiveram nas semanas anteriores fora sobre a decisão de Kade em se livrar do carro dela e comprar um novo. A discussão terminara em um pedido de desculpas por fazer aquilo sem o conhecimento dela, mas Kade se recusara a devolver o carro novo, pedindo a ela que o usasse por ele.

Kade fazia com que fosse muito difícil recusar alguma coisa quando sua argumentação girava em volta da segurança dela.

Lembrando-se de outra coisa sobre a qual conversara com a dra. Miller, ela disse a Maddie: — Queria saber se você poderia me recomendar um ginecologista. Minha menstruação está atrasada. Sei que é só por causa do estresse do que aconteceu, mas acho que finalmente preciso saber exatamente por que sou infértil. Será vital para o meu processo de cura e aceitação.

Maddie levantou a cabeça rapidamente e encarou Asha com um olhar penetrante. — Atrasada quanto tempo?

Asha deu de ombros. — Uma ou duas semanas. Não é nada demais.

— E você anda emotiva todos os dias? — perguntou Maddie cautelosamente. — Sentiu-se mal ou teve náuseas? Alguma coisa mais fora do comum?

— O cheiro do alho parece me deixar enjoada ultimamente. Tive que parar de usar alho na comida por enquanto. — Ela olhou para a irmã e o olhar de suspeita no rosto de Maddie a forçou a dizer: — Não estou grávida, Maddie. Você sabe que isso não é possível. Só falei nisso porque acho que

chegou a hora de lidar com a realidade, em vez de continuar a vida sem saber. Preciso saber por que não sou fértil. Depois posso seguir em frente.

Kade aceita o fato de que nunca teremos filhos naturais e nós dois queremos adotar uma criança algum dia. — O coração de Asha ficou mais leve ao pensar nisso. Kade era um homem extraordinário e ela sabia que ele não se importava em não ter os próprios filhos. Ele realmente acreditava que havia tantas crianças precisando de um bom lar que não importava se os filhos tivessem o sangue dele ou não.

Asha ficou assistindo quando a irmã se levantou rapidamente, o mais depressa que uma mulher carregando dois bebês conseguiria. Asha se levantou e segurou o braço de Maddie, ajudando-a a se equilibrar. — O que está fazendo? Você deveria estar descansando — recriminou Asha, sabendo que Maddie estava começando a sentir os efeitos de carregar gêmeos.

— Precisamos ver se você está grávida — disse Maddie empolgada, saindo pela porta da cozinha sem dizer outra palavra.

Asha a seguiu em silêncio, colocando a mão sobre a barriga plana. Não!

Nem mesmo consideraria a possibilidade. — Maddie... eu não deveria ter tocado no assunto. Sei que não estou grávida.

Maddie entrou no banheiro do andar inferior e ignorou-a, vasculhando o armário de remédios até encontrar o que queria. — Asha, não quero ofendê-la, mas seu ex-marido era o cara mais filho da puta do planeta. Acha que ele não mentiria? — Ela entregou a Asha os dois testes de gravidez que tinha na mão e acenou para o vaso sanitário. — Faça xixi. Agora.

Asha segurou os testes de gravidez contra o peito, sentindo o coração galopar selvagememente no peito. *E se...*

— Não estou grávida — disse ela novamente à irmã em tom obstinado.

Um pequeno sorriso se formou nos lábios de Maddie quando ela empurrou Asha de leve para dentro do banheiro. Ao fechar a porta, ela disse baixinho: — Veremos.

Sozinha no banheiro, Asha tirou o primeiro teste da embalagem. Ela estava completamente familiarizada com os testes. Usara muitos deles no início do casamento, triste por não conseguir conceber, mas secretamente



aliviada toda vez que o resultado era negativo. Mas seria diferente desta vez. Agora, ela daria tudo para ver um resultado positivo, mesmo que as chances de isso acontecer fossem praticamente nulas.

Reunindo coragem, ela fez o teste duas vezes.

Kade chegou em casa antes dela naquela noite. Quando Asha entrou na casa, sentiu o cheiro de algo delicioso no ar.

Um homem que cozinha!

Talvez o talento culinário de Kade fosse limitado, mas ele tentava e até mesmo pegara algumas receitas fáceis com Sam.

Asha ficou parada na entrada da cozinha, observando silenciosamente o noivo, maravilhada. Como ela tivera tanta sorte? Apenas alguns anos antes, era uma esposa que apanhava do marido. Agora era a noiva adorada do homem mais maravilhoso do universo. Com a riqueza, a aparência e a personalidade que tinha, Kade poderia ter tido qualquer mulher que quisesse, mas ele a escolhera.

Você merece. Você merece. Asha repetiu o mantra na cabeça, sem saber ao certo se acreditava inteiramente naquilo, mas a dra. Miller dissera que a aceitação viria com o tempo. No momento, ela só se sentia muito sortuda.

Kade virou a cabeça subitamente, como se tivesse sentido a presença dela. — Ei, linda... não vi você entrar — cumprimentou ele alegremente, com os olhos azuis cheios de amor.

— Eu tinha uma visão excelente do seu traseiro e não quis arruiná-la —

disse ela brincando quando ele a envolveu em um abraço, segurando-a pelo traseiro e beijando-a como se não a visse havia meses. Na realidade, ele a vira naquela manhã.

— Fique nua comigo e ficarei feliz em deixá-la olhar o quanto quiser —

sussurrou Kade de forma sedutora em seu ouvido.

Asha quase deixou que ele fizesse aquilo. No momento, a única coisa que queria era ficar o mais próximo possível de Kade. — Jantar —

relembrou ela em tom divertido, com os braços em volta do pescoço dele e segurando-o bem perto de si. Ela já estava sentindo a prova enrijecida de que ele poderia cumprir a promessa com facilidade.

— Está bem. Preciso alimentar você primeiro — resmungou ele, deixando o corpo dela deslizar lentamente para baixo até que estivesse com os pés no chão. — Como foi o trabalho?

Asha revirou os olhos, imaginando se algum dia Kade desistiria de alimentá-la até que quase explodisse. — Reagendei o trabalho para a próxima semana — informou ela cautelosamente.

— Então, onde você estava? Já encontrou outro cara? — As palavras de Kade foram provocantes, mas o olhar estava sério.

— Fui visitar Maddie hoje pela manhã. E depois fui a uma consulta.

Demorou um pouco. — Asha mordeu o lábio inferior, sem saber exatamente como dizer a Kade o que precisava lhe contar.

— Você está bem? — A preocupação nos olhos dele aumentou.

— Estou bem. — Asha colocou a mão no rosto dele, com barba por fazer, e sorriu. — Mas preciso conversar uma coisa com você. Uma coisa importante.

Kade puxou a mão dela e beijou a palma. Desligando todos os botões do fogão, ele pegou uma cerveja e colocou uma garrafa de água sobre a mesa.

Puxando uma cadeira para ela, gesticulou para que se sentasse. Asha se sentou e Kade se acomodou na cadeira à sua direita. — Fale — disse ele, voltando toda a atenção para ela. — Seja o que for, nós resolveremos.

Desde que não esteja planejando me dizer que não se casará comigo nem que vai embora de novo, posso lidar com qualquer coisa.

— Estou grávida. — Asha cuspiu as palavras antes que pudesse pensar no assunto. Elas tinham ficado engasgadas o dia inteiro e ela precisava do apoio da pessoa que mais lhe importava no mundo inteiro. Ao ver o olhar incrédulo dele, ela continuou: — Fui visitar Maddie hoje pela manhã e mencionei alguns sintomas. Ela fez com que eu realizasse o teste. Dois testes. Os dois positivos. Ela deu alguns telefonemas e marcou uma consulta com uma amiga dela, uma obstetra. A médica fez vários exames.

Meu sistema reprodutivo está perfeito e estou grávida. — Ela enterrou o rosto nas mãos. — Ai, meu Deus. Eu sinto muito, Kade. Eu não sabia que ele tinha mentido. Não sabia que podia engravidar. Eu sei que você disse que não sabia se queria...

Kade a tirou da cadeira e colocou-a no colo tão depressa que ela interrompeu o discurso. As lágrimas escorriam por seu rosto, com todas as emoções que batalhavam dentro dela subitamente explodindo ao mesmo tempo.

Choque.

Surpresa.

Raiva.

Alívio.

Arrependimento.

Felicidade.

E muitos outros sentimentos que Asha não conseguiu identificar. —

Deveríamos ter conversado sobre isso, decidido juntos — disse ela com remorso.

Kade levantou a ponta da camiseta e secou as lágrimas dela. — Eu diria que precisou de nós dois para que você ficasse grávida, Asha — disse ele gentilmente. — Por favor, não chore. Você não quer o bebê? — Ele soou inseguro, com um toque de dor e confusão na voz.

— Eu quero. Quero tanto nosso filho que chega a doer. Mas tínhamos planos. E você disse que não sabia se queria um filho seu. Eu nunca deveria ter feito sexo com você até saber a verdade sobre por que não conseguia conceber. E, no fim das contas, eu consegui. Pelo jeito, Ravi mentiu.

— O que não é exatamente uma surpresa — disse Kade em tom frio. —

Que idiota! — Com voz mais gentil, ao colocar a mão com carinho sobre a barriga dela, ele continuou: — Eu também quero este bebê. Eu sei o que disse e poderia ter adotado com facilidade. Mas, agora que sei que você está carregando nossa filha, estou muito feliz. Sei que ela será tão linda quanto a mãe. Acho que estou um pouco maravilhado com o fato de termos feito um bebê. Nosso bebê.

Asha limpou as lágrimas. — Você não quer um menino?

— Não. — Ele sorriu para ela, um sorriso que se espelhou nos olhos, fazendo com que brilhassem felizes. — Mas aceitarei um menino se for o que me der. Ficarei feliz de qualquer forma, querida. Ele ou ela será nosso e é isso que tornará o bebê especial, não importa o sexo.

Asha digeriu aquela informação e sorriu de volta para Kade. — Estou acostumada com homens que só querem meninos. — Fazia parte da cultura indiana querer um menino. Saber que Kade amaria o bebê independentemente do sexo ainda era um choque cultural. Por outro lado,

isso não deveria ser surpresa. Ele era... Kade. — Isso mudará muito nossa vida — advertiu ela.

— Planos são feitos para serem mudados. Quero me casar imediatamente. Eu queria casar logo, de qualquer forma. Esse parece ser um motivo bem convincente para nos casarmos amanhã. — Ele abriu um sorriso malicioso.

Kade estivera tentando convencê-la a ter um casamento rápido desde que ela aceitara. E ela queria esperar um pouco, pois Maddie daria à luz em breve e Asha queria que a irmã participasse do casamento. — Maddie...

— Maddie pode participar se fizermos uma cerimônia íntima na casa dela e de Sam. Colocaremos os pés dela para cima — disse Kade confiante.

— Já falei com Maddie, disse a ela que não conseguiria esperar. Ela ofereceu a casa.

Asha ergueu a sobrancelha. — Ela não me disse nada.

— Pedi a ela que não falasse nada. Eu estava planejando convencer você hoje à noite — respondeu Kade com um sorriso sedutor.

— Você pretende me amarrar à cama de novo? — perguntou Asha ansiosa, corando ligeiramente. — Você tentar trepar comigo para que eu fique submissa. — Ela aceitaria de bom grado.

— Não vou amarrar minha noiva grávida à cama — respondeu Kade em tom firme.

— Não acredito que esteja mesmo grávida — sussurrou Asha, colocando a mão sobre a de Kade, ainda em sua barriga. — Durante todos esses anos, achei que não era capaz. Isso parece tão surreal.

— O que a médica disse? Está tudo bem? Você deveria ter me telefonado. Eu teria ido com você. — Kade soou irritado e preocupado.

— Não pensei nisso. Achei que fosse tudo um engano. Acho que engravidei no escritório de Travis, na pista de corrida. A médica disse que está tudo bem. — Ela hesitou por um minuto e comentou: — Suponho que agora não poderei mais fazer as aulas de direção para tirar a carteira de motociclista.

— Claro que não! — exclamou Kade. — Você não chegará perto nem mesmo de uma bicicleta.

Asha suspirou. — E acho que isso o transformará em um tirano. — A natureza protetora dele provavelmente seria quase intolerável, mas era

proveniente do amor. Aquilo era novidade para os dois. — Você se acostumará — disse ela casualmente. — Nós dois nos acostumaremos.

Kade apertou os braços em volta dela. — Não, não vou. Sam nunca se acostumou. Quanto mais perto Maddie chega da hora do parto, mais louco ele fica. Já me sinto como se estivesse prestes a ter um ataque do coração e o óvulo mal foi fertilizado. Puta merda, preciso pegar emprestado alguns dos livros de Sam sobre parto. E precisamos montar um quarto para o bebê.

E um bebê precisa de roupas e um monte de outras coisas. Esta casa certamente não é segura para crianças. Preciso cuidar disso.

Asha segurou a cabeça dele com as mãos e beijou-o, interrompendo as palavras frenéticas e, com um pouco de sorte, a mente hiperativa. Ela adorava a forma como ele se preocupava o suficiente para cuidar do seu bem-estar e, agora, com o do bebê, mas, quando ficava obsessivo, precisava achar uma forma de acalmá-lo. E beijá-lo parecia ser a única forma de conseguir isso.

Kade retribuiu o abraço quase imediatamente, beijando-a com uma intensidade apaixonada que a deixou sem fôlego. Os dois ficaram ofegantes e Asha deitou a cabeça no ombro dele. — Você terá tempo para fazer tudo

— disse ela. — E a última coisa de que precisa agora é falar com Sam. Ele está um desastre. Maddie terá gêmeos e ele provavelmente contará a você várias histórias de horror sobre o que poderá dar errado. Mulheres têm filhos todos os dias.

— É diferente. A minha mulher não tem o nosso bebê todos os dias — resmungou Kade.

— Eu amo você. Leve-me para a cama — pediu ela naquela voz sensual a qual Kade nunca conseguia resistir. — Poderemos conversar sobre tudo mais tarde. Agora, só quero ficar perto de você.

O alívio pelo fato de Kade realmente querer o bebê tanto quanto ela a deixara tonta de felicidade. E a única coisa que queria era estar unida ao homem que amava da forma mais elementar.

— Comida — argumentou Kade.

— Você — retrucou Asha, colocando a mão sobre a frente da calça dele e gentilmente segurando o pênis rígido. — Estou com fome de você.

Kade rosnou. — Eu também amo você. E você está me provocando, mulher.

— Eu sei. Meu plano é lhe dar um prazer infinito — respondeu ela. — A única coisa de que preciso agora é você dentro de mim.

O corpo grande de Kade estremeceu e todas as defesas dele caíram ao olhar nos olhos dela. — Quero lhe dar qualquer coisa e tudo que fará você feliz. Isto é tudo o que eu quero.

— Então não precisa me dar nada além do seu amor — disse Asha com sinceridade. O coração dela estava refletido nos olhos ao encará-lo.

— Querida, você sempre terá isso — retrucou Kade em tom confiante, levantando-se com ela nos braços.

— Então eu sempre serei feliz. — Asha suspirou enquanto Kade andava na direção do quarto.

Kade não se esqueceu de alimentá-la. Mas eles comeram mais tarde.

Muito mais tarde.



Epílogo



Dois meses depois

—Parece ótimo. Exatamente o que eu faria — disse Kade a Asha em tom encorajador sobre o ombro dela, que olhava para o portfólio financeiro na tela do computador, o portfólio que criara para o filho deles.

Ela explicou a lógica para ele ao fazer os investimentos. Kade a encorajou e destacou os prós e os contras, mas deixou que ela descobrisse as coisas por conta própria depois de começar a pensar como investidora.

Ele ficara consideravelmente mais calmo em relação ao bebê, mas não deixou de se preocupar. Em vez de o comportamento de macho alfa dele irritá-la, na verdade, isso a confortava. Ela estava aprendendo, especialmente com as mulheres em sua vida, como lidar com o comportamento exagerado de Kade. Em sua maioria, Asha se sentia amada e era um sentimento que ela não trocava por nada. Kade a mimava muito.

Em troca, ela tentava fazer o mesmo. Asha achava que não havia nada que pudesse fazer para provar o quanto o amava, mas isso não a impedia de tentar.

Os meses anteriores tinham sido um período de ajuste, mas, estranhamente, não foram difíceis. Considerando que tinham se casado alguns dias depois que ela descobrira que estava grávida, Asha teria esperado algumas rugas. Mas elas não aconteceram. Ela e Kade simplesmente pareciam... encaixar. Eles ficavam mais próximos a cada dia até que ela não conseguiu mais se lembrar de como fora sua vida sem ele.

Nem queria se lembrar. Kade era seu melhor amigo, amante e agora marido e pai do bebê por nascer. Depois de sua história traumática, Asha se sentia

como se estivesse vivendo um sonho, um sonho adorável que torcia para que nunca acabasse.

— Vindo de você, vou aceitar isso como um elogio — respondeu Asha.

— Você é o homem mais inteligente que conheço. — Ela desconectou da conta e levantou-se. — Acho que está na hora de irmos para a casa de Maddie. Mal posso esperar para segurar os bebês novamente.

A irmã dera à luz um pouco antes da hora prevista, mas os dois bebês eram saudáveis, já deixando os pais loucos por terem horários de alimentação diferentes. Ela e Kade tinham se oferecido para dar a Sam e Maddie uma noite de folga para que pudessem sair. Na verdade, não era sacrifício nenhum para eles, pois estavam completamente enamorados pelo sobrinho e pela sobrinha.

— Acha mesmo que conseguiremos tirar um dos dois de perto dos bebês?
— perguntou Kade em dúvida.

— Eles vão sim — respondeu Asha com teimosia. — Os dois parecem esgotados. Precisam de uma folga.

— Sam passou da preocupação com o parto para a preocupação com a universidade que as crianças frequentarão. Isso me deixou pensando...

— Nem comece — advertiu Asha, colocando os braços em volta do pescoço dele. Kade e Sam eram um veneno um para o outro quando começavam a falar sobre os filhos. Quando Simon entrava na conversa, era ainda pior. Todos eles estavam mais do que prontos para planejar os dezoito anos seguintes da vida dos filhos antes mesmo que comessem a andar.

— O que foi? — perguntou Kade em tom inocente, apertando os braços em volta da cintura de Asha. — Só estamos pensando no futuro deles.

— Você pode esperar até que eles tenham alguma opinião sobre esse futuro — disse Asha em tom firme. — Posso lhe dizer, por experiência própria, que é horrível ter o futuro planejado para você.

— Eu nunca faria isso — retrucou Kade. — Você sabe que eu nunca forçaria nosso filho a nada.

Asha sabia disso. — Desculpe. É um assunto delicado. Eu sei que você não faria isso. — Kade estava empolgado e ela não queria matar aquele sentimento. — São as minhas inseguranças. Não é você. São os hormônios.

Parece que estou sempre rabugenta, chorando, com fome ou excitada.

— Mas você é linda com qualquer humor — lembrou Kade com um sorriso. — Mas prefiro quando está excitada.

Asha deu uma risada. Não importava o seu humor, Kade conseguia mudá-lo de irritado para excitado em questão de segundos. Ela olhou com um suspiro para o rosto bonito e os olhos azuis que amava tanto. — Minha alma gêmea. Eu também prefiro esse humor — disse ela com um sorriso.

— Você é minha alma gêmea, Asha. Lembra-se de quando me perguntou se eu acreditava que havia uma pessoa para cada um de nós? Eu não sabia direito o que achava na época, mas agora sei. Se eu ficar muito chato, lembre-se de que não consigo mais viver sem você.

Asha assentiu. — Eu sei. Eu me sinto da mesma forma. — Ela levantou o pé e colocou-o sobre a cadeira. — Refiz a minha tatuagem. — A tatuagem de henna sumira e ela a substituíra por outra imagem, usando materiais que sabia que eram seguros para o bebê.

Kade estudou a tatuagem por um momento até reconhecer a imagem. —

Você a mudou inteiramente. É uma fênix em ascensão, como a minha.

— Não me sinto mais uma borboleta — admitiu ela. — Sinto como se tivesse nascido de novo e estou pronta para começar a viver pela primeira vez. Por causa de você. Uma borboleta é frágil demais. Sou mais forte que isso.

Kade ergueu o queixo dela e beijou-a. — Você é forte. A mulher mais forte que já conheci. — Ele passou o dedo sobre a fênix delicada. — Há

pouquíssimas pessoas corajosas o suficiente para fugir do condicionamento pelo que passou e tornar-se uma nova pessoa, não importa o quanto isso custe.

— Não fui corajosa. Só estava sobrevivendo — disse Asha perplexa.

— Algumas vezes, sobreviver é algo muito mais corajoso do que a alternativa — disse Kade em tom sério. — Você é um milagre. O meu milagre.

Asha achava que era o contrário. — Você me salvou.

— Você me salvou, querida — discordou ele.

— Talvez devêssemos apenas dizer que salvamos um ao outro —

retrucou Asha, sabendo o papel importante que Kade tivera em fazer com que ela começasse a juntar os pedaços da vida destruída.

— A fênix é perfeita. Você tem razão. A borboleta é frágil demais —

comentou ele. — E você está finalmente voando.

— Ainda não. Mas estou me esforçando.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para que você voe mais alto? —

perguntou Kade em tom solene. Ele apoiou a cabeça dela no ombro e balançou-a gentilmente. O abraço foi reconfortante.

— Basta me amar — murmurou ela.

— Então pode ter certeza de que você estará sempre voando bem alto —

respondeu ele.

Asha se afastou para olhar novamente para a fênix e percebeu que Kade tinha razão. A borboleta que não conseguia escapar do casulo finalmente desaparecera, dando lugar a uma criatura mitológica que sempre estaria

voando. No momento, a fênix mal saía das cinzas, mas, com o amor de Kade, logo ela estaria voando bem alto para o resto da vida.

Como poderia não voar? Asha se casara com um homem que a amava e que quisera se casar com ela mesmo quando achava que era infértil, mas ficara em êxtase com a ideia de terem um filho não planejado. Kade a amava incondicionalmente e aquilo a deixava maravilhada todos os dias.

— Eu amo você — sussurrou ela ao beijar gentilmente a linha forte do maxilar de Kade. Era como se ela não conseguisse repetir aquelas palavras vezes o bastante. Elas estiveram presas dentro dela por tanto tempo que só o que queria era dizer a ele o quanto era importante todos os dias, várias vezes.

Kade a abraçou com mais força e ela colocou o pé no chão para se equilibrar.

— Você sabe muito bem o que ouvir essas palavras faz comigo —

rosnou ele, dando-lhe uma palmada de leve no traseiro.

Ela sabia, mas disse mesmo assim porque precisava. E adorava as consequências.

Kade lhe disse que a amava ao tirar suas roupas e levá-la para o quarto.

Eles chegaram um pouco tarde para cuidar dos bebês naquela noite, mas Sam e Maddie não disseram nada. A irmã deu uma olhada rápida nos lábios inchados, nos cabelos desarrumados e no sorriso feliz de Asha, dando uma piscadela quando acompanhou Sam relutantemente para fora da casa.

Asha piscou de volta, sorrindo ao fechar a tranca da porta atrás deles.

Ela entrou na sala de estar e encontrou Kade segurando os dois bebês, um em cada braço. Os três estavam adormecidos. O coração dela deu um

salto ao ver a forma protetora como ele segurava as crianças, um braço em volta de cada corpinho.

Raramente os gêmeos dormiam ao mesmo tempo, mas Kade parecia ter um toque mágico. Asha foi até o sofá e encolheu-se ao lado de Kade, deitando a cabeça na perna dele.

Foi um daqueles momentos em que tudo na vida dela estava perfeito.

Ela estava com Kade, o sobrinho e a sobrinha.

Uma família de verdade!

Asha sabia que finalmente encontrara o lugar a que realmente pertencia.

Durante toda a vida, ela só quisera um lar de verdade. Finalmente, percebeu que lar não era só um lugar. Era um estado mental. E era *ele*. A vida realmente se resumia ao amor e, enquanto estivesse com Kade, Asha sempre estaria em casa.

~ Fim ~



J.S. Scott “Jan” é autora de romances eróticos *best-sellers* do New York Times, do Wall Street Journal e do USA Today. Ela é também leitora ávida de todos os tipos de livros e literatura. Ao escrever sobre o que ama ler, J.S.

Scott cria romances contemporâneos quentes e romances paranormais. Eles são geralmente centrados em um macho alfa e têm sempre um final feliz, já que ela simplesmente não consegue escrever de outra forma! Ela mora nas belas Montanhas Rochosas com o marido e os dois pastores alemães mimados.

[Acesse: http://www.authorjsscott.com](http://www.authorjsscott.com)

Facebook Oficial: <http://www.facebook.com/authorjsscott>

Facebook Oficial no Brasil: <https://www.facebook.com/J.S.ScottBrasil>

Instagram: www.instagram.com/j.s.scottbrasil

Você também pode tuitar: [@AuthorJSScott](https://twitter.com/AuthorJSScott)

Para receber notícias sobre lançamentos, vendas e sorteios, assine o boletim informativo em <http://eepurl.com/KhsSD>

Livros em português de J. S. Scott

Série A Obsessão do Bilionário:

A Obsessão do Bilionário: A Coleção Completa (Simon) O Coração do Bilionário (Sam)

A Salvação do Bilionário (Max)

O Jogo do Bilionário (Kade)

Procure a história de Travis,
em breve.

Série Um romance dos Irmãos Walker:

Liberte-se! (Trace)

O Playboy! (Sebastian)

Série Os Sinclair:

Um bilionário raro (Dante),
em breve

OceanofPDF.com

Document Outline

- [Prólogo](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Epílogo](#)
- [Biografía](#)

[OceanofPDF.com](#)